

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
**ANÁLISES DISCURSIVAS, TEXTUAIS E ENUNCIATIVAS**

**Rosana dos Santos Oliveira**

**O SIGNO MULTIMODAL: UMA LEITURA SAUSSURIANA**

**Porto Alegre**

**2022**

Rosana dos Santos Oliveira

**O SIGNO MULTIMODAL: UMA LEITURA SAUSSURIANA**

Dissertação em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Luiza Ely Milano

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

dos Santos Oliveira, Rosana  
O signo multimodal: uma leitura saussuriana /  
Rosana dos Santos Oliveira. -- 2022.  
99 f.  
Orientadora: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Signo linguístico. 2. Multimodalidade. 3.  
Linguística saussuriana. 4. Gesto. 5. Prosódia. I. Ely  
Milano, Luiza, orient. II. Título.

Rosana dos Santos Oliveira

**O SIGNO MULTIMODAL: UMA LEITURA SAUSSURIANA**

Dissertação em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 12 de janeiro de 2022.

Resultado: Aprovação com conceito A

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luiza Milano  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alessandra Vieira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabiana de Oliveira  
Universidade Federal de Ciências da Saúde (UFCSPA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Valério  
Universidade de Passo Fundo (UPF)

*A todos aqueles que sempre  
acreditaram em mim, em especial a minha  
família e aos meus pacientes.*

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Luiza Milano, por todos esses anos de orientação e amizade. Obrigada pela compreensão e carinho de sempre. O nascimento do signo multimodal só foi possível pelas nossas construções clínicas e em pesquisa.

Aos meus pais, Elis e João Luiz, por sempre acreditarem em mim. Vocês foram os meus maiores incentivadores desde sempre e, graças a isso, nossas vidas seguem em constante mudança. Serei eternamente grata!

Ao Nicolas, pelo incentivo, cuidado e carinho durante esses últimos meses. Foi muito bom te encontrar na vida e contar com a tua compreensão em dias difíceis e de muito trabalho. O futuro é nosso!

Aos meus amigos, em especial à Tâmis, à Rutieli, à Gisele, à Joana, à Bianca e ao Guilherme, que acompanharam toda a trajetória de mestrado e demonstraram o verdadeiro sentido da palavra amizade, compreendendo minha ausência física e auxiliando a me manter firme até a conclusão desta dissertação. A vocês, o meu carinhoso agradecimento!

A todos os colegas do grupo de pesquisa *O Rastro do Som em Saussure*, pela parceria, estudos e trocas interdisciplinares. O signo multimodal, pensado nos seus aspectos teórico-práticos, só foi possível graças à colaboração de cada um de vocês!

Aos meus pacientes e suas famílias, a minha gratidão pela confiança e pelas trocas realizadas. Vocês me movem a criar problemas de pesquisa a partir do que trazem, diariamente, na clínica. O signo multimodal é fruto do que construímos em cada atendimento!

À banca examinadora deste trabalho, Alessandra Vieira, Fabiana de Oliveira e Patrícia Valério, pela disponibilidade em realizar a leitura atenta e cuidadosa das produções aqui desenvolvidas. Obrigada pelo tempo destinado a isso!

Por fim, àquela que, desde a infância, fez brotar em mim o desejo de ser fonoaudióloga e de estar valorando as produções sógnicas multimodais: a guerreira tia Gringa. Nena, toda a minha vida clínica e acadêmica devo ao que tu sempre me fizeste despertar. Te amo infinitamente!

## RESUMO

Quando as possibilidades de comunicação não podem ser colocadas em palavras ou, ainda, quando elas se manifestam de maneira muito disforme, como estaria se organizando a língua? Foi a partir desse principal questionamento que a presente dissertação de mestrado ganhou vida. Movidas pela inquietação que a linguagem – logo, a língua – nos provoca constantemente, especialmente quando observamos e estudamos casos na clínica de linguagem, nos parece que a multimodalidade ocupa lugar de destaque nas produções sógnicas de sujeitos com dificuldades na oralização da fala. Nosso objetivo, neste trabalho, é poder propor um conceito de signo que abranja as diversas materialidades através das quais a língua possa vir a se atualizar, contemplando elementos multimodais – principalmente gesto e prosódia - atravessados pela leitura linguística de base saussuriana. Para isso, contamos com três capítulos abordando, nesta ordem, noções importantes à multimodalidade, ao signo linguístico saussuriano e, por fim, a uma possível teorização da proposta de signo multimodal. Nosso trabalho se baseia na interlocução entre aspectos teóricos e práticos, a qual conta com a revisão teórica de trabalhos que versam sobre a multimodalidade e o signo saussuriano, assim como a utilização de vinhetas clínicas oriundas de atendimentos fonoaudiológicos. Tais vinhetas foram coletadas em situações clínicas e registradas em diário de pesquisa, a fim de melhor ilustrar e amparar nossos deslocamentos teóricos-clínicos. Acreditamos que definir e validar o conceito de signo multimodal, a partir de uma leitura que suporte o diferente, é poder dar voz a quem coloca a língua em uso apoiando-se em diversos recursos comunicativos. Nesse sentido, o presente trabalho busca auxiliar a escutar e a atribuir valor ao que destoa do esperado, considerando a linguagem “multiforme e heteróclita” (SAUSSURE, 2012, p.41) em suas infinitas possibilidades de se fazer presente entre os sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** signo linguístico; multimodalidade; linguística saussuriana; gesto; prosódia.

## ABSTRACT

When the possibilities of communication cannot be supported by words or even when they are manifested in a very shapeless way, how would the language be organized? It was from this main questioning that this master's dissertation came to life. Moved by the unsettlement that language - thus, tongue - provokes constantly, especially when observing and studying cases in a scenario regarding speech language clinic, it seems to us that the multimodality occupies a prominent place in signic productions of individuals with difficulties in the oralization of language. Our objective in this work is to be able to consider a sign concept that encloses the many sorts of materialness through which language can come up, contemplating multimodal elements - mainly gesture and prosody - permeated by a reading based on the Saussurean linguistics. For this, we have three chapters addressing, in the following order, important notions regarding multimodality, the Saussurean linguistic sign and, finally, a possible theorization and proposition upon a multimodal sign. Our work is based on the dialogue between theoretical and practical aspects, which counts on the theoretical review of works that focus on multimodality and the Saussurean sign, as well as on the use of clinical vignettes from speech pathology treatment sessions. Such vignettes have been collected in clinical context and have been registered in a research journal in order to better illustrate and support our theoretical-clinical displacements. We believe that defining and validating the concept of multimodal sign from a reading that supports the differences is to be able to give voice to who makes language work relying on diverse communicative resources. In this sense, the present work aims to assist on listening to and on attributing value to what distunes from expectations, considering language “multiform and heteroclite” (SAUSSURE, 2012, p.41) in its infinite possibilities of making itself present among individuals.

**KEYWORDS:** linguistic sign; multimodality; Saussurean linguistics; gesture; prosody.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Ilustração do signo linguístico contida no Curso de Linguística Geral .....	51
<b>Figura 2</b> – Flecha partindo do significante em direção ao significado: .....	58
imagem representando como os alunos de Saussure desenharam o signo linguístico, com flecha partindo da porção significante em direção ao significado .....	58
<b>Figura 3</b> - Esquema das massas amorfas.....	82
<b>Figura 4</b> – Comparativo entre o signo com barra fixa e o signo com barra permeável .	88

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – <i>Continuum</i> de Kendon.....	26
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 A MULTIMODALIDADE.....</b>	<b>16</b>
1.1 Considerações iniciais sobre a multimodalidade.....	16
1.2 A multimodalidade .....	17
1.3 Os primeiros tempos da multimodalidade .....	21
1.4 O gesto e a multimodalidade.....	24
1.5 A prosódia e a multimodalidade .....	30
1.6 Multimodalidade em situações clínicas fonoaudiológicas.....	36
1.7 Encaminhamentos .....	38
<b>2 O SIGNO LINGUÍSTICO .....</b>	<b>40</b>
2.1 Aspectos introdutórios .....	40
2.1.1 Sobre as fontes mobilizadas .....	40
2.2 Linguagem, língua e fala .....	42
2.3 O signo linguístico a partir da abordagem saussuriana.....	47
2.3.1 Os componentes do signo: significante e significado .....	52
2.3.2 Sobre o arbitrário do signo .....	55
2.3.3 A permeabilidade do significante .....	57
2.3.4 Sobre o valor linguístico: recorte e delimitação de unidades .....	59
2.3.5 Sobre as relações sintagmáticas e associativas.....	63
2.4 A gestualidade a partir de um viés linguístico .....	64
2.5 Uma abordagem linguística da escuta .....	67
2.6 Encaminhamentos .....	70
<b>3 O SIGNO MULTIMODAL .....</b>	<b>71</b>
3.1 Afinal, o que podemos considerar como signo multimodal?.....	72
3.1.1 Gestualidade .....	74
3.1.2 Prosódia .....	76
3.2 A escuta do signo multimodal.....	79
3.3 Um olhar saussuriano ao signo multimodal: aspectos teóricos e práticos .....	80
3.3.1 O valor linguístico .....	81
3.3.2 O arbitrário do signo.....	83
3.3.3 Relações associativas e sintagmáticas .....	86
3.4 A permeabilidade do signo multimodal: aspectos prosódicos e gestuais .....	87
3.5 Encaminhamentos .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

Nos encontramos no mundo como seres de linguagem. Seres, esses, que falam e pedem para ser escutados. Mas, quando as possibilidades de comunicação não podem ser colocadas em palavras ou, ainda, quando elas se manifestam de maneira muito disforme, como estaria se organizando a língua? É a partir desse questionamento que a ideia de pesquisar acerca do que seria o conceito de signo multimodal nasceu. Brevemente, contextualizaremos o percurso que nos trouxe até a sua construção teórica.

Sempre fomos movidas, ao longo de nossa trajetória clínica e acadêmica, pelas inquietações que a linguagem é capaz de provocar, assim como pelas imensas possibilidades de se estar no mundo permeadas por ela. A partir dos estudos e discussões realizados junto ao grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure* – coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Luiza Milano e composto por estudantes das áreas de letras, psicologia e fonoaudiologia – pudemos estabelecer um diálogo interdisciplinar ainda mais consistente para abordarmos as questões teóricas e práticas que permeiam a língua e a linguagem.

Em 2013, ao escrevermos o trabalho de conclusão de curso em fonoaudiologia intitulado *Princípios metodológicos da transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas* (OLIVEIRA, 2013), associadas à experiência clínica com pacientes nos quais a oralidade se manifestava de maneira muito disforme e “repetitiva”, nos pareceu que a multimodalidade apresentava importante papel na comunicação de tais sujeitos. Nossa grande questão, naquele momento, estava calcada na certeza de que, ali, existia organização e produções linguísticas, porém, manifestadas de maneiras um tanto peculiares. Percebíamos que tais sujeitos compreendiam o que lhes era dito e, a partir de diferentes contornos prosódicos e do uso de gestos, forneciam uma materialidade expressiva muito passível de ser compreendida. Com o decorrer de nossa prática clínica, passamos a nos questionar: como a estruturação e organização da língua poderia estar acontecendo nesses e em outros tantos casos em que a expressão oral não ocorre dentro de manifestações fônicas tradicionalmente esperadas? Existiriam signos linguísticos aí implicados? Se sim (e estávamos convictas disso), como estaria estruturada a porção significativa das unidades mobilizadas? E mais: qual seria o estatuto linguístico de tais produções sgnicas?

Observando os recursos utilizados por alguns pacientes para se fazerem compreender, principalmente apoiados na prosódia e na gestualidade, ao longo da escrita

de nosso trabalho de conclusão de curso, chegamos à proposição da terminologia “signo multimodal”. Ao colocarmos em cena a clássica frase de Saussure “a linguagem é multiforme e heteróclita” (2012, p.41), percebemos que, na clínica de linguagem, tal afirmação se mostra ainda mais evidente, e a teorização do conceito de signo multimodal necessária. Essa particularidade da construção sónica, comportando a multimodalidade fundamental para que os signos pudessem ser validados como tais, nos fez chegar a tal proposta que, naquele momento de pesquisa, não recebeu um maior aprofundamento teórico. É neste sentido que o presente trabalho apresenta sua maior contribuição: avançar em relação à teorização do conceito de signo multimodal.

Uma ressalva importante necessita ser feita. Nosso principal objeto de pesquisa envolve dois conceitos teóricos extremamente amplos: o signo – pensado no sentido saussuriano do termo – e a multimodalidade. Isso implica recortes metodológicos necessários e que, conseqüentemente, trazem a exclusão de diversas questões envolvendo cada um desses conceitos. A partir do nosso olhar teórico-clínico, optamos por selecionar, dentro do conceito de multimodalidade, os recursos multimodais que mais observamos durante os atendimentos fonoaudiológicos: o gesto e a prosódia. Já do ponto de vista do signo, um recorte foi produzido na obra saussuriana, em especial, no que diz respeito mais diretamente à definição de signo, mas também enquanto base conceitual necessária para determinar a definição de unidade. Para, então, podermos construir um maior aprofundamento teórico a respeito do signo multimodal, optamos por escrever o presente trabalho em três capítulos, os quais descreveremos a partir de agora.

No capítulo um, denominado *A multimodalidade*, revisitaremos diversos estudos que abordam o tema em questão, indo desde a sua definição até os elementos que a compõem. Conforme apontado anteriormente, grande destaque será dado aos componentes gestuais e prosódicos devido à relevância dos mesmos para a nossa construção teórica. Optamos por selecionar textos de grandes referências mundiais na área, como de Kendon (1982, 1988, 1996, 1997, 2004, 2008), McNeill (1985, 1992, 2000, 2006, 2010), Scarpa (1999, 2005, 2009, 2012) e Dodane (2015, 2018, 2020), assim como outros diversos autores que construíram seus estudos baseados em tais propostas e que, junto a isso, possam contribuir para nossa reflexão acerca do conceito de signo multimodal. Ao longo do capítulo, traremos a multimodalidade pensada em seus primeiros tempos – especialmente no que versa sobre a aquisição de linguagem –, bem como diversos estudos que associam os aspectos multimodais a situações clínicas. Um ponto de convergência entre todas as obras selecionadas é a consideração da linguagem

– e, para alguns autores, da própria língua – como sendo de natureza multimodal, o que muito se aproxima de nossa proposta.

Já no capítulo dois, intitulado *O signo linguístico*, trataremos a abordagem desse célebre conceito a partir de diversas referências teóricas saussurianas – perpassando, principalmente, o conhecido *Curso de Linguística Geral* (2012) e dois dos manuscritos de Saussure presentes na obra *Escritos de Linguística Geral* (2002) – *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* e *Outros Escritos de Linguística Geral*. Somado a isso, visitaremos obras de autores que pautaram seus estudos nessa mesma base teórica e que muito têm a contribuir para pensarmos a noção de signo. Sua definição, características e os princípios envolvidos para a delimitação da unidade linguística estarão descritos ao longo do capítulo, assim como as noções de linguagem, língua e fala, fundamentais para que possamos abordar tanto o signo linguístico quanto o signo multimodal. Duas contribuições teóricas de autoras contemporâneas foram acrescentadas ao capítulo: a gestualidade pensada a partir de um viés linguístico (FRYDRYCH, 2013, 2020) e a abordagem linguística do conceito de escuta (STAWINSKI, 2019, 2020), visto que é impossível realizarmos um trabalho de orientação saussuriana associado à multimodalidade sem nos referirmos a tais obras e autoras, com as quais realizamos trocas fecundas no percurso do mestrado, visto que compartilhamos ideias no interior do mesmo grupo de pesquisa.

Por fim, o capítulo três, *O signo multimodal*, tem por objetivo dar ênfase à teorização do conceito que desenvolveremos: o de signo multimodal. Neste último capítulo, estaremos costurando aspectos teóricos elencados no decorrer do trabalho a pequenos trechos de vinhetas clínicas fonoaudiológicas<sup>1</sup>, a fim de ilustrarmos o signo multimodal através de um viés teórico-prático. A partir de nossa revisão bibliográfica frente aos conceitos de multimodalidade e de signo linguístico, construímos nossas considerações frente à prosódia e à gestualidade atravessadas por uma leitura linguística de base saussuriana. Para ser possível tal construção, o conceito de escuta foi-nos indispensável, assim como um olhar saussuriano às questões envolvendo a multimodalidade.

---

<sup>1</sup> As vinhetas não só ilustram, mas também amparam os deslocamentos teóricos-clínicos propostos nesse trabalho, assim como representam a oportunidade de pôr à prova, no terreno da prática clínica, nossas hipóteses teóricas.

Finalmente, salientamos a importância das reflexões mobilizadas por este trabalho para as áreas da linguística e da fonoaudiologia. Validar a existência de um signo multimodal é poder dar voz a quem coloca a língua em uso apoiando-se em diferentes recursos comunicativos. Nesse sentido, o presente trabalho busca auxiliar a escutar e a atribuir valor ao que destoa do esperado, considerando a linguagem em suas infinitas possibilidades de se fazer presente entre os sujeitos. Logo, acreditamos que o signo multimodal é um conceito que necessita ser definido e teorizado.

## **1 A MULTIMODALIDADE**

Neste capítulo, apresentaremos noções fundamentais que permeiam o conceito de multimodalidade e que, para a sustentação e o desenvolvimento de um possível conceito de signo multimodal, se fazem necessárias. Apontaremos algumas considerações importantes sobre a multimodalidade, envolvendo sua conceituação, sua emergência durante os primeiros tempos no desenvolvimento infantil e também sua manifestação em situações clínicas. Focaremos, em especial, nas noções de gesto e prosódia a partir de estudos que já nos fornecem importantes fontes teóricas acerca dos mesmos. Iniciemos, então, nossa discussão.

### **1.1 Considerações iniciais sobre a multimodalidade**

A partir de nossa trajetória clínica e de pesquisa, temos nos questionado sobre as diferentes possibilidades de expressar, de se fazer compreender, produzidas pelos pacientes em terapia fonoaudiológica. Isso porque, desde o início de nossa trajetória, a inquietude e a curiosidade frente à gestualidade e à prosódia ocupam espaço importante em nosso fazer clínico, principalmente em casos nos quais a fala dos pacientes se apresenta muito disforme. Desde então, viemos observando que tais elementos ocupam importante lugar no dizer dos sujeitos, independentemente de idade e questões diagnósticas.

Muitos entraves se fizeram (e ainda se fazem) presentes para que a conceituação de signo multimodal pudesse ser realizada. Inicialmente e de fundamental importância, foi preciso nos debruçarmos sob o conceito de multimodalidade. No entanto, ao realizar a busca bibliográfica, nos deparamos com uma vastidão de estudos envolvendo e relacionando a multimodalidade às mais diversas áreas, tais como psicologia (e suas diferentes abordagens – psicolinguística e cognitivismo, principalmente), semiótica, comunicação digital, ensino e educação, clínica fonoaudiológica (em diferentes quadros diagnósticos e em diferentes idades), aquisição de linguagem, línguas de sinais, dentre muitas outras. Nos coube, então, realizar um recorte importante e que será abordado neste primeiro momento.

Inicialmente, optamos por conceituar o termo multimodalidade a partir de dois autores que, na extensa maioria dos trabalhos, estão referenciados como os grandes nomes da área, principalmente no que se relaciona aos gestos: Kendon e McNeill. Depois,



selecionamos trabalhos que estivessem relacionados a uma (ou ambas) áreas que esta dissertação tem como foco – linguística e fonoaudiologia – a partir de referências brasileiras e estrangeiras (nas línguas portuguesa, inglesa, francesa e espanhola). Como foco principal, dentro da vastidão do campo multimodal, traremos as noções de gestualidade e prosódia, bem como seus deslocamentos clínicos e linguísticos, já abordados por diferentes autores de ambas as áreas. Iniciemos pela conceituação do que, tradicionalmente, é descrito acerca da multimodalidade.

## 1.2 A multimodalidade

Como já referido, o conceito de multimodalidade é referenciado principalmente a partir de Kendon e McNeill em diversos estudos. Muitos trabalhos já foram e estão sendo desenvolvidos a partir de suas contribuições, englobando diferentes temáticas e áreas de atuação – dentre elas, a linguística e a fonoaudiologia. Inicialmente, pensamos ser fundamental realizar uma pequena retomada teórica acerca do que vem sendo teorizado no que diz respeito à multimodalidade para que, posteriormente, possamos nos debruçar frente às questões mais específicas que a envolvem.

Kendon<sup>2</sup> (2004) aponta que, em 1955, com o avançar da tecnologia e o estudo de gravações sincrônicas de áudio e vídeo realizadas por psicólogos e psiquiatras a partir de sessões clínicas, a multimodalidade presente na comunicação humana passou a ganhar destaque e interesse. Logo, o gesto também passou a ser mais estudado. O autor defende a complementariedade entre gesto e fala, envolvendo as mãos, o corpo, o rosto, a voz e a boca, visto que as expressões sinestésicas e auditivas se encontram muito ligadas na elaboração de enunciados (2008). Kendon (2008) ainda afirma que mesmo a linguagem verbal, repleta de sonoridade, nunca é composta apenas por palavras, sendo possível observar que a multimodalidade se presentifica desde muito cedo no desenvolvimento infantil<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Adam Kendon é um dos autores mais importantes no que diz respeito ao estudo do gesto e, por consequência, aborda questões envolvendo a multimodalidade. Em seus estudos observa-se o interesse pelas teorias sobre a origem da linguagem, língua de sinais, gestualidade e interações face-a-face. No que diz respeito à sua formação, transitou pelas áreas de fisiologia, zoologia, botânica e psicologia experimental. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7rINjkSLcQ8>

<sup>3</sup> Traremos a abordagem de Kendon mais detalhadamente ao abordarmos a gestualidade pensada a partir da multimodalidade na seção 1.4 deste capítulo.

McNeill<sup>4</sup> (1985) defende que o funcionamento da língua é sempre multimodal e que gesto e fala ocorreriam em uma sincronia temporal (MCNEILL, 1992). Ainda, aponta que diferentes recursos podem ser considerados como multimodais junto à gestualidade, tais como: postura corporal, conhecimento partilhado, conhecimento de mundo, direcionamento do olhar, prosódia, expressões faciais em geral, dentre outros<sup>5</sup>.

Andrade e Alves (2020) sintetizam, de maneira interessante, a definição de multimodalidade a partir dos trabalhos de Kendon (1982) e McNeill (1985), dizendo que ela “[...] representa um conjunto de ferramentas consideradas multimídia, ou seja, um cabedal de recursos que estão à disposição dos falantes para serem utilizados juntamente com a linguagem verbal” (ANDRADE; ALVES, 2020, p.243).

Segundo Cunha *et al.* (2020), o termo multimodalidade ainda é novo no campo dos estudos linguísticos, podendo se referir às relações imagem/verbal e gesto/fala. No interior do termo, cabe investigar aspectos como: atenção conjunta, intencionalidade compartilhada, gestualidade, expressões faciais e elementos prosódicos – todos eles sempre associados à produção de fala. As autoras inserem o multimodal dentro do desenvolvimento global, assim como aspectos motores, linguísticos, cognitivos, comportamentais, sociais e de aprendizagem.

Iverson (2010) considera a comunicação um fenômeno multimodal. Segundo ela, durante as interações, há uma fluida e complexa relação entre a fala e os movimentos nas suas mais variadas formas, incluindo gestos, expressões faciais, mudanças no olhar e posicionamento de cabeça. Haveria, assim, uma interdependência cognitiva entre gesto e fala desde muito cedo, presentificada por meio de “coordenações comportamentais multimodais”<sup>6</sup> (IVERSON, 2010, p. 270) – e, com o avançar da comunicação, esta sofreria um refinamento e um fortalecimento – sendo a expressão comunicativa, desde o início, multimodal.

Barros e Fonte (2016) também acreditam que a comunicação humana é constituída por diversos elementos multimodais, tais como: fala, mímicas faciais, gestos e mudanças corporais. Segundo as autoras, dependendo do contexto interativo dos sujeitos que estão em cena, um ou outro desses elementos pode se fazer mais saliente. Fonte e Silva (2020),

---

<sup>4</sup> David McNeill é um psicólogo e pesquisador americano especialista em psicolinguística. Seu interesse acadêmico e produções voltam-se, principalmente, ao estudo da linguagem e sua associação com o pensamento e com os gestos nas produções discursivas. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/David\\_McNeill](https://en.wikipedia.org/wiki/David_McNeill)

<sup>5</sup> Também abordaremos com mais consistência as colaborações de McNeill no momento em que falarmos mais especificamente sobre os gestos, na seção 1.4 deste capítulo.

<sup>6</sup> No original, em inglês, “multimodal behavioral coordinations” (IVERSON, 2010, p. 270).

ao abordarem a indissociabilidade entre gesto e fala, consideram a gestualidade e a produção vocal como duas facetas de uma mesma matriz de significação<sup>7</sup>, havendo sincronia semântica e temporal de diferentes aspectos multimodais da linguagem. Para Quek *et al.* (2002) o gesto também abrange a expressão facial e as trocas de olhares.

Haquin *et al.* (2016) ao observar os recursos multimodais utilizados em narrativas, resumem, de maneira muito interessante, o que seria a multimodalidade associada à comunicação:

Desse modo, a multimodalidade se traduz principalmente em uma abordagem que permite pensar a interação comunicativa, atentando para os diferentes recursos utilizados, atribuindo a cada um deles uma importância relevante a partir dos significados que contribuem para a comunicação. (HAQUIN et al, 2016, p.74 – tradução nossa)<sup>8</sup>

Iverson (2010) menciona, por diversas vezes, o termo “sistema gesto-fala” em seu texto. Em outras palavras, poderia se dizer que gesto e fala são bem sincronizados um com o outro, sendo temporalmente coexpressivos. Ao longo do trabalho intitulado *Multimodality in infancy: vocal-motor and speech-gesture coordinations in typical and atypical development*, a autora vai demonstrando a robustez dessa indissociação no adulto, no processo de aquisição de linguagem e em casos diagnósticos (como autismo e síndrome de down)<sup>9</sup>. Ao finalizar, aponta para a importância de estudos que possam abordar questões para além da materialidade da fala<sup>10</sup>.

Em diversos trabalhos recentes (ANDRADE; ALVES, 2020; CUNHA *et al.*, 2020; FONTE; SILVA, 2020; LIMA; FARIA, 2020) é possível observar os conceitos “matriz de linguagem”, “matriz de significação” ou “matriz multimodal”, podendo ser definidas como sinônimas. No estudo de Andrade e Alves (2020) temos um bom resumo do que seria ela: “[...] a matriz da linguagem se constitui pela presença das produções vocais e gestual que, ao serem integradas, formam um sistema de significação que contribui para produção de sentido na relação entre os sujeitos.” (p.243). A indissociabilidade entre gesto e fala encontra-se aí implicada.

---

<sup>7</sup> Nesta mesma seção, explicaremos do que se trata a “matriz de significação”.

<sup>8</sup> No original: “De esta manera, la multimodalidad se traduce principalmente en un enfoque que permite plantear la interacción comunicativa poniendo atención a los diferentes recursos empleados, otorgando a cada uno de ellos una importancia relevada a partir de los significados que aporta a la comunicación.” (HAQUIN et al, 2016, p.74)

<sup>9</sup> Exploraremos melhor suas contribuições posteriormente, ao abordarmos as relações entre o período sensorio-motor e a gestualidade, na seção 1.3 deste capítulo.

<sup>10</sup> É importante pontuar que a autora não menciona quais aspectos para além da materialidade de fala se fazem importantes considerar. Aqui, a partir do que acreditamos e que será a base de nossa proposta de signo multimodal, diríamos que seriam gestualidade, prosódia e direcionamento do olhar.

Associando língua e multimodalidade, seguimos o que Andrade e Alves (2020) propõem em sua afirmação, na qual “[...] todo enunciado linguístico comporta inúmeros recursos multimodais durante a interação” (p. 260). Indo ao encontro disso, Cavalcante (2018) aponta que as diferentes pesquisas desenvolvidas no campo da multimodalidade vêm auxiliando na atribuição de um estatuto linguístico aos gestos, os tornando parte da língua.

Frydrych (2013, 2020) realiza amplo estudo em seu percurso acadêmico para pensar questões linguísticas dentro da gestualidade nas línguas de sinais<sup>11</sup> – o que também podemos deslocar ao abordarmos as línguas orais. Segundo a autora: “Estudar as línguas, e em específico as de sinais, implica em abordar a gestualidade que lhes é constitutiva” (FRYDRYCH, 2020, p.58). Em sua tese de doutorado, Frydrych ressalta que, na grande maioria dos trabalhos realizados referentes à relação língua e gesto, existe uma comparação entre estes e as línguas orais. Porém, ao seu entender, o ideal seria comparar gestualidade e oralidade, visto que “[...] comparar ‘gesto’ (em seu caráter semiológico) com ‘língua oral’ (em seu caráter semiológico e linguístico), é comparar fenômenos não apenas de natureza/materialidades diferentes, mas também de ordem/nível/estrutura simbólicas distintas” (p.148). Ou seja, por maiores e mais ampliadas que sejam as análises realizadas, a comparação irá falhar. Assim, Frydrych (2020, p.85) propõe que tratemos de “gesto nas línguas” (englobando tanto línguas visoespaciais como línguas orais).

Andrade e Alves (2020) apontam que o caráter multimodal da língua se mostraria ainda mais essencial em contextos em que a comunicação falada não é possível, pois passa a ser mais utilizado e ressignificado. As autoras também afirmam que os gestos são fundamentais para a produção de sentido na interlocução, sofrendo grande influência – inclusive em sua escolha – a partir da organização lexical e de vocabulário. Além disso, observa-se que expressões compostas por gestos e palavras propiciam um melhor desenvolvimento de habilidades morfossintáticas e lexicais (CUNHA *et al.*, 2020) e que, juntos, vão se aprimorando e se tornando cada vez mais complexos (FONTE *et al.*, 2014).

A seguinte contribuição, de Lima e Faria (2020), aponta para o mesmo caminho:

[...] conceber língua enquanto instância multimodal é entender que não só na produção vocal repousam significados, outros elementos, como postura corporal, expressões faciais, olhar, bem como gestos, carregam significação nas trocas comunicativas. (p. 211).

---

<sup>11</sup> Aqui, abordaremos muito brevemente a gestualidade a partir das contribuições da autora. No capítulo 2, na seção 2.4, descreveremos com maior detalhamento a leitura do gesto a partir de um olhar saussuriano, fundamental para a construção de nossa proposta de trabalho.

Nos questionamos: como poderíamos pensar a multimodalidade e sua relação com a língua desde os primeiros tempos do bebê? E, ainda, como estaria se formando a base dos aspectos multimodais? É a partir dessas interrogações que passamos à próxima seção.

### **1.3 Os primeiros tempos da multimodalidade**

Neste momento, passamos a abordar a multimodalidade desde o seu cerne – do início da vida do bebê e em seu processo de aquisição –, o que é fundamental para que nos seja possível compreender a base das manifestações multimodais.

Para pensarmos no gesto e na sua relação com a fala desde os primórdios do desenvolvimento infantil, o trabalho de Iverson (2010) tem muito a colaborar. Nele, a autora aponta que a relação entre o vocal e o sistema motor já existiria desde o período de vida intrauterina do bebê. Evidenciou-se que, em fetos entre 12 e 15 semanas, já é possível observar algo que, posteriormente, os bebês vêm a fazer: abrir a boca em antecipação à chegada da mão para sugar, enquanto essa se move para chegar até a face. Já entre 9 e 15 semanas de vida, observa-se que, na interação mãe-bebê, ao olhar a face materna, o bebê coloca as mãos na boca produzindo sons e movimentos. Pensando que a coordenação mão-boca é precursora da coordenação gesto-fala, as coordenações vocal-motoras vão aumentando à medida que o bebê vai crescendo, futuramente se configurando como gestos e palavras. Zuccarini *et al.* (2018) mencionam que muitos trabalhos já correlacionaram o desenvolvimento motor amplo à habilidade comunicativa e de linguagem, porém pouquíssimos abordam tal relação às habilidades motoras finas.

Iverson (2010) aponta para uma interdependência existente entre gesto e fala que, desde muito cedo, estaria presente na vida do bebê por meio das ligações sensório-motoras iniciais, formando, assim, bases para tal interdependência cognitiva. É interessante pensarmos isso a partir da relação entre as mãos e a boca de um bebê que ainda não as usa para comunicar e que seria, então, o início da relação entre gesto e fala. Assim, a autora defende a presença de relações entre o vocal e o motor desde os primórdios e que, aos poucos, irão se refinando e recebendo status comunicativo – sendo multimodais desde o princípio.

Para pensarmos na importância do gestual no início da vida, trazemos mais uma contribuição de Iverson. Segundo a autora:

A antiga afirmação de que o gesto fornece uma maneira para crianças muito pequenas comunicarem informações que ainda não podem expressar verbalmente tem um suporte empírico substancial. Esse gesto permite que as crianças comuniquem significados que elas podem ter dificuldade em expressar em palavras e aumenta a possibilidade de que isso possa facilitar o aprendizado inicial da linguagem. Se for esse o caso, o gesto não deve apenas ser anterior, mas também prever a mudança na linguagem.<sup>12</sup> (IVERSON, 2010, p. 260 – tradução nossa)

Iverson (2010) relata ainda que, mesmo com a evolução da fala, os gestos não desaparecem. A autora aponta que, pelo contrário, as crianças confiam muito neles para apoiar seus significados durante a aquisição da linguagem e que seu uso também seria uma forma de construir novos significados. No estudo, observou-se que, inicialmente, as crianças observadas combinaram um gesto e uma palavra para dizer coisas equivalentes e, com o passar dos meses, palavra e gesto passariam a dizer coisas diferentes dentro de uma mesma cena – se complementando. Esse dado é tão interessante quanto o registro do aparecimento do gesto cerca de três meses antes do uso da palavra para referenciar tal situação. Corroborando tal estudo, Goldin-Meadow (2003) demonstra que crianças muito pequenas revelam o que passa em suas mentes, primeiramente, através dos gestos e não por meio da fala.

Cunha *et al.* (2020) apontam que o início da produção gestual e vocal é marcada por movimentos desajustados associados a sequências sonoras sem um conteúdo semântico explícito, logo, a matriz gesto-fala ainda não se encontra estruturada. Iverson (2010) demonstra uma interessante relação entre o aumento dos balbucios e o consequente aumento das coordenações manuais. O que também foi observado é que bebês que produziram maiores movimentações corporais também passaram a balbuciar mais. Assim, produções corporais e vocais encontram-se diretamente associadas desde muito cedo, sofrendo influência uma da outra. Ao encontro disso, Lima e Faria (2020) apontam que durante o processo de aquisição de linguagem não é possível hierarquizar balbucios, holófrases e gestos – estes caminham juntos, em continuidade.

Diversos trabalhos evidenciam a importância de pensarmos o desenvolvimento da multimodalidade dentro de um contexto mãe-bebê (ANDRADE; ALVES, 2020; CAVALCANTE, 1999; CUNHA *et al.*, 2020; LIMA; FARIA, 2020), visto que as

---

<sup>12</sup> No original: “The longstanding claim that gesture provides a way for very young children to communicate information that they cannot yet express verbally has substantial empirical support. That gesture allows children to communicate meanings that they may have difficulty expressing in words raises the possibility that it may facilitate early language learning. If this is the case, then gesture should not only predate but also predict change in language” (IVERSON, 2010, p. 260).

produções gestuais e vocais da criança só serão possíveis a partir de situações linguísticas dialógicas com o adulto, apoiadas num arcabouço gestuo-prosódico da língua (CAVALCANTE, 1999). Isso implica uma posição ativa tanto por parte da mãe quanto do bebê, envolvendo não somente a prosódia, mas também o gesto. Cavalcante (1999) ressalta, ainda, que as produções maternas servem como um incentivo inicial e também como um importante apoio para consolidar tais aquisições. Acerca disso, Andrade e Alves (2020) salientam:

A partir da perspectiva multimodal se considera que nos primeiros meses de vida a rotina comunicativa com a mãe mediadas pela voz, olhar e gestos são fundamentais para o desenvolvimento das capacidades linguísticas da criança. (p. 240)

Seguindo a revisão bibliográfica, nessa mesma linha teórica, observamos um conceito presente em diversos estudos – proposto por Ávila-Nóbrega (2010, 2018) – e que muito nos interessa: o de “envelope multimodal”. Podemos considerar sua definição como a mescla concomitante de três componentes da interação: gesto, olhar e produção vocal<sup>13</sup> – sempre analisados a partir da dialogia mãe-bebê. Ao transcrever cenas a partir da relação entre tais aspectos, o autor elabora um quadro no qual registra o que foi observado em relação aos gestos, ao olhar e à produção vocal de ambos os participantes: mãe e bebê. Ao final da sua dissertação, Ávila-Nóbrega (2010) sugere que, em futuros trabalhos, outros componentes possam ser inseridos no envelope multimodal, tais como aspectos suprasegmentais, expressões faciais e configurações manuais.

Cavalcante *et al.* (2015) destacam a gestualidade como uma importante pista da fluência infantil em aquisição de linguagem. Silva (2014), em sua dissertação de mestrado, desenvolve o conceito de “fluência multimodal” podendo ser definida pela “[...] relação emergente entre os gestos e as produções vocais” (p. 85). A autora avalia a gestualidade no processo de aquisição de linguagem e observa que a gesticulação, apesar de diminuir, não desaparece, e ainda abre espaço para o surgimento de outros tipos de gestos – pantomimas e emblemáticos. Nesse processo, a fluência passa a se desenvolver cada vez mais, se constituindo “a partir do entrelace entre os novos gestos culturalmente e socialmente adquiridos e utilizados pela criança no processo de aquisição da linguagem.” (CAVALCANTE *et al.*, 2015, p. 83).

---

<sup>13</sup> Ao descrever o conceito de “envelope multimodal”, o autor deixa claro que não analisa especificamente os aspectos suprasegmentais envolvidos na fala.

Rowe e Goldin-Meadow (2009), em um artigo publicado na *Science*, descrevem um estudo no qual foi possível relacionar a condição socioeconômica dos participantes ao vocabulário infantil dos mesmos. Observou-se que os gestos possuem papel importante nisso, auxiliando junto à palavra e na construção de significados, e que, antes mesmo de produzirem uma gestualidade própria, as crianças já compreendem o que é expresso por essa via a partir de seus pais. Goldin-Meadow *et al.* (2007) enfatizam a importância da narrativa materna frente à produção gestual do filho, visto que, ao dar um retorno pela via da palavra ao gesto da criança, a mãe a auxilia no processo de inserção na língua.

Assim, após todas as contribuições dos diversos autores anteriormente citados, nos encaminhamos para o final desta seção, indo ao encontro de Lima e Faria (2020) quando relacionam o conceito de língua ao de multimodalidade, dizendo que:

Conceber a língua como um artefato cultural dialógico e multimodal, apreendida na interação com o outro e a criança como sujeito ativo e responsivo torna-se, a nosso ver, profícuo em se tratando de uma reflexão sobre a aquisição de linguagem [...] (p.221)

Seguimos à próxima discussão, na qual abordaremos com maiores detalhes um dos componentes multimodais mais importantes para conceituarmos, posteriormente, o signo multimodal: o gesto.

#### **1.4 O gesto e a multimodalidade**

Adam Kendon foi um dos maiores estudiosos do mundo no que se refere ao estudo do gesto. É importante salientar que, mesmo a partir de uma perspectiva teórica diferente da que utilizamos neste trabalho – voltada ao cognitivismo – suas contribuições são importantíssimas ao campo e merecem posição de destaque.

A partir de diferentes trabalhos, Kendon (1996, 2004) vai produzindo reflexões sobre o gesto, algumas das quais, aqui, pensamos ser fundamental descrever. Conforme seu trabalho de 1996, denominado *An agenda for gesture studies*, gesto e oralidade são modos distintos de expressão, mas que possuem propriedades intrínsecas um ao outro. Logo, trata-se de dois modos que podem ser utilizados em complementariedade.

Trazendo sua abordagem para caracterizar os gestos, poderíamos dizer que estes são “excursões” produzidas sempre a partir de uma postura de repouso e, após executados, voltam a ela, manifestando o que se deseja dizer. Além disso, haveria uma morfo-cinética do gesto, visto que ele apresenta diferentes tipos de variáveis, tais como ponto de



articulação e configuração de mão, produzindo diferentes variações dos movimentos entre um falante e outro (KENDON, 1996). Frydrych (2020) menciona a existência de um “estilo gestual” (p.68), podendo ser analisado a partir de diferentes culturas e padrões gestuais.

O gesto seria, então, uma “ação visível” (KENDON, 2004, p.7) que possui um papel a desempenhar na comunicação: ele implica sentido e exige expressividade, ou seja, precisa dizer algo dentro de uma interação. É interessante marcar que o gesto apresenta diferenças quanto a outros tipos de atividades, tais como ajustes posturais, automanipulação e movimentos corporais que, naquele momento, não são produzidos para comunicar. Sobre isso, concordamos com o autor quando aponta que “As pessoas se engajam na gestualidade, assim como elas se engajam na oralidade, como parte integrante de seus esforços para ‘dizer alguma coisa’, para se envolver de alguma maneira explícita, disposta, na interação social”<sup>14</sup> (KENDON, 1996, p. 8 – tradução nossa).

É o outro participante da cena que acaba evidenciando se o movimento produzido denotou expressividade e comunicação ou não, ou seja, se ganhou status de gesto. Isso é importante para pensarmos que, nem sempre, um “mesmo” movimento ganhará o mesmo sentido e atributo de gesto – depende do contexto e do interlocutor no momento de interação. Sobre isso, vamos ao encontro do que Frydrych (2020) compara em relação à oralidade:

[...] quando alguém abre a boca/solta a voz, mesmo que não distingamos valor para os significantes, não duvidamos que ele o faça para falar, para veicular significação. Agora, quando vemos alguém se movimentando, cabe o questionamento se aquela movimentação vai ser uma fala ou não. (p.67)

Dentre suas inúmeras contribuições, Kendon (1988) acredita que na gestualidade também existiriam propriedades semelhantes ao que, na língua oral, seriam os traços distintivos, estando dispostas em um *continuum*. Logo, não seriam exclusivos à oralidade e também se encontrariam nos gestos. Referenciada nesta obra de Kendon (1988), denominada “How gestures can become like words”, McNeill (2000) propõe a terminologia “*Continuum* de Kendon” a partir das relações estabelecidas entre gesto e fala e baseadas em: presença ou ausência de produção vocal (*Continuum 1*); presença ou ausência de propriedades linguísticas (*Continuum 2*); relação entre gesto e convenção (*Continuum 3*); e relação do caráter semiótico (*Continuum 4*). Assim, os gestos poderiam

---

<sup>14</sup> No original: “People engage in gesture, as they engage in speech, as part and parcel of their effort to ‘say something’, to engage in some explicit, willing, fashion in the give and take of social interaction”. (KENDON, 1996, p. 8)

ser classificados em quatro tipos: gesticulação, pantomimas, emblemas e língua de sinais. Abaixo, um pequeno quadro-resumo:

**Quadro 1 – Continuum de Kendon**

	<b>Gesticulação</b>	<b>Pantomimas</b>	<b>Emblemas</b>	<b>Língua de sinais</b>
<b>Continuum 1</b>	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
<b>Continuum 2</b>	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
<b>Continuum 3</b>	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
<b>Continuum 4</b>	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Fonte: LIMA; FARIA, 2020, p.212

Apesar de não termos o interesse de nos aprofundarmos em tal classificação, pensamos ser importante citar brevemente suas características, dada a relevância que a obra de Kendon – e, tal deslocamento realizado por McNeill (2000) – possui para o campo da multimodalidade.

Poderíamos dizer que a gesticulação é o movimento que acompanha a fala. Segundo McNeill (2006), seria um tipo de gesto mais amplo que os demais, envolvendo movimentos de mãos, braços, pernas e postura corporal individual a cada um e presente em todas as línguas, sempre associado à produção oral.

A pantomima pode ser pensada como um gesto ou uma sequência de gestos que possui um caráter de narrativa, apresentando ações sem que haja a presença de fala oralizada<sup>15</sup>. É de caráter individual.

Já os emblemas são gestos marcados e convencionados em cada cultura específica, variando quanto à forma e à expressão. Mesmo quando não associados a episódios de fala, são portadores de significados culturalmente ali estabelecidos.

Levy (1987) afirma que emblemas possuem importância fundamental, principalmente quando o uso da palavra não é possível, abrangendo desde situações de diálogo em locais barulhentos até indivíduos com alguma deficiência, por exemplo. O autor também aponta que a principal característica dos gestos emblemáticos é a sua capacidade de substituir palavras, bem como de realçar o sentido delas.

<sup>15</sup> Essa “ausência de fala” foi identificada em estudos com adultos. Já no que diz respeito à infância, Cavalcante (2012) aponta que, na fase de aquisição de linguagem, a pantomima seria produzida junto à oralidade e na relação mãe-bebê.

Ávila-Nóbrega (2017) os caracteriza como mais metafóricos e segmentados do que os demais tipos de gesto. Tomemos alguns exemplos do que seriam eles: mão fechada e polegar levantado (em sinal de aprovação); apontamentos; movimentos de dar e receber algo; dedo indicador balançando (em sinal de não), etc.

Cunha *et al.* (2020) afirmam que gesticulação, emblemas e pantomimas podem ser observados desde a relação mãe-bebê, sendo, inclusive, produzidos por ambos. Pode-se pensar a gesticulação como a movimentação de algumas partes do corpo do bebê e, a partir delas, outros gestos virão a aparecer. A pantomima acaba sendo envolvida no brincar lúdico entre a dupla mãe e filho (bebê com idade por volta de nove meses) e, a partir dos doze meses, o bebê já passaria a produzir as suas próprias pantomimas. Segundo as autoras, os emblemas são muito observáveis por meio dos apontamentos, o dar tchau e a negativa manual – todos construídos e produzidos na interação.

Finalizando a abordagem dos gestos deste *continuum*, temos as línguas de sinais. Estas apresentam estrutura linguística e gramatical próprias. Os sinais nelas realizados substituiriam as produções vocais, pois o gesto ganha forma de língua completa dada a privação sensorial existente<sup>16</sup>.

Concordamos com Frydrych (2020) ao referir o *continuum* e sua gradação relacionada à linguagem:

[...] haveria uma “continuidade” entre os mais variados tipos de sistemas de expressão simbólica, do mais simples ao mais complexo. Nesse sentido, para Kendon, a linguagem, quando pensada em termos estritamente linguísticos, quer falada, escrita ou sinalizada, seria então um Continuum ponto de chegada dos sistemas de expressão simbólica. (FRYDRYCH, 2020, p. 62-63)

McNeill (2010), outro autor fundamental para abordarmos a temática aqui em questão, relata que sua abordagem teórica vai ao encontro do que Kendon propõe, exceto pelo fato de não concordar com a ação intencional, deliberada que o autor atribui ao gesto. Para McNeill, “Um gesto é uma ação inconsciente e não direcionada a um objetivo orquestrado criado pelo falante, possuindo características de expressividade manifesta.” (MCNEILL, 2010, p.13 – tradução nossa)<sup>17</sup>. Assim, movimentos espontâneos de mãos e braços, sincronizados com a fala, também poderiam ser considerados gestos. Além disso,

<sup>16</sup> Kendon (1997) classifica as línguas de sinais em três: as línguas de sinais primárias (sistema utilizado pela comunidade surda); as línguas de sinais primárias isoladas (seriam sinais caseiros utilizados por surdos); e as línguas de sinais alternativas (gestos utilizados por ouvintes quando a fala não é possível). Enfatizaremos melhor a relação entre gesto e língua de sinais, a partir da abordagem de Frydrych (2013, 2020), na seção 2.4 do segundo capítulo deste trabalho.

<sup>17</sup> No original: “A gesture is an unwitting, non-goal-directed action orchestrated by speaker-created significances, having features of manifest expressiveness.” (MCNEILL, 2010, p.13)

o autor aponta a existência de uma indissociável relação entre linguagem, gesto e pensamento na qual a gestualidade seria um facilitador dos processos cognitivos (MCNEILL, 1992).

O autor também deixa bem clara a importância da gestualidade no processo de comunicação ao dizer que “Um gesto é uma ação manifestamente expressiva que encena imagens (não necessariamente pelas mãos ou apenas pelas mãos) e é gerado como parte do processo de falar.” (MCNEILL, 2010, p.13 – tradução nossa)<sup>18</sup>. Ele também seria instantâneo, sintético, imagético e global, possibilitando um novo caminho para a linguagem e para a interação (MCNEILL, 1992). Assim, o gesto não poderia ser considerado independente das palavras da língua, podendo ele próprio carregar diferentes elementos de sentido.

Em sua obra, McNeill (1992) sugere que existem quatro tipos de gestos: icônicos, metafóricos, dêiticos e ritmados. Nossa ideia não é nos debruçarmos frente à teorização de cada tipo de gesto, porém pensamos ser importante descrevê-los, ainda que brevemente.

Como gestos icônicos podemos considerar aqueles que ilustram o que está sendo dito no discurso oral, por exemplo, ao apontar algo de que se fala. Já os gestos metafóricos se aproximam muito dos icônicos, porém se referem a expressões mais abstratas. Os gestos dêiticos acompanham as palavras com função dêiticas, tais como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu”, “tu” etc; tradicionalmente, são apontamentos feitos com as mãos, mas também podem ser realizados a partir do movimento de outras partes do corpo. Por fim, os gestos ritmados seriam aqueles que aparecem em forma de batidas no mesmo ritmo da fala.

Problematizando relações e diferenças entre língua e gesto, McNeill (1992) ainda aborda as características de ambos que, por si, já implicam uma diferença. Para o autor a língua é passível de segmentação e ocorre em uma linearidade, já o gesto não. Este seria marcado pela multidimensionalidade, não sendo passível de segmentação. Ao discutir tal questão, Faria (2018) apresenta a importante consideração sobre a relação gesto-língua: “[...] os gestos não são inferiores à língua pelo fato de também apresentarem sentidos e expressividade. Mesmo que os gestos não apresentem menos sentidos que a língua, eles possuem modalizações fundamentalmente diferentes” (p. 65). Apesar de tais diferenças,

---

<sup>18</sup> No original: “A gesture is a manifestly expressive action that enacts imagery (not necessarily by the hands or hands alone) and is generated as part of the process of speaking.” (MCNEILL, 2010, p.13).

gesto e língua se encontram em total interdependência e não obedecem a uma relação hierárquica.

Pensamos ser relevante inserir, aqui, outra citação de Faria (2018) referente à abordagem da gestualidade não como fenômeno compensatório ou co-ocorrente, mas sim como parte integrante e fundamental na construção de sentido:

[...] a gestualidade e praxia, atuariam mutuamente com os processos linguísticos na construção do sentido, na manutenção do tópico discursivo, na tomada de turno, na emergência de processos mentais, e tais aspectos assinalariam a importância dos elementos não verbais para as interações e para a compreensão da significação nos diversos contextos interativos significativos (p. 66).

Assim, afirmariamos, desde o ponto de vista teórico que iremos apresentar no próximo capítulo, que o gesto também é uma materialidade possível para constituir valores linguísticos e provocar modificações no sistema da língua. Diríamos, então, que o gesto também pode ser pensado a partir de uma leitura linguística.

Finalizando esta retomada teórica frente à gestualidade, pensamos ser interessante apontar ainda sua relação com a cultura<sup>19</sup>. Kita (2009), ao fazer revisão sistemática da variação transcultural do gesto, aponta para a ampla variabilidade da materialização dele nas diferentes línguas e culturas. Relacionando aos emblemas de Kendon, refere que sua forma e significado encontram-se imersos em uma cultura específica e que “[...] a relação é muitas vezes opaca para membros de outras culturas.” (KITA, 2009, p. 146). Lima e Faria (2020) também relatam haver “um repertório de gestos culturalmente marcados” (p.214) ao estudarem o processo de aquisição de linguagem de uma criança cigana Calon. Kita (2009) ainda descreve que uma mesma configuração de gesto pode ter diferentes significados não somente em ambientes culturais distintos, mas também intraculturalmente. Isso nos faz pensar na importância de não relacionarmos sempre um gesto a um significado já pronto, independentemente do contexto e de outros elementos presentes na interação.

Passamos, neste momento, à teorização de mais um elemento multimodal fundamental à nossa proposta: a prosódia.

---

<sup>19</sup> Como mencionado no início do trabalho, sabemos que o estudo do gesto se expande por inúmeras áreas e sua relação com a cultura é uma delas. Salientamos que o propósito deste trabalho não é dar ênfase a este ponto, porém é impossível não o mencionarmos, dada a importância que carrega.

## 1.5 A prosódia e a multimodalidade

Considerando a importância da prosódia para pensarmos a multimodalidade, passamos, agora, a abordá-la mais detalhadamente. Para iniciarmos, salientamos que a nossa intenção não é a de aprofundarmos seus componentes e maneiras de análise, mas sim, poder trazê-la a partir de um viés que relacione sua materialidade aos efeitos produzidos ao pensarmos em signo multimodal. Assim, acreditamos na necessidade de um recorte teórico e selecionamos como referência, principalmente, os trabalhos de duas autoras importantíssimas para o campo: a brasileira Ester Scarpa e a francesa Christelle Dodane. Ambas pesquisadoras trabalham com a prosódia a partir de linhas teóricas que vão ao encontro do que também sustentamos e, além disso, realizam intercâmbios interessantíssimos com a clínica fonoaudiológica e a aquisição de linguagem. Antes, revisitaremos brevemente trabalhos de outros autores do mesmo campo de pesquisa a fim de identificar o que vem sendo produzido na área da prosódia para além das considerações das autoras citadas.

Existe uma heterogeneidade complexa de trabalhos abordando a prosódia no Brasil e no mundo. Plínio Barbosa (2010, 2012), importante referência brasileira nos estudos dessa temática, aponta que a prosódia, no cenário atual, encontra-se relacionada a fatores linguísticos (acento frasal e lexical, ritmo, entoação, ênfase e fronteira de constituinte), paralinguísticos (marcadores discursivos e atitudes proposicionais e sociais) e extralinguísticos (relacionados às emoções). Segundo ele:

Nesses três domínios estudam-se as funções prosódicas de demarcação (indicadores de constituintes prosódicos, como sílabas, palavras fonológicas, grupos acentuais, sintagmas entoacionais, entre outros), proeminência (saliência de um constituinte prosódico em relação a outro) e de marcação discursiva (marcadores de turno num diálogo, modalidade da frase, entre outros). (BARBOSA, 2010, p. 388)

Além disso, todos os referidos domínios relacionam-se à entoação, ao ritmo e às restrições ligadas à produção e à percepção da fala combinados a outros aspectos sociais e biológicos, tais como idade, gênero, classe social e escolaridade, por exemplo. Barbosa (2010) também afirma que podemos analisar a prosódia do ponto de vista fonético e/ou fonológico desde as sílabas até enunciados maiores por meio dos eixos paradigmático e sintagmático. É interessante que o autor desloca o conceito para o pensarmos na relação entre interlocutores, logo, “É a prosódia que molda a nossa enunciação imprimindo ‘ao

que se fala’ um ‘modo de falar’ que é dirigido intencionalmente ou não ao ouvinte.” (BARBOSA, 2012, p.13-14).

David Crystal (1995) é um autor de referência internacional nos estudos da área e apresenta uma categorização da prosódia que ainda é citada em diversos trabalhos na atualidade. Segundo sua proposta, o enunciado pode ser dividido em componentes segmentais e não-segmentais, pertencendo a prosódia a este último. É interessante destacar que, a partir desta abordagem de Crystal (1995), se não houvesse uma função linguística para tais aspectos não-segmentais, não poderíamos considerá-los como prosódicos, e estes ganhariam *status* de não linguístico ou paralinguístico – um exemplo disso são as qualidades de uma voz. Dentro do que é considerado como sistema prosódico (ou seja, linguístico) teríamos, assim, uma subdivisão a qual contempla altura, intensidade, duração e pausa.

Ester Scarpa (HILÁRIO; SCARPA, 2021) produz uma interessante crítica à separação entre sistemas linguísticos e paralinguísticos, afirmando que este último não se encontra excluído da língua e que, portanto, não se sustenta sozinho. A autora nos coloca a pensar a aquisição de linguagem como um processo em que a criança encontra-se recebendo as qualidades vocais das vozes que a rodeiam – principalmente a voz materna – e que tais características também são significadas junto àquelas ditas linguísticas. Essa “sinfonia em bloco” (HILÁRIO; SCARPA, 2021) que chega até a criança é, então, recebida ao mesmo tempo e produz significados linguísticos, possibilitando a sua estruturação na língua humana. Cabe salientar que nosso posicionamento teórico-clínico também vai ao encontro de tais considerações, não segmentando o linguístico e o não-linguístico.

Dando seguimento às importantes contribuições da autora, em seu texto denominado *A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos* (SCARPA, 2005), podemos evidenciar a retrospectiva da sua trajetória acadêmica, na qual salienta o seu interesse ao pensar os aspectos prosódicos para além de questões morfossintáticas e gramaticais estritas. Segundo Scarpa (2005) – e posição com que concordamos plenamente – a fala voltada à criança, por meio da interação, lhe fornece contornos prosódicos que a mesma vai interpretando e dos quais vai se apropriando. Assim, as características prosódicas por ela produzidas nessa condição de interpretante também vão se reorganizando. Ao se questionar sobre o que haveria na materialidade fônica vinda da fala do outro e que insere a criança na língua, a autora aponta a prosódia como composta por uma dupla face no processo de aquisição: (1) como via de

engajamento no diálogo; (2) como organizadora de formas linguísticas, principalmente por meio do ritmo e da entoação. Nesse mesmo artigo, relata a sua aproximação aos estudos de Saussure e Jakobson: mais um ponto de encontro entre o seu percurso e o nosso.

Ao abordar a entoação e o léxico inicial, Scarpa (2012) enfatiza a prosódia como um “[...] espaço privilegiado de interface entre componentes linguísticos, desde os mais formais até os mais discursivos” (p. 40). Nesse estudo, os aspectos prosódicos são apontados como fundamentais para fornecer apoio e auxiliar a moldar a materialidade de fala, a estruturar os primeiros recursos lexicais e, como bem cita a autora, “[...] é a possibilidade primeira de estruturação ligando o som ao sentido.” (SCARPA, 2012, p.41).

Nessa mesma linha, há o questionamento do que estaria envolvido no amplo conhecimento linguístico que a criança já possui antes mesmo de produzir as primeiras palavras. Como resposta, Scarpa nos traz a potência do bebê, ainda em vida intrauterina, ao perceber as mudanças de frequência e intensidade vocal que lhe são dirigidas pela voz materna, assim como a ordem dos fonemas em palavras curtas. Com alguns meses de vida, o bebê já diferencia entonações ascendentes e descendentes, bem como sons que compõem sua língua e fronteiras prosódicas mais amplas (tais como a frase fonológica). Ou seja, apesar de muito pequeno e ainda não conseguir produzir o que percebe, o bebê já os conhece e os difere (SCARPA 2009, 2012).

Totalmente vinculado a isso e também como justificativa ao questionamento anteriormente posto, encontra-se a fala dirigida ao bebê pela mãe – o *manhês* – que possui características prosódicas próprias, com altura e intensidade mais elevadas. Vamos ao encontro do que é citado pela autora quando diz:

FDC<sup>20</sup>/*manhês* faz, a nosso ver, mais do que ser o pano de fundo, o cenário de interação social, para a fala que traria consigo a língua materna. Recorta, contém, salienta, cerca as manifestações orais ou gestuais do bebê, oferece uma sintaxe (embora parcial), expandindo e retomando as manifestações vocais do bebê pré-verbal, assim como o fará, mais tarde com as verbalizações do bebê que começa a produzir um léxico primitivo. A FDC pode oferecer um espaço formal, um quadro, de espaços prosódicos mais ou menos gestálticos, melódicos e rítmicos por excelência, que podem fornecer informações sobre domínios e fronteiras prosódicas, diferenças prosódicas entre palavras funcionais e lexicais, informações sobre juntura, entre outros fenômenos. (SCARPA, 2012, p. 43)

Com o desenvolvimento do processo de aquisição de linguagem, observa-se um preenchimento com material fônico nas produções da criança, ocupando muitas vezes um

---

<sup>20</sup> Abreviatura de “fala dirigida à criança”.



lugar prosódico determinante e funcionando como “alavancagem prosódica para a aquisição sintática” (SCARPA, 2012, p. 45). Assim, observa-se que a entoação, junto com os demais aspectos prosódicos, serve de ponte entre a dimensão interacional e a gramatical, surgindo desde muito cedo e apresentando variações já no léxico inicial.

Em um trabalho no qual discute como as holófrases (também chamadas de enunciados de uma palavra) vem sendo abordadas pela literatura, Scarpa (2009) sustenta este período a partir de uma “visão melódica e rítmica dos fragmentos enunciativos da fala da criança” (p. 197), principalmente através da robustez do acento nuclear. Para compreendermos melhor sobre ele, a autora aponta que:

Parece que o acento nuclear, de cunho entoacional, é o ponto de referência pelo qual a criança é atraída para a linguagem e vislumbra nela um princípio de estruturação. De fato, nos meus dados, os primeiros fragmentos da fala inicial não são emitidos aleatoriamente: formam um sistema entoacional primitivo, com um conjunto de contornos (distintivos) encontrados desde o começo da produção de “palavras” ou, como prefiro, fragmentos enunciativos (SCARPA, 2009, p.197)

No começo do segundo ano de vida a criança já passa a produzir diferentes sistemas entoacionais e enunciados reconhecidos pelo outro, sendo estes também compostos pelo acento nuclear, uma “proeminência melódico-acental própria dos domínios prosódicos superiores” (SCARPA, 2009, p. 198)<sup>21</sup>. Será a partir de tais domínios prosódicos superiores que os sistemas entoacionais das línguas serão organizados. Acreditamos que a próxima citação justifica, novamente, o porquê da nossa aproximação teórica à autora: vamos além do puro som para pensarmos os efeitos que ele pode provocar.

O acento nuclear, assim, evoca exatamente o espaço simbólico ocupado pelos recortes da voz da mãe ou das modulações da mãe que pontuam a voz da criança. A voz que atrai o infante vai se recompor de outra maneira, dentro dos sistemas de ritmo e entoação do português, quando a criança produz as primeiras “palavras” semelhantes ao léxico de sua comunidade. (SCARPA, 2009, p. 198)

Não poderíamos deixar de citar a interessante aproximação entre prosódia e a teoria saussuriana que Scarpa (1999b) realiza e que, a nós, se apresenta como fundamental na abordagem do signo multimodal. Nesse texto, a autora descreve a prosódia para além da massa fônica, atuando como importante marcador de valor na interação com o outro –

---

<sup>21</sup> Destacamos a importância dos aspectos prosódicos – pensados em sua produção e escuta – desde a gestação e dos primeiros meses do bebê, construídos no laço mãe-filho. Acreditamos ser importante enfatizar isso, visto que tais aspectos serão os primórdios dos sistemas entoacionais, assim como citado no artigo em questão.

sendo base da forma fônica não apenas em seus aspectos sonoros, mas também como significante linguístico. Uma ressalva é necessária: não há ordenação e separação dos componentes para a entrada na língua, e a prosódia ocupa um espaço de importante relação entre eles. Nesse “invólucro prosódico” (HILÁRIO e SCARPA, 2021), a criança se depara e navega na melodia, no ritmo e na estrutura que constitui o processo de aquisição da linguagem.

Após a retomada das contribuições de Scarpa, passamos às considerações de outra importante autora com renome internacional: Christelle Dodane. Por meio de diversos trabalhos na área da prosódia, Dodane (2020) nos faz refletir, dentre outras questões, acerca da importância dos aspectos prosódicos na transição da *proto-langage*<sup>22</sup> às primeiras unidades linguísticas.

Em Dodane (2020), a autora discorre sobre a relação entre prosódia, pragmática e construções sintáticas na fala infantil, apontando para a importância que o critério de pausa possui nos primeiros enunciados, estando associado também ao alongamento da última sílaba e aos diferentes contornos de entoação. Um apontamento ainda mais interessante é realizado: Dodane afirma que, quando ainda não existem palavras gramaticais, é por meio da prosódia que a marcação das relações sintáticas poderá ser construída. Esse período também pode ser marcado por uma grande pausa entre um enunciado e outro, sendo função da entoação os ligar – tal ligação se fazendo presente, inclusive, naquelas palavras que poderiam não ter uma relação gramatical.

Dodane (2020) e Dodane e Del Ré (2018) discutem acerca da importância da multimodalidade no desenvolvimento da linguagem infantil, marcando o fundamental papel que o gesto e a prosódia apresentam, em especial, na fase de aquisição de linguagem. Segundo as autoras, as crianças lançam mão de diferentes modalidades na tentativa de se fazerem compreender, sendo o período da *protolangage* uma verdadeira “fábrica de sentidos”<sup>23</sup> (DODANE; DEL RÉ, 2018, p.2 – tradução nossa).

A utilização dos gestos aparece muito precocemente no desenvolvimento infantil, permitindo manifestar ao outro o que ainda não dá conta de ser articulado em palavras (DODANE; DEL RÉ, 2018). A associação entre o gestual e o vocal – inicialmente

---

<sup>22</sup> O termo *proto-langage* encontra-se em francês e se refere ao período intermediário entre o que, tradicionalmente, se considera pré-linguístico e linguístico. Tal momento é marcado pela combinação de diversos elementos multimodais – prosódia e gesto, principalmente – os quais a criança utiliza para se fazer compreender. Nesse período, percebe-se uma comunicação e o uso de tais recursos, porém ainda não são evidenciadas palavras. Para um maior aprofundamento, sugerimos a leitura de Dodane (2020).

<sup>23</sup>No original: “fabrique du sens” (DODANE; DEL RÉ, 2018, p.2).

marcado pelo uso de balbucios e diferentes configurações prosódicas – constitui importante recurso para que a criança manifeste os seus desejos por meio da multimodalidade (DODANE; DEL RÉ, 2018; DODANE, 2020), construindo uma base necessária para o aparecimento de futuras manifestações pela via da palavra.

Ao descrever a cronologia do desenvolvimento da prosódia, a partir da leitura do trabalho de Dodane (2015), Vasconcelos *et al.* (2018) destacam o fato de, aos nove meses de idade, o bebê já conseguir produzir configurações melódicas muito próximas, foneticamente, de frases afirmativas, negativas e interrogativas a partir do que é escutado em seu entorno. Assim, conforme podemos conferir na citação seguinte e, indo ao encontro do que já foi proposto por Scarpa e Dodane, as autoras evidenciam:

[...] a prosódia como um elemento privilegiado nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança, pois é ela quem vai estruturar a linguagem em desenvolvimento e, em seguida, “organizar” as primeiras palavras e as primeiras combinações de palavras. Ela permite estruturar o processo de aquisição de linguagem como um tipo de fio condutor entre as primeiras vocalizações e as primeiras combinações de palavras, bem como entre os níveis discursivo e gramatical.<sup>24</sup> (VASCONCELOS *et al.*, 2018, p.2 – tradução nossa)

Finalizando esta subseção, optamos por trazer o trecho abaixo, nas palavras de Dodane e Del Ré (2018), que resume muito bem o que estamos considerando como fundamental neste trabalho. Segundo as autoras:

A linguagem é, portanto, resolutamente multimodal e é necessário analisá-la tendo em vista a contribuição dos diferentes meios de expressão utilizados pela criança, tanto ao nível da voz quanto ao nível do corpo e ver como eles interagem para produzir significado.<sup>25</sup> (DODANE; DEL RÉ, 2018, p.3 – tradução nossa)

Passamos à abordagem da multimodalidade em diferentes contextos clínicos.

---

<sup>24</sup> No original: “[...] la prosodie comme un élément à privilégier dans les premières étapes du développement de l’enfant, étant donné que c’est elle qui va structurer le langage en développement et puis, « organiser » les premiers mots et les premières combinaisons de mots. Elle permet de structurer le processus d’acquisition du langage comme une sorte de fil conducteur entre les premières vocalisations et les premières combinaisons de mots, ainsi qu’entre les niveaux discursifs et grammaticaux.” (VASCONCELOS *et al.*, 2018, p.2)

<sup>25</sup> No original: “Le langage est donc résolument multimodal et il est nécessaire de l’analyser en tenant compte de la contribution des différents moyens d’expression mis en oeuvre par l’enfant, tant au niveau de la voix qu’au niveau du corps et de voir comment ils interagissent pour produire du sens.” (DODANE; DEL RÉ, 2018, p. 3)

## 1.6 Multimodalidade em situações clínicas fonoaudiológicas

Fonte e Cavalcante (2016) apontam para a importância de conceber a linguagem como dinâmica multimodal, especialmente devido à contribuição clínica envolvendo a prevenção, a avaliação e o tratamento dos distúrbios de linguagem. É nessa linha que seguiremos a partir de agora, enfatizando as contribuições de diversos estudos que relacionam multimodalidade à clínica.

Pensando no bebê ainda muito precocemente, Iverson (2010) aponta para a importância de observar e avaliar como se encontra a coordenação entre os sistemas motor e vocal, pois já é possível evidenciar atrasos em relação a isso desde muito cedo. A influência na comunicação e na coordenação gesto-fala ao longo do desenvolvimento encontra-se aí implicada.

Cunha *et al.* (2020), estudando o papel da multimodalidade na prematuridade, destacam a importância dos gestos no desenvolvimento da linguagem, sendo “[...] um preditor significativo para habilidades de linguagem em crianças prematuras, associando-se positivamente ao desenvolvimento de habilidades lexicais e morfossintáticas. (p.235)”.

Zuccarini *et al.* (2018) buscaram questionar se a exploração de objetos daria suporte ao desenvolvimento de fala e gestos em crianças prematuras. Observou-se, com evidência, que as experiências sensorio-motoras são fundamentais para o conhecimento comunicativo e linguístico. Isso porque, a partir do momento que os bebês exploram manualmente os objetos, vão capturando suas propriedades e “detalhes multimodais”<sup>26</sup> (ZUCCARINI *et al.*, 2018, p.97 – tradução nossa): elementos fundamentais e apoiadores da construção de representações semânticas do que foi explorado. Percebeu-se também, assim como o fez Iverson (2010), que há um aumento das vocalizações enquanto essa exploração acontece, logo, “criando um caminho multimodal para interagir, comunicar e aprender”<sup>27</sup> (ZUCCARINI *et al.*, 2018, p.98 – tradução nossa).

Diversas pesquisas apresentam como foco o estudo da multimodalidade em casos de pacientes com autismo e, para nosso trabalho, parece importante abordá-los. Fonte e Silva (2020) apontam para “aspectos multimodais peculiares” (p. 250) ao analisarem produções de negação de crianças autistas. Nesse estudo, as autoras observaram que houve uma sincronia semântica e temporal de diferentes aspectos multimodais da

---

<sup>26</sup> No original: “multimodal detail” (ZUCCARINI *et al.*, 2018, p.97).

<sup>27</sup> No original: “creating a multi-modal pathway for interacting, communicating and learning” (ZUCCARINI *et al.*, 2018, p.98).

linguagem – vocalização e prosódia, gesto e olhar, porém manifestados por meio do desvio do olhar, da ação de virar as costas e de estereotípias motoras.

Mais especificamente sobre a gestualidade, Andrade e Alves (2020) realizaram um estudo associando gestos emblemáticos ao autismo e, dentre suas diversas pontuações, descrevem sobre a importância da presença de alguns mecanismos que ajudem a sustentar suas interações, estando os gestos emblemáticos entre eles. Em suas análises a partir de dados clínicos, os autores apontam que é possível marcar o lugar na linguagem através do gesto e, dado que os emblemas denotam um chamado, se faz possível observar tal posicionamento por meio da manifestação dos gestos emblemáticos. Assim, observa-se que:

A manifestação dos emblemas pela criança exprime um significado verbal preciso que é partilhado com os demais participantes da interação por meio da atenção conjunta, através da qual há partilha da intencionalidade dos sujeitos que vão construindo os gestos emblemáticos como formas precisas de comunicação e importante mecanismo para iniciar e manter interações. (ANDRADE; ALVES, 2020, p. 248)

Andrade e Alves (2020) enfatizam a importância dos aspectos multimodais ao dizerem que “Para a criança com dificuldade ou atraso de linguagem a multimodalidade servirá como principal canal comunicativo” (p.244). Assim, em casos nos quais a comunicação falada não é possível, o uso da gestualidade seria ainda mais relevante no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem.

Haquin *et al.* (2016) também seguem nessa linha e, ao estudar narrativas de crianças com deficiência mental, apontam para a importância de considerar a comunicação a partir de um “paradigma discursivo e multimodal”<sup>28</sup> (p.70). No texto, as autoras problematizam a avaliação das potencialidades comunicativas de tal público realizadas somente com base na oralidade e centradas a partir dos níveis estruturais da língua, o que tradicionalmente vem sendo feito. Assim, defendem que se faz necessária a consideração de aspectos linguísticos e não linguísticos<sup>29</sup>, não sendo estes últimos apenas secundários aos primeiros:

Esta abordagem busca quebrar dois mitos: que tudo é possível ser representado por meio da linguagem oral ou escrita e que todos os outros recursos de comunicação (gestos, expressões faciais e corporais, prosódia etc.) são secundários e apenas reiteram o significado linguístico<sup>30</sup>. (HAQUIN *et al.*, 2016, p.74 – tradução nossa)

<sup>28</sup> No original: “un paradigma discursivo y multimodal” (HAQUIN *et al.*, 2016, p.70).

<sup>29</sup> “Linguísticos” e “não linguísticos” são termos utilizados pelas próprias autoras.

<sup>30</sup> No original: “Este enfoque no busca derribar dos mitos: que todo es posible de ser representado através de la lengua oral o escrita y que todos los otros recursos comunicativos (gestos, expresiones faciales,

Concordamos com essa não secundariedade dos aspectos multimodais, sendo eles fundamentais na composição daquilo que designamos como signo multimodal, conforme veremos de melhor maneira no terceiro capítulo. Nos encaminharemos, neste momento, ao final de nossas considerações acerca da multimodalidade.

## 1.7 Encaminhamentos

Nosso intuito ao realizar esta retomada bibliográfica foi compilar o que vem sendo produzido no campo da multimodalidade relacionado à linguística e à fonoaudiologia. Acreditamos que, a partir disso, pudemos contextualizar a importância que os recursos multimodais possuem dentro deste contexto, e que é impossível separá-los das produções de fala.

A partir dos trabalhos aqui revisitados, evidencia-se que as manifestações multimodais passam pelo gesto e pela prosódia, demonstrando-se também heteróclitas e multiformes, assim como o conceito de linguagem para Saussure. Acreditamos, então, que precisaremos propor o conceito de signo multimodal tendo em vista as noções de língua e de linguagem, dada a complexidade em que a multimodalidade se encontra inserida.

Concordamos com todos os autores (ANDRADE; ALVES, 2020; CAVALCANTE, 2018; CUNHA *et al.*, 2020; FARIA, 2018; FONTE; SILVA, 2020; FRYDRYCH, 2020; KENDON, 1982, 1988, 1996, 1997, 2004, 2008; LIMA; FARIA, 2020; MCNEILL, 1985, 1992, 2000, 2006, 2010) no que diz respeito à linguagem e suas manifestações multimodais, o que nos lembra do célebre trecho do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure (2012), e nos permite associá-lo à nossa reflexão, pois aborda a vastidão a partir de que a linguagem pode ser pensada:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (p. 41)

O que já foi produzido teoricamente na área da multimodalidade nos dá importante base para seguirmos este trabalho e, certamente, nos auxilia a pensar no desenvolvimento

---

corporales, prosodia, etc.) son secundarios y solo reiteran el significado lingüístico.” (HAQUIN *et al.*, 2016, p.74).

do conceito de signo multimodal. Porém, também evidenciamos a falta de estudos que abordem a multimodalidade a partir de uma visão de base saussuriana e que pensem como se organiza, dentro dessa “linguagem heteróclita e multiforme” a relação fala + gesto + prosódia, atravessada por uma leitura linguística.

Nos encaminhando ao segundo capítulo, nossa ideia é proporcionar uma revisão teórica envolvendo conceitos trabalhados por Saussure, assim como estudos prospectivos a partir de suas contribuições para que, no último capítulo desta dissertação, possamos dar maior ênfase à construção do conceito de signo multimodal.

## 2 O SIGNO LINGUÍSTICO

Para darmos seguimento a nossa proposta, será fundamental abordarmos questões que versem sobre o signo linguístico saussuriano, especialmente no que diz respeito a sua conceituação, seus componentes e sua delimitação. Neste capítulo, enfatizaremos tal conceito, associado às noções de linguagem, língua e fala, assim como os princípios fundamentais para a sua existência, tais como arbitrariedade, valor linguístico e relações sintagmáticas e associativas. Ao final, traremos uma abordagem linguística saussuriana das noções de gestualidade e escuta, fundamentais para a constituição do signo multimodal. Passemos às nossas considerações.

### 2.1 Aspectos introdutórios

Para darmos continuidade ao trabalho, abordaremos conceitos fundamentais da teoria saussuriana que possuem fundamental relação com o nosso objetivo principal: discutir a ideia de signo multimodal. Para isso, é necessário que, antes, apresentemos ao leitor a escolha das fontes teóricas mobilizadas, dada a vastidão que a leitura dos trabalhos saussurianos comporta.

#### 2.1.1 Sobre as fontes mobilizadas

Sabendo da heterogeneidade envolvendo as fontes bibliográficas saussurianas e, com o intuito de facilitar a contextualização e a leitura deste trabalho, nos inspiramos no preâmbulo de Ribeiro (2019)<sup>31</sup> para situarmos o leitor frente às diferentes obras que aqui serão citadas.

O célebre *Curso de Linguística Geral* (doravante também referido como CLG ou *Curso*) foi escrito originalmente em francês, no ano de 1916, e recebeu sua primeira tradução no Brasil somente em 1970. Este livro se trata de uma obra póstuma que conta com as anotações dos alunos que frequentaram os três cursos ministrados pelo mestre genebrino, ocorridos entre 1907 e 1911, na Universidade de Genebra. Editado e

---

<sup>31</sup> Dada a grande vastidão e heterogeneidade das fontes saussurianas, não nos caberia detalhá-las neste trabalho. Nesta seção, apresentamos as que, ao nosso ver, podem auxiliar o leitor na contextualização das diferentes obras aqui citadas. Para um maior aprofundamento acerca das obras, recomendamos a leitura do preâmbulo da dissertação de mestrado de Ribeiro (2019).



organizado por dois colegas de Saussure da mesma universidade e que, além disso, frequentaram suas aulas em Paris – Charles Bally e Albert Sechehaye –, contou com a colaboração de Albert Riedlinger – que assistiu às aulas em Genebra – para a sua escrita. Traduzido para mais de vinte idiomas, é a obra saussuriana que alcançou maior circulação mundial. Neste trabalho, utilizaremos a edição brasileira lançada pela Editora Cultrix mais recentemente, em 2012.

Diferentes versões do *Curso de Linguística Geral* foram produzidas por leitores de Saussure, inserindo comentários próprios à obra principal. Aqui, utilizaremos aquela produzida por Tulio De Mauro. No *Cours de Linguistique Générale* – edição crítica com notas de Tulio De Mauro – o autor insere notas elaboradas a partir do que já havia sido lançado na versão original do CLG. Muitas delas traremos aqui, ao longo do segundo e terceiro capítulos, nos auxiliando a elaborar o conceito de signo multimodal. Devido ao fato de ser uma edição de *Curso* comentada por De Mauro, seguiremos Ribeiro (2019) e a citaremos com uma referência a Saussure.

Outra edição do CLG à qual faremos referência é o recente lançamento cujas tradução, notas e posfácio são de autoria de Marcos Bagno. Mesmo que nos distanciando em relação a sua posição em algumas de suas notas e em certas passagens do posfácio, pensamos ser fundamental dialogar com essa versão contemporânea do *Curso*.

De extrema relevância para a obra saussuriana, também, citamos o livro que reúne uma série de manuscritos saussurianos, encontrados em 1996. Denominado *Escritos de Linguística Geral* (igualmente referenciado como ELG ou *Escritos*), apresenta sua estrutura organizada em quatro grandes blocos, dos quais utilizaremos dois deles: *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* e *Outros Escritos de Linguística Geral*. A edição citada é a versão traduzida para o português e publicada pela Editora Cultrix, em 2002. Cabe salientar que, assim como no CLG, diversas inserções e alterações foram realizadas pelos organizadores – Simon Bouquet e Rudolf Engler – durante a edição para a publicação. Assim, alertamos para o fato de não considerarmos o *Escritos* “superior” ao *Curso de Linguística Geral*.

Ao longo dos *Escritos*, observa-se alternância em algumas nomenclaturas, dentre elas, as que se referem ao signo linguístico e seus componentes – significado e significante. Essa flutuação aparece nas fontes manuscritas provavelmente porque Saussure encontrava-se esboçando e selecionando as terminologias utilizadas para denominar cada um dos conceitos. Nos parece importante alertar o leitor deste trabalho sobre o uso do termo *signo* como representativo da noção de *significante* na referida obra.

Faremos isso, através de notas de rodapé, nas passagens em que a flutuação terminológica possa pôr em risco a interpretação de nossa reflexão.

Apresentadas as fontes que mobilizaremos no presente capítulo, passemos agora à abordagem de três conceitos fundamentais para compreendermos a proposta teórica de Saussure, assim como a conceituação de signo multimodal: linguagem, língua e fala.

## **2.2 Linguagem, língua e fala**

Finalizamos o capítulo sobre multimodalidade apontando que Saussure apresenta a linguagem como “multiforme e heteróclita” (2012, p.41) – um dos trechos mais célebres e representativo dessa noção pela ótica saussuriana. É a partir dela que iniciaremos nossa abordagem teórica.

Sabemos que as questões de ordem linguística se encontram permeadas pela linguagem, visto que a língua é a parte social dela. Conforme o próprio Saussure apresenta em seus cursos: “A matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...]” (SAUSSURE, 2012, p.37). Assim, não é possível falarmos de língua sem a abordarmos – nem propormos o conceito de signo multimodal sem ela.

A linguagem possui um lado social e outro individual, inconcebíveis um sem o outro. Pelo viés social, podemos pensar a língua, já pelo individual, a fala. Assim, “[...] a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade.” (SAUSSURE, 2012, p.42).

Uma discussão importante e necessária é realizada acerca da relação entre aparelho vocal e linguagem. Saussure (2012) aponta que a questão do aparelho vocal se apresenta secundária, visto que não há provas de que tal aparelho tenha sido feito para falar – o que ocorre por comodidade. Inclusive, menciona que os homens poderiam ter escolhido o gesto como forma de expressão e não a fala oral, por exemplo. Tal afirmação será muito importante para pensarmos a concepção do signo multimodal.

Nessa mesma linha de pensamento, como se pode ler no CLG, há o questionamento acerca do estatuto do som ocupando lugar de produtor da linguagem no seguinte recorte: “Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo.” (SAUSSURE, 2012, p.40).

Utaker (2016)<sup>32</sup> aponta que “A linguagem é um fenômeno corporal – enraizado no corpo – e liberado do corpo como liberado da boca de quem fala”<sup>33</sup> (p. 215 – tradução nossa). Junto à reflexão sobre o corpo, o autor também aborda questões referentes à temporalidade, visto que, sem o tempo, não há linguagem: ela – a linguagem – se situa no tempo e é um fenômeno sintático porque está ligada a ele. Para o autor, a noção de tempo é constituída pelas divisões que operam em seu interior e na linearidade da língua. Podemos pensar que este tempo também contém a cadeia sonora com seu ritmo, implosões e explosões (UTAKER, 2016).

No CLG, assim como no texto de Utaker, encontramos trechos nos quais Saussure relaciona linguagem e temporalidade. Dentre eles, uma afirmação na qual se lê que “[...] não existe imobilidade absoluta em matéria de linguagem [...] (SAUSSURE, 2012, p. 262). É essa mobilidade e imensidão que nos fascina e nos faz querer supor uma ideia de signo que comporte as construções singulares dos sujeitos falantes, apoiadas em recursos linguístico-multimodais.

Não esquecendo do fato de que a linguagem evidencia sempre a mescla entre língua e fala, dada sua impossibilidade de separação em termos empíricos, nos encaminhamos agora à abordagem teórica do objeto de estudo prioritário de Saussure: a língua. Acreditamos na importância de definir língua a partir das próprias palavras retiradas do CLG:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É o conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2012, p. 41)

A língua, então, ocupa “o primeiro lugar entre os fatos da linguagem” (SAUSSURE, 2012, p.41), sendo adquirida e convencional. Não pode ser limitada pela escolha de seus meios e reduzida ao som e, o que a ela é essencial “é estranho ao caráter fônico do signo linguístico” (SAUSSURE, 2012, p. 38). Não raras vezes, a linguística – em suas diferentes áreas – vêm se instituindo a partir da análise de materialidades sonoras, atribuindo erroneamente ao signo, em muitos momentos, uma espécie de concretude pautada principalmente nos aspectos acústicos. Em uma passagem relacionada à escrita,

---

<sup>32</sup> Arild Utaker é um importante autor para pensar a teoria saussuriana na atualidade. Filósofo e professor na Universidade de Bergen, o norueguês ajuda-nos a fazer ponte entre conceitos propostos por Saussure e outras questões envolvendo até mesmo outras áreas do conhecimento, tais como a própria filosofia, a psicologia e, diríamos aqui, até a mesma a clínica de linguagem.

<sup>33</sup> No original: "Le langage est à la fois phénomène corporel – enraciné dans les corps – et dégagé du corporel en tant que ‘libéré’ de la bouche qui parle". (UTAKER, 2016, p. 15)

Saussure discute acerca da grande ênfase dada aos aspectos vocais do signo, nos fazendo refletir sobre isso. Ele aponta que “[...] terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto.” (SAUSSURE, 2012, p. 58). Acreditamos que as passagens aqui citadas possam nos ajudar a fundamentar teoricamente o signo multimodal e pensa-lo no interior do sistema linguístico, visto que Saussure, desde suas aulas ministradas na Universidade de Genebra, já destacava a importância de uma consideração desse conceito para além da materialidade acústica: esse “estranho ao caráter fônico” dá margem para pensarmos em construções singulares que, se escutadas<sup>34</sup> pelo outro, fazem sentido na língua.

Utaker (2016) aponta que é a faculdade linguística que comanda os signos. Tal faculdade encontra-se ligada à função linguística e não aos órgãos do corpo. A fonação nos faz, muitas vezes, relacionar equivocadamente a língua a órgãos específicos, porém em nosso corpo não existe um órgão linguístico, por exemplo. Novamente retornamos à secundariedade do aparelho vocal. A maior prova disso, conforme apontam Saussure e, posteriormente, Utaker, é que um homem privado da fala conserva a língua, compreendendo e mantendo seus signos, desde que os entenda. Segundo os autores, a língua pode se atualizar por outros meios – o sistema braile e a gestualidade, por exemplo. Novamente, temos outra ponte para pensarmos o signo multimodal: o gesto não está descartado desde os primórdios nas considerações do mestre genebrino.

Acreditamos que Utaker (2016) realizou uma instigante releitura da noção de língua desenvolvida por Saussure. Ele nos faz refletir acerca da importância do outro – do ouvinte, conforme termo utilizado por Stawinski (2020)<sup>35</sup> – na abordagem linguística, chegando a afirmar que o conceito de língua passa por quem nos dirigimos ao falar: aquele que nos escuta. Assim, o autor quebra a noção de dualidade e oposição entre língua e fala – muitas vezes atribuída à proposta saussuriana –, afirmando que esquecemos que a principal função da linguagem é a de escutar quem fala. Dessa forma, a língua seria um instrumento necessário para receber a fala do outro. Seguimos as palavras do autor acerca disso “[...] esquecemos o uso principal da linguagem que é ouvir alguém falar ou ler um texto. Sendo a linguagem considerada *a priori* uma atividade da fala, a fonologia tende a

---

<sup>34</sup> Termo proposto a partir do conceito de “escuta linguística” (STAWINSKI, 2020) e que ganhará melhor detalhamento na seção 2.5 deste capítulo.

<sup>35</sup> A concepção de ouvinte aqui mobilizada também será melhor trabalhada na seção 2.5 deste capítulo, junto à noção de escuta.

nos fazer esquecer o outro aspecto da fala, a escuta”<sup>36</sup> (UTAKER, 2016, p.225 – tradução nossa).

Retornando ao CLG, no capítulo denominado *O fonema na cadeia falada*, há a discussão acerca do fonema ser abordado dentro de um contexto que englobe o valor linguístico, não puramente suas produções articulatórias. Nele, a seguinte frase nos salta aos olhos: “[...] na língua não existem apenas sons, mas extensões de sons falados.” (SAUSSURE, 2012, p. 87). Aqui, podemos pensar que nessas extensões também se encontra a prosódia – responsável pelo encadeamento melódico daquilo que falamos – dando suporte à união fonêmica e à produção sintática. Se na fala cotidiana ela apresenta papel importantíssimo, imaginemos na fala sintomática<sup>37</sup>, visto que, em diversos casos, ela é a (única) via que permite a distinção de valores!

Seguindo no CLG, no capítulo denominado *Linguística da língua e linguística da fala*, Saussure compara o funcionamento da língua a uma sinfonia: “[...] pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira pela qual é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade.” (SAUSSURE, 2012, p. 50). E, dando continuidade às diferenças entre o processo de fonação e a língua, também optamos por trazer a citação seguinte que, acreditamos, não conseguiríamos transpor à escrita de melhor maneira:

A essa separação da fonação e da língua se oporão, talvez, as transformações fonéticas, as alterações de sons que se produzem na fala e que exercem influência tão profunda nos destinos da própria língua. Teremos, de fato, o direito de pretender que ela exista independentemente de tais fenômenos? Sim, pois eles **não atingem mais que a substância material das palavras. Se atacam a língua enquanto sistema de signos, fazem-no apenas indiretamente, pela mudança de interpretação que daí resulta; ora, esse fenômeno nada tem de fonético.** (SAUSSURE, 2012, p. 50-51 – grifo nosso)

Acreditamos que as passagens citadas, mais uma vez, nos auxiliam a defender a ideia de que o signo pode ser preenchido por diversas materialidades, criando, a partir das regras da língua, uma “sinfonia multimodal”. As notas poderão ser compostas por gestos, prosódia, junções fonêmicas, olhares. Diversos arranjos se tornarão possíveis na

---

<sup>36</sup> No original: “[...] on oublie la principale utilisation du langage qui est d’écouter quelqu’un parler ou de lire un texte. Le langage étant *a priori* considéré comme ‘activité de parler, la phonologie a tendance à nous faire oublier l’autre aspect de la parole, l’ouïe.” (UTAKER, 2016, p.225).

<sup>37</sup> O termo fala sintomática foi proposto por Surreaux (2006) e remete a uma posição não patológica das dificuldades envolvendo o sintoma de fala que os pacientes da clínica de linguagem apresentam. Optamos por utilizar este termo ao longo do trabalho, visto que nos remete a um sintoma ali existente e não outra terminologia que possa nos remeter a algo da ordem do patológico.

orquestração do signo e do sistema do qual faz parte, desde que faça sentido ao seu ouvinte, a quem o escuta.

Nos remetendo, agora, a uma passagem metafórica de Saussure, podemos fazer uma analogia em relação às particularidades linguísticas envolvidas na fala sintomática. No CLG podemos ler: “[...] o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária.” (2012, p.193). Aproveitando tal metáfora, pensemos a fala sintomática em meio a esse rio que nunca cessa: seu percurso pode se tornar menos caudaloso se validarmos como signos formações singulares, repletas de multimodalidade. Lançar mão do signo multimodal seria, então, uma maneira de se estar na língua e percorrer com maior tranquilidade suas águas.

É com base nesse pensamento que nos encaminhamos à noção de fala. Milano (2015) nos diz: “Somos seres de fala, somos seres em contato com outros seres de fala. Somos, portanto, seres sob o efeito da fala de outros seres.” (p. 253). É a partir deste pensamento que abordaremos tal conceito.

Sobre a fala, Saussure aponta que “[...] a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Dois pontos importantes para pensa-la são: (1) é sempre realizada a partir de combinações do código da língua, individualmente; (2) possui um mecanismo psicofísico que externaliza tais combinações.

É interessante pensarmos, novamente, que a fala não é apenas uma combinação sonora que precisa obrigatoriamente do aparelho vocal – Frydrych (2013) discute amplamente essa noção ao abordar a fala pelo viés das línguas de sinais. A autora defende que tal conceito também poderia ser concebido para além do aspecto fônico “enquanto realização (será visoespacial ou oral-auditiva). Por isso eu posso dizer que eu *falo* Libras” (FRYDRYCH, 2013, p. 51). O signo seria o “denominador comum” (FRYDRYCH, 2013, p. 47) nesse enlace entre o gesto e a própria língua, sendo que nas línguas de sinais a porção do significante não seria composta de uma imagem acústica, mas sim, pela impressão psíquica da imagem. Da mesma forma, estaria organizada pelo caráter linear do significante e obedecendo à arbitrariedade.

Tal discussão se faz fundamental também para pensarmos falas muito disformes, amplamente apoiadas em recursos multimodais: independente da maneira como se apresentam – seja com dilatação da prosódia, da gestualidade, do olhar – são expressões também regidas pelo mecanismo da língua que é compreendida pelo outro, logo, também precisam ser lidas como produção de fala. Relacionado a isto, destacamos que Utaker

(2016) afirma lindamente em seu texto que nós, humanos, falamos com a língua e não com a boca. Nesse sentido, consideramos como fala tudo o que implica em representação e se encontra regido por um funcionamento linguístico, em uma rede de signos, manifestados pelas diferentes vias de expressão de que o sujeito consegue e dá conta: é isso que o signo multimodal reflete.

O que é mister pensarmos, a partir de todas as reflexões realizadas, é que língua e fala não sobrevivem sem o heteróclito e multiforme da linguagem. A apropriação individual da língua é o que se passa com o sujeito dentro de um conjunto de regras sociais. Coletivo e individual se mesclam o tempo todo em um mundo heterogêneo, e o signo linguístico entra aí como denominador comum para que o sujeito falante insira suas particularidades a partir do que já foi instaurado coletivamente na língua. Passaremos, então, a discutir este que é um dos conceitos mais célebres do mestre genebrino: o signo linguístico.

### **2.3 O signo linguístico a partir da abordagem saussuriana**

Sabe-se que Saussure esteve às voltas com o aspecto fônico da língua ao desenvolver sua teoria, apontando no signo linguístico considerações acerca da imagem acústica. Porém, nesta dissertação, temos como objetivo pensar o signo também a partir de outros aspectos que, tradicionalmente, não costumam ser abordados em sua concepção: a gestualidade e a prosódia. Para a clínica de linguagem, tal abordagem se faz de fundamental importância, visto que poderá fornecer subsídio teórico que cruza a fronteira da oralidade e amplia o olhar do fonoaudiólogo frente às diversas possibilidades através das quais o outro (paciente) possa vir a se expressar.

Sendo a linguagem heteróclita e multiforme, nos questionamos se caberia considerarmos somente a materialidade de fala oral em um registro ou análise. Quando essa materialidade se torna extremamente escassa, repetitiva ou de difícil compreensão, o que comumente ocorre ao selecionarmos como objeto de análise a fala sintomática, poderíamos dizer que haveria ali um signo ou um conjunto deles? Caso a resposta seja afirmativa, a noção de signo multimodal poderia se sustentar a partir dos mesmos princípios saussurianos? Seguimos nossa reflexão a partir de tais inquietações.

Segundo as considerações encontradas no *Curso de Linguística Geral*, os termos implicados nos signos linguísticos são de ordem psíquica e unidos por um vínculo associativo, ligando um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante). Sem

eles não poderíamos distinguir ideias. Sendo a língua um conjunto de massas amorfas, formada por ideias confusas e sons indeterminados, ambos recortados por cada sujeito em suas produções, podemos afirmar que o signo seria um organizador linguístico, responsável pela união de massas amorfas de sons às massas amorfas de sentidos<sup>38</sup>.

Na nota de número 130 de sua edição crítica do *Curso de linguística geral*, De Mauro (SAUSSURE, 2005) discute acerca da unidade que seria caracterizada como signo. O autor aponta que Saussure discorria sobre a importância de não abordarmos tal conceito de maneira isolada, mas sim em grupos, visto que falamos por meio de agrupamentos deles. Em complemento, traz uma consideração a partir de Buysens (1960) que, aqui, acreditamos caber muito bem: sendo o signo linguístico “o menor segmento que, pela pronúncia ou pela significação, permite duas operações complementares: associar frases que são diferentes e opor frases por sua vez semelhantes.”<sup>39</sup> (DE MAURO *in* SAUSSURE, 2005, p. 441 – tradução nossa).

Milano (2015), ao discutir a questão da unidade, nos apresenta a problematização do fonema ser pensado como signo linguístico. Vamos ao encontro da proposta da autora de que poderíamos considerar o signo como tal do fonema ao discurso, perpassando os diferentes níveis de análise linguística. Logo, a unidade signo não se encontra pré-estabelecida: ela é construída pelo falante a cada vez que se apropria da língua e expressa o que deseja.

Na fala sintomática, acreditamos que o signo, muitas vezes, se constrói de maneira bem peculiar. Sua materialidade pode ser composta por diversos elementos: palavras “repetidas” ou muito disformes que se diferenciam a partir de distintos contornos prosódicos; sons que, em muitas vezes, não se caracterizam como fonemas; gestos apoiados ou não na oralidade; construções sintáticas de difícil compreensão; substituição ou omissão de fonemas que geram diferenças nos valores linguísticos; dentre tantas outras possibilidades<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> Aqui, pensamos ser importante já antecipar a ideia de que um signo não pode ser considerado de forma isolada como a união de um conceito a uma imagem acústica, mas sim, dentro de um sistema e cercado por vários outros signos com os quais irá fazer oposição. Trabalharemos melhor tal concepção quando abordarmos o conceito de valor linguístico, na subseção 2.3.4 deste capítulo.

<sup>39</sup> No original: “[...] le signe linguistique serait le plus petit segment qui, par la prononciation ou par la signification, permet deux opérations complémentaires: associer des phrases par ailleurs différents et opposer des phrases semblables.” (DE MAURO *in* SAUSSURE, 2005, p.441).

<sup>40</sup> Pensamos ser fundamental apontarmos uma discordância teórica da interpretação do *Curso de Linguística Geral*, daquela realizada por Marcos Bagno (2021) em sua tradução. No posfácio escrito pelo autor, temos o seguinte trecho “Assim, o *geral* do título, que se justificaria por uma abordagem mais demorada da linguística sincrônica, não cumpre o que promete, sobretudo porque o livro mal aborda a *sintaxe*, o componente central do funcionamento das línguas humanas: o CLG opera, acima de tudo, com uma



Uma retomada histórica e conceitual aqui se faz importante. A nomenclatura “signo”, já utilizada anteriormente pelos gregos, assim como seus componentes “significante” e “significado”, foram escolhidos por Saussure após muitas tentativas. No livro *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*, Loic Depecker (2012) contextualiza este árduo trajeto. É interessante observarmos que a primeira vez que o termo signo aparece é no ano de 1894, em um escrito de Saussure denominado *Notas para um artigo sobre Whitney*. Porém, com receio de que tal nomenclatura fosse interpretada de maneira errônea, passou-se a utilizar diversos outros termos, substituindo o “signo” que já havia sido mencionado<sup>41</sup>. Conferindo os cadernos dos alunos de Saussure, Depecker mostra que somente em 19 de maio de 1911 o célebre professor leva à aula as terminologias “significado” e “significante”<sup>42</sup>. Depecker nos faz refletir sobre a importância de Saussure ter “entrado” no interior dos sistemas de signos, no interior da língua, para consolidar sua terminologia, visto que “o sentido não advém do exterior às palavras” (2012, p. 92). Nessa revisita teórica, vemos o signo como decomponível e indissociável: decomponível no laço entre som e ideia e indissociável como grupo som-ideia. Vejamos melhor.

Pensemos que o signo remete a uma ideia, adquire uma significação e significa alguma coisa. Em seu lado psíquico, temos a ideia, já no lado físico, o som – som material, elementos gráficos, sequência de sons vocais, figura vocal. Som-ideia encontram-se indissociáveis, impossíveis de serem separados, porém decomponíveis. Assim, associados um ao outro formam “acoplamentos de elementos heterogêneos” (DEPECKER, 2012, p.87). Sem a ideia, não podemos nos referir ao signo como entidade linguística – o grupo som-ideia é indissociável. Sobre isso, Saussure escreve em seu manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, que, como já referido, compõe os *Escritos de Linguística Geral*: “É errado (e impraticável) opor forma e sentido. O que é certo, em troca, é opor a figura vocal, de um lado, e a forma-sentido de outro.” (SAUSSURE, 2002 p. 21).

---

linguística da *palavra*.” (p.324). Discordamos do posicionamento de Bagno, principalmente, no que diz respeito à consideração de que Saussure tenha realizado uma linguística da palavra. Para nós fica claro, tanto a partir da leitura do CLG quanto dos ELG, que o mestre genebrino sempre deu margem para pensarmos o signo para além do conceito de palavra, não sendo sinônimo desta.

<sup>41</sup> Não temos como objetivo, aqui, detalhar o longo trajeto e diferentes nomenclaturas que Saussure foi utilizando antes de chegar aos termos que consolida. Sobre isso, pode-se verificar no livro de Depecker (2012) das páginas 89 à 92.

<sup>42</sup> Nesse mesmo dia, também são expostas duas ideias fundamentais à noção de signo: que ele possui uma extensão e a própria noção de valor linguístico.

Ao longo dos anos, em uma série de tentativas e erros, conforme Depecker (2012) relata, uma convicção vai surgindo e sendo sustentada: a natureza dupla do signo. Se faz importante abordarmos aqui o pensamento saussuriano frente ao som e a alguns termos aos quais ele remete. Saussure acreditava não existir “som bruto” em uma língua – um som é, no mínimo, *figura vocal*. Segundo Stawinski (2019), fazendo referência ao manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, podemos considerar a “figura vocal” de duas maneiras: “figura vocal como tal” e “figura vocal como signo”. Por “figura vocal como tal”, podemos compreender a sucessão de ondas sonoras presentes na língua sem, necessariamente, apresentar um sentido – mais relacionada às questões acústicas. Já por “figura vocal como signo”, podemos considerar a porção significante do signo, sendo físico-mental, portanto, subjetiva e inseparável da porção do significado. Retirada diretamente do manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, temos a seguinte passagem que nos auxilia na compreensão:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo” mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal. (SAUSSURE, 2002, p. 24)

Na passagem acima referida há um ponto que merece atenção: o termo “signo”. Conforme apontamos anteriormente, ao longo dos *Escritos de Linguística Geral* – que reúne diversos documentos escritos por Saussure – há oscilações de nomenclatura frente aos conceitos que, atualmente, temos como signo, significado e significante. Uma delas – e de extrema importância – diz respeito à noção de significante como signo. Na citação acima, podemos evidenciar isso. Ao escrever “Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro”, podemos pensar em uma das partes da unidade linguística – o significante – e não em signo por completo<sup>43</sup>. Conforme anunciamos no início desta seção, optamos por avisar

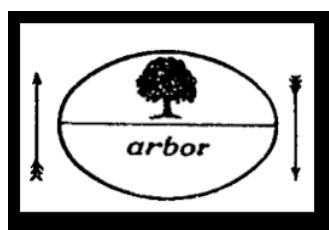
---

<sup>43</sup> Podemos considerar, portanto, neste parágrafo, o termo signo como significante.

o leitor quando signo remeter a significante nos recortes da obra saussuriana por nós utilizados<sup>44</sup>.

Nos encaminharemos, agora, à teorização e à discussão acerca dos elementos do signo linguístico, mas não sem antes lembrarmos de um ponto fundamental para a sua constituição: a ideia de algo nada tem a ver com a materialidade na qual se apresenta. Infelizmente, o próprio CLG já deu margem para tal leitura equivocada. De Mauro (SAUSSURE, 2005), na nota 132, aponta que, a inserção do desenho da árvore feita pelos editores (conforme ilustração abaixo)<sup>45</sup> acabou deixando a impressão de que o significante é o vocábulo e o significado a imagem de uma coisa – assim como quem defende que a língua é uma nomenclatura.

**Figura 1** – Ilustração do signo linguístico contida no Curso de Linguística Geral



Fonte: SAUSSURE, 2012, p.107

Porém, ao longo da leitura do *Curso* encontramos diversos trechos que nos permitem não interpretar o signo linguístico de maneira tão distorcida. Prova disso é a passagem a seguir: “Vê-se, pois, que um signo material não é necessário para reprimir uma ideia, a língua pode contentar-se com a oposição de alguma coisa com nada” (SAUSSURE, 2012, p.128). Isso dá abertura, também, para pensar que um signo pode evocar muitas coisas (e para além do vocal) – memórias, imagens, sensações – extrapolando, talvez, o que se refere tradicionalmente à língua. No entanto, isso não deixa de se constituir como um fato linguístico. Eis o heteróclito e multiforme da linguagem se manifestando na constituição e no recorte do signo, unindo elementos de diferentes materialidades e produtores de uma infinita gama de percepções. Assim, seus efeitos podem ser de ordem multimodal e tremendamente singulares para cada sujeito, mas pautados sempre por algo coletivo: a língua.

<sup>44</sup> Cabe salientar que, quando apontarmos a ocorrência do uso de signo como significante, isso se dará devido a uma interpretação nossa a partir do que já estudamos e também pelo contexto no qual o termo encontra-se inserido.

<sup>45</sup> Uma observação importante necessita ser feita: na análise dos cadernos dos alunos de Saussure, não foi encontrado tal desenho inserido no interior do esquema do signo. Esta foi uma decisão editorial dos organizadores do CLG.

### 2.3.1 Os componentes do signo: significante e significado

Primeiramente, cabe dizer que a separação dos termos significado e significante, aqui, é de caráter puramente teórico: não há como nos referirmos a um signo sem considerarmos apenas uma dessas esferas ou as segregando. Adiantamos, também, que a porção significante será abordada mais amplamente que a porção do significado, e não por acaso. A partir de retomada teórica frente aos elementos do signo – tanto no CLG quanto nos ELG – foi possível evidenciar que o conceito de significante acabou por ser mais discutido e teorizado pelo mestre genebrino. Outra justificativa passa pelo que Sémir Badir (2017) vêm defendendo em suas produções: a assimetria do signo. Passemos à essa discussão.

No CLG, lemos que o significante é de natureza auditiva e somente se desenvolve no tempo, apresentando seus elementos em caráter linear, formando uma cadeia – compondo o caráter linear do significante. Milano (2016) aponta que geralmente essa porção do signo é preenchida pelo traço fônico, porém, não necessariamente: “Cabe ressaltar que não se trata do fônico pelo fônico, mas de qualquer indício material viabilizado sob forma de uma porção significante funcionando como portador de diferença.” (p.72). Ao encontro disso, ainda no CLG, lemos que “[...] o significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico, é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras.” (SAUSSURE, 2012, p.166). Tais apontamentos são de extrema importância para subsidiar a justificativa teórica do signo multimodal: ir além do fônico é a base de nossa proposta.

Na nota 145, De Mauro (SAUSSURE, 2005) também realiza importante apontamento: “O significante do signo linguístico, sendo não uma ‘imagem’ no sentido banal, mas uma ‘figura’ (uma classe de configurações possíveis) de substância acústica<sup>46</sup> (1138, B. Engler), é organizado de modo que seus elementos se repartam em sequências.” (p.447 – tradução nossa). Essa sucessão de signos formando uma cadeia se faz fundamental para que possamos recortar as palavras em uma frase, por exemplo.

Aqui, pensamos ser importante refletir acerca da sequência da linearidade do significante no signo multimodal. Tanto o gesto quanto a prosódia apresentam seus

---

<sup>46</sup> No original: "Le signifiant du signe linguistique, étant non pas une 'image' au sens banal, mais une 'figure' (une classe de configurations possibles) de substance acoustique" (1138 B Engler), est organisé de façon que ses éléments se répartissent en suites. (SAUSSURE, 2005, p. 447)

elementos em um encadeamento temporal – via visoespacial e via sonora, respectivamente – muitas vezes apresentados junto à linearidade fonêmica. Ainda mais interessante é pensarmos que esses elementos se mostram em conjunto, todos ao mesmo tempo, quando o signo multimodal é construído e evocado. Assim, defendemos que todos os componentes – gestos, prosódia e oralizações – são fundamentais na formação da porção significativa, manifestados em uma linearidade, mas também em uma simultaneidade.

Porém, como já dito anteriormente, essa porção de imagem acústica e visual que é o significante não se sustenta sozinha e precisamos falar sobre a outra face do signo. O significado precisa estar dentro das possibilidades estabelecidas pela comunidade linguística, constituindo valor próprio a cada sujeito que se apropria da língua. Logo, ele pode ser pensado como o conceito associado à massa amorfa de sons: uma massa amorfa de sentidos. Tal associação entre as duas porções do signo acontece de maneira arbitrária<sup>47</sup>, sendo o significante imotivado em relação ao significado. Saussure deixa muito claro em suas aulas sobre linguística geral na Universidade de Genebra que conceitos abordados de maneira isolada pertencem ao campo da psicologia e não à linguística. Assim, “[...] na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito”. (SAUSSURE, 2012, p. 148). De Mauro (SAUSSURE, 2005), na nota 145, também destaca a impossibilidade de dissociação, escrevendo que “[...] para Saussure, não há significante onde não há significado, não há outro significante que não o *recto* de um *verso* semântico, e as ‘unidades irreduzíveis’ não têm significado, não são signos, mas elementos constitutivos de um signo.”<sup>48</sup> (p.448 – tradução nossa).

Seguindo nosso percurso teórico acerca das particularidades do significante, pensamos ser importante comentar que sabemos do grande destaque e da importância do preenchimento dessa porção do signo por meio de unidades sonoras, afinal, são elas que nos abrem espaço para as análises linguísticas tradicionalmente realizadas: é pela via do significante que o linguista pode afirmar que ali existe uma língua. Nesse sentido, Utaker (2016) aponta o som como portador de duas unidades – preenchidas por impressões acústicas e movimentos articulatórios – entrelaçadas uma à outra. O significante, de

---

<sup>47</sup> Abordaremos o princípio da arbitrariedade logo em seguida, neste mesmo capítulo, na subseção 2.3.2.

<sup>48</sup> No original: “[...] pour Saussure, il n’y a pas de signifiant là où il n’y a pas de signifié, il n’y a pas de signifiant autre que le *recto* d’un *verso* sémantique, et les ‘unités irréductibles’ n’ont pas de signifié, ne sont pas des signes, mais des éléments constitutifs d’un signe.” (SAUSSURE, 2005, p. 448)

natureza auditiva, está no tempo – um tempo sonoro – composto por uma corrente sonora que é encadeada e que cria sua dimensão temporal. Já a sua articulação se situa no espaço<sup>49</sup>.

Durante retomada teórica no manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, observamos que Saussure aponta duas espécies de significantes<sup>50</sup>: vocal e não vocal. O significante vocal pode ser subdividido em três: completo (palavra ou pronome), complementar (sufixo ou raiz) e destituído de qualquer significação completa (som de uma língua). Já por significante não vocal poderíamos considerar “o fato de pôr tal signo antes de tal outro” (SAUSSURE, 2002, p.47) – totalmente associado à negatividade e à teoria do valor. Trazemos, abaixo, a passagem na qual Saussure discorre acerca disso:

Toda espécie de signo existente na linguagem (1º o signo VOCAL de toda ordem, signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz, signo destituído de qualquer significação completa ou complementar, como um determinado “som” de língua; ou signo não vocal, como “o fato de pôr tal signo antes de tal outro”) tem um valor *puramente*, por conseguinte, não positivo mas, ao contrário, essencialmente, eternamente NEGATIVO. (SAUSSURE, 2002, p.46-47)

Nos parece muito instigante pensar que, desde os seus manuscritos, Saussure já utiliza o termo “não vocal” para pensar o significante: mais um importante ponto a ser considerado para o signo multimodal.

Seguindo nos ELG, encontramos outra passagem que será valiosíssima para também relacionarmos ao signo multimodal. Ela nos diz que “[...] não é o pensamento que cria o signo<sup>51</sup>, mas o signo que determina, primordialmente, o pensamento (por conseguinte, o cria, na realidade, e o leva, por sua vez, a criar signos, sempre um pouco diferentes daqueles que recebeu).” (SAUSSURE, 2002, p. 45). Acreditamos que isso possa estar associado à ideia de assimetria do signo defendida por Badir (2017), e também por nós, para pensarmos a construção do signo multimodal.

Após descrevermos os componentes do signo linguístico, avançaremos para apresentar um dos princípios fundamentais do mesmo: a arbitrariedade. Depecker (2012) já antecipa que, devido ao jogo entre significante e significado – unidos a partir de um vínculo arbitrário que se encontra na estrutura do próprio signo – é que a evolução das

---

<sup>49</sup> É interessante apontarmos uma ressalva feita por Utaker ao abordar o significante. O autor diz que, mesmo a unidade sonora possuindo sua materialidade auditiva, isso não enfatiza a necessidade do aparelho vocal na composição dos signos, conforme já era abordado por Saussure. Aqui, mais uma consideração teórica para justificarmos nossa proposta de signo multimodal.

<sup>50</sup> A noção de significante aparecerá denominada como signo nesta passagem dos ELG.

<sup>51</sup> Neste parágrafo, novamente, pode-se ler signo como significante.

línguas se faz possível. A relação entre as faces do signo não é obrigatória entre si e encontra-se sempre submetida à interpretação dos falantes. A partir disso seguimos à noção de arbitrariedade.

### 2.3.2 Sobre o arbitrário do signo

Antes de Saussure teorizar acerca das questões envolvendo a arbitrariedade, Whitney já as problematizava em *A vida da linguagem* (2010). Ao relacionar o processo de aquisição de uma segunda língua à aquisição de língua materna, o autor apresenta a relação arbitrária existente ao pensarmos o signo:

[...] signo que, em relação àqueles que nós próprios utilizamos, não têm um laço necessário com as concepções que eles exprimem, mas são, como eles, arbitrários e convencionais; signos cuja posse adquirimos pela ocasião, aptidão, esforço e tempo consagrado a essa aquisição [...]. (WHITNEY, 2010, p.37)

Nota-se que Whitney utiliza os termos “arbitrário” e “convencional” o que, anteriormente, já havia discutido em seu texto:

[...] a única e suficiente razão para empregar uma palavra é que outras pessoas a empregam. Portanto, pode-se dizer, num sentido exato e preciso, que toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional: arbitrário, porque qualquer outra palavra, entre as milhares que utilizamos e as dezenas de milhares que poderíamos utilizar, poderia ter sido aplicada à ideia; convencional, porque a razão para empregar esta e não aquela é que a sociedade à qual a criança pertence já a emprega. (WHITNEY, 2010, p.32)

Assim, Saussure se inspira na noção de arbitrariedade de Whitney, acrescentando e teorizando mais acerca dela. Ao abordarmos a língua enquanto sistema, segundo Saussure, precisamos considerar dois tipos de arbitrário: o absoluto (ou radical) e o relativo. Podemos pensar que todo o vínculo entre as porções de significado e significante é radicalmente arbitrário<sup>52</sup>, logo, não há motivação alguma entre a imagem acústica e o seu conceito.

Porém, diversos signos podem ser considerados relativamente motivados, visto que foram originados a partir de outros. Exemplo clássico disso, conforme nos mostra o *Curso de Linguística Geral*, é o signo “dezenove” formado a partir de outros que estão relacionados a ele: “dez” e “nove”. Mesmo que exista aí uma motivação relativa, é importante destacar, conforme nos aponta o mestre genebrino, que “[...] o valor do termo

<sup>52</sup> Depecker (2012) aponta que, nos cadernos do aluno Constantin, o advérbio “radicalmente” está registrado ao mencionar o laço entre significado e significante.

total jamais iguala a soma dos valores das partes [...]” (SAUSSURE, 2012, p.181), assim, constitui-se um novo signo e não apenas uma soma de outros que já existem.

Podemos pensar na limitação do arbitrário e na ideia de arbitrário relativo, segundo Saussure (2012), frente às oposições e solidariedades entre os elementos do sistema e seus vínculos. Depecker (2012), ao longo de seu escrito, aponta as notas dos alunos de Saussure no que se refere ao agrupamento sintagmático e agrupamento por família (de ordem associativa) também responsáveis pelos limites da arbitrariedade do signo.

O arbitrário se encontra, portanto, revestido de uma dupla “limitação” que é produto do sistema: no plano da sucessão no discurso, entre elementos de composição (*couper/couperet*); no plano “associativo”, no pensamento, entre as formas diversamente realizadas de uma mesma unidade (*plu/plaire*). Distinção que Saussure também nomeia, respectivamente, “agrupamento sintagmático” e “agrupamento por família” (*Curso II*, R95, Notas de Riedlinger, 21 de dezembro de 1908, CFS, n.15, p.83 *apud* DEPECKER, 2012, p.102).

Acaba que muito do que envolve a língua resulta em uma limitação do arbitrário e, “[...] se o sistema se mantém, é porque nem tudo nele é arbitrário. Esse sistema não pode ser totalmente arbitrário, porque no mínimo existe organização solidária de elementos.” (DEPECKER, 2012, p.99). Dessa forma, um dos importantes papéis do arbitrário motivado seria justamente a organização e a regularidade do sistema linguístico (SAUSSURE, 2012).

Para John Joseph (2015), Saussure, inclusive, ensinou seus alunos que grande parte do trabalho do linguista é limitar o que é ou não arbitrário na língua. Segundo Depecker (2012), o arbitrário se encontra compensado de diversas maneiras, sendo o sujeito falante o grande responsável por isso. Aqui, vamos mais longe: diríamos que é o falante quem organiza as unidades e lhes dá sentido, instituindo valor linguístico a partir de um trabalho de associação e classificação daquilo que poderia ser caótico na estruturação da língua. Os falantes precisam se entender, organizar massas amorfas de sons e sentidos e isso já acaba produzindo uma limitação no arbitrário.

Fundamental para a nossa proposta de signo multimodal, e presente no texto de Joseph (2015), é a abordagem da arbitrariedade a partir da relação entre significado e significante, independente da forma na qual o signo é materializado. Segundo o autor, até mesmo a iconicidade encontra-se atravessada pelo arbitrário. Podemos pensar que, seja através do gesto ou da oralidade, o arbitrário encontra-se presente na união dos componentes do signo, existindo nas diferentes formas pelas quais a língua possa vir a se



atualizar. Ao discutir as onomatopeias que, por muitos, já foram questionadas acerca da motivação ou não frente à sua expressão, Joseph (2015) aponta que:

[...] dentro do signo, a ligação entre significante e significado opera de forma idêntica, independentemente de quais ligações externas possam ou não existir. Tais ligações externas são, em qualquer caso, uma questão de interpretação, de opinião; e como Saussure apontou, elas são sempre mitigadas pelo convencionalismo.<sup>53</sup> (p.96 – tradução nossa)

Badir (2017) salienta que o arbitrário não pode ser referenciado como consequência da associação entre significado e significante, sendo dependente do sistema linguístico a aprovação (ou não) desta união. Além disso, também apresenta a noção de valor como consequência da arbitrariedade, necessitando que o signo se diferencie dos demais.

Acreditamos que por não ser composta a partir de um limite extremo – totalmente arbitrário ou totalmente motivado – é que a língua nos permite criar. Ou, conforme o próprio Saussure, “Entre os dois limites extremos – mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade – encontram-se todas as variedades possíveis.” (2012, p.182). Criações e variedades, essas tão importantes na fala cotidiana, mas, principalmente, para a construção de enunciados por aqueles que necessitam utilizar outras vias e recursos para se manifestar linguisticamente. Produções linguísticas que, quando ganham voz – e/ou gesto – podem abalar o arbitrário, mas que não abalam o sistema da língua: são passíveis de constituição de valor e de compreensão por parte do interlocutor. Assim, defendemos que a materialidade na qual a língua ganha forma pode ser multimodal, e esta nova orquestração, passível de valoração linguística.

### 2.3.3 A permeabilidade do significante

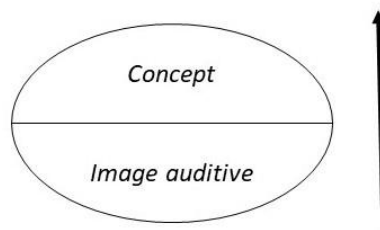
Sendo um dos princípios primordiais do signo linguístico a sua característica arbitrária, Badir (2017) aponta para uma primazia do significante em relação ao significado. Para poder justificar tal afirmação, o autor mostra, em seu texto, o esquema do signo linguístico representado nos cadernos dos alunos de Saussure. Nele, podemos

---

<sup>53</sup> No original: “[...] within the sign, the link between signifier and signified operates identically regardless of what outward links may or may not exist. Such outward links are in any case a matter of interpretation, of opinion: and as Saussure pointed out, they are always mitigated by conventionality.” (JOSEPH, 2015, p. 96)

ver a flecha partindo do significante em direção ao significado, conforme a imagem abaixo:

**Figura 2** – Flecha partindo do significante em direção ao significado: imagem representando como os alunos de Saussure desenharam o signo linguístico, com flecha partindo da porção significante em direção ao significado



Fonte: BADIR, 2017, p.6

Indo ao encontro desse destaque dado à porção significante do signo, defendemos a ideia de que é pela via do significante – a partir de suas diferentes materialidades – que temos acesso ao significado que o signo contém. Ao se apresentar de forma mais “concreta”, é essa porção material do signo que se evidencia ao outro, carregando junto o significado, que lhe é inseparável. Aqui, se faz muito importante ressaltar: qualquer alteração que seja realizada em um dos lados do signo linguístico afetará, conseqüentemente e imediatamente, a outra porção também (SAUSSURE, 2012).

Nos ELG, ao teorizar sobre a diversidade do significante, Saussure nos presentearia com a seguinte citação “[...] só se pode falar da *diversidade do signo na ideia una* ou da *diversidade do signo na ideia diversa*.”<sup>54</sup> (2002, p. 49). Isso porque é justamente pela porção significante que conseguimos ter acesso ao que é produzido pelo outro, tal a sua capacidade de compartilhamento. Já o significado, mesmo que possua certo grau de compartilhamento devido às regras impostas pela língua, não se deixa mostrar. Logo, conseguimos acessá-lo parcialmente a partir da manifestação do outro – gerando pistas por meio do significante. No terceiro capítulo, nos dedicaremos a mostrar como entendemos que a prosódia e a gestualidade atravessam, ou *permeiam*<sup>55</sup>, a porção significante e deixam tal face ainda mais em evidência no signo multimodal, dando acesso às distintas possibilidades de constituição de sentidos para aqueles que se apoiam preponderantemente na multimodalidade para se fazerem compreender.

Finalizando esta seção e nos encaminhando à discussão de conceitos que se encontram em jogo a todo o momento na composição e no recorte de cada signo

<sup>54</sup> Em toda essa passagem, o termo signo deve ser lido como significante.

<sup>55</sup> Avançaremos na discussão acerca da ideia de permeabilidade no signo (MILANO, no prelo; MILANO; OLIVEIRA, no prelo) na seção 3.4 do terceiro capítulo.

linguístico, acreditamos na importância de destacar até aqui dois pontos: (1) o significante precisa ser considerado a partir das diferentes materialidades através das quais se manifesta, para além do fônico; (2) o significante se apresenta como um suporte fundamental para constituir valor e, no signo multimodal, tal porção poderá se encontrar tão dilatada quanto no signo linguístico. Dessa forma, pode-se dizer que “o impacto da materialidade do significante”, seguindo a contribuição de Herman Parret (2002, p.146), se apresenta e ganha um lugar de destaque, permeando o signo por meio da prosódia e da gestualidade. Seguimos nossa discussão.

### **2.3.4 Sobre o valor linguístico: recorte e delimitação de unidades**

Signo linguístico algum pode ser considerado fora de um sistema e de maneira isolada, sendo impossível o conceituarmos sem fazer menção a um de seus princípios básicos: o valor linguístico. O recorte daquilo que denominamos signo se dá a partir da oposição com os demais signos que se encontram no sistema linguístico. Independentemente do que exista na porção do significado e do significante, isso importa menos do que aquilo que está ao seu redor. Dessa maneira, um signo será definido a partir de um “jogo de oposições linguísticas” (SAUSSURE, 2012, p.169). Nos *Escritos de Linguística Geral* observa-se a seguinte passagem acerca disso:

A língua consiste, então, na correlação de duas séries de fatos: 1º consistindo, cada um, em oposições negativas ou em diferenças, e não em termos que ofereçam uma negatividade em si mesmos. 2º existindo, cada um em sua própria negatividade, desde que, a cada instante, uma DIFERENÇA da primeira ordem venha se incorporar a uma diferença da segunda e reciprocamente. (SAUSSURE, 2002, p. 68)

Pensamos que seria impossível falar a respeito do conceito de valor sem nos debruçarmos sobre os recortes de unidades necessários para constituirmos um signo linguístico – as “entidades concretas” (SAUSSURE, 2012, p. 147) desta ciência que é a linguística. Como já mencionamos anteriormente, é mister que significante e significado estejam sempre associados. Caso isso não aconteça, jamais poderemos compor um signo, afinal “Uma sequência de sons só é Linguística quando é suporte de uma ideia; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fisiológico.” (SAUSSURE, 2012, p.147).

Para termos uma entidade, é necessário que a delimitemos, criando, assim, uma unidade. Para isso, precisamos separá-la das demais e opô-la a todos os outros elementos da língua. Acreditamos que a passagem seguinte ilustra bem essa ideia:

Nenhum signo é, portanto, limitado no total de ideias positivas que ele é, no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo; ele só é limitado negativamente, pela presença simultânea de outros signos; e é, portanto, inútil procurar qual é o total de significações de uma palavra. (SAUSSURE, 2002, p. 72)

Essa delimitação acontece dentro de uma linearidade que não é apenas material, acústica. Saussure (2012) mesmo exemplifica que nosso ouvido não é capaz de perceber divisões precisas e suficientes entre uma unidade e outra sem considerarmos o significado que lhe é atribuído naquele momento. Um exemplo clássico disso é quando nos deparamos frente a uma língua desconhecida: fica impossível analisarmos e delimitarmos seus componentes se não conhecemos os seus significados. Assim, também acreditamos que “A unidade não tem nenhum caráter fônico especial, e a única definição que se pode dar a ela é a seguinte: uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito.” (SAUSSURE, 2012, p. 148).

Na língua, estamos o tempo inteiro rodeados por termos que se marcam e se definem a partir de identidades e diferenças. Acerca das identidades, encontramos duas belas passagens – no CLG e nos ELG, respectivamente – para pensarmos o conceito de signo. No CLG, lemos que:

Cada vez que emprego a palavra *Senhores*, eu lhe renovo a matéria; é um novo ato fônico e um novo ato psicológico. O vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia na identidade material nem na exata semelhança de sentido, mas em elementos que cumprirá investigar e que nos farão chegar bem perto da verdadeira natureza das unidades linguísticas. (SAUSSURE, 2012, p. 155)

Já nos ELG, mesmo não explicitando o termo *identidade*, relacionamos a ela a seguinte passagem que diz “[...] o sentido pode variar numa medida infinita sem que o sentimento de unidade do signo seja, nem mesmo vagamente, atingido por essas variações.” (SAUSSURE, 2002, p.72). Ambas as passagens nos fornecem a possibilidade de pensar que, independentemente da materialidade de/em que a unidade for constituída e de sua extensão, o que realmente importa é o reconhecimento de que ali existe um signo. Nos questionamos aqui: quantas vezes ao longo da nossa vida nos fizemos compreender por meio de diversas outras vias que não a palavra? Ou mais: junto à palavra, quantos

elementos multimodais nos auxiliaram a dizer o que desejávamos? Será que essas demais maneiras das quais lançamos mão poderiam ser consideradas como signos em um sistema linguístico, pertencente à linguagem? É por acreditarmos que sim que seguiremos essa reflexão.

Ao delimitarmos a unidade signo podemos definir sua função no sistema, mas só é possível delimitá-lo em uma relação com os demais que estão ao seu redor (relações em presença) e também daqueles que não se fazem presentes (relações em ausência): eis o valor linguístico. Não existem signos prontos, fora da relação com os demais, mas sim “[...] valores que emanam do sistema.” (SAUSSURE, 2012, p. 164). Uma das frases mais célebres presentes no CLG, a qual ilustra bem o pensamento saussuriano frente a isso, é: “Sua característica [a do signo] mais exata é ser o que os outros não são.” (SAUSSURE, 2012, p. 164).

Imaginemos quantas palavras na língua seriam necessárias para dar conta de expressar diferentes noções que, por meio do contexto, podem ser diferenciadas a partir de uma “mesma” forma linguística: o conceito de valor também nos auxilia a entender isso. De acordo com Whitney, “Se contássemos como palavra, na língua inglesa, cada significação de uma palavra, os cem mil vocábulos dessa língua se tornariam um ou dois milhões.” (2010, p.115). Agora, imaginemos mais além: uma mesma unidade linguística composta por diversos contornos entoacionais e/ou apoiada na gestualidade para dar conta de evocar uma infinidade de conceitos que, tradicionalmente, poderiam não estar associados a ela. Porém, a partir dos diferentes recursos multimodais utilizados, esses mesmos contornos passariam a se tornar compreensíveis e a refletir na validação do interlocutor como novos signos, totalmente diferentes do que seria esperado pela tradicional associação significante-significado. Perguntamos aqui: o valor poderia ser pensado a partir da multimodalidade? Ele auxiliaria nas novas construções em que um novo signo foi constituído por um sujeito e compreendido por outro a partir de recursos também linguísticos – mas não só – pertencentes a um campo teórico mais amplo que é a linguagem? Acreditamos que sim, e esse será um dos pontos que iremos teorizar a partir da ideia de signo multimodal.

É interessante pensarmos que o próprio Saussure já apontava a importância dos aspectos prosódicos desde as suas aulas ministradas na Universidade de Genebra. No CLG temos um conhecido trecho no qual podemos evidenciar tal afirmação:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão

e, no entanto, as **variações do volume de sopro e da entonação** a apresentam, nas diversas passagens, **com diferenças fônicas** assaz apreciáveis – tão apreciáveis quanto as que servem, aliás, para **distinguir palavras diferentes** [...]. (SAUSSURE, 2012, p.153-154 – grifos nossos)

Nos parece evidente, então, que a prosódia funciona como um marcador de valor linguístico, conforme proposto por Saussure. Apesar de não a denominar como tal, ele a descreve e enfatiza sua importância na diferenciação dos elementos linguísticos – o que nos é extremamente válido para pensarmos nos componentes que constituem o signo multimodal. Outro apontamento descrito no CLG segue essa mesma linha: “O que importa na palavra não é o som em si, mas as **diferenças fônicas** que permitem distinguir essa palavra de todas as outras [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 165 – grifo nosso).

Acerca do aspecto fônico do signo linguístico, Milano (2015) o aponta como cumprindo importante papel nas noções de sistema e valor. Nesse texto, a autora mostra, a partir das diferentes tramas envolvendo as unidades sonoras – dado que seu objeto de estudo se encontra na discussão acerca do fonético e do fonológico –, que será justamente através da oposição e da diferença das unidades fônicas que o valor pode ser evidenciado<sup>56</sup>. Mesmo sabendo que a porção significativa do signo não se limita aos aspectos sonoros, temos consciência de que o som possui um papel demasiado importante para abordarmos o estudo da língua – do fonema ao discurso. Defendemos a ideia de que para articular um determinado som é necessário haver um recorte linguístico realizado pelo falante, mas somente isso não dá conta de compor um signo. Para que o signo possa cumprir o seu papel de unidade linguística, é necessário que tal porção sonora evoque um recorte de sentido por parte do ouvinte. Nada há de simples nesse processo e, aqui, mais uma vez, defendemos a ideia de uma dilatação da porção significativa se mostrando mais evidente ao interlocutor – por meio de suas diferentes materialidades – do que o significado.

A seguinte passagem retirada dos ELG auxilia a pensar nessa complexidade que é a língua e sua composição por meio dos signos:

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [...], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável. (SAUSSURE, 2002, p.80)

---

<sup>56</sup> Uma observação importante presente nesse artigo e com a qual concordamos totalmente se refere à oportunidade que o *Curso de Linguística Geral* nos dá de olharmos os sons da língua a partir da teoria do valor.

Acreditamos que o signo multimodal também se apresenta a partir de um funcionamento muito semelhante e complexo: definindo-se na relação com os demais signos e sendo construído a cada instante, a partir do que o sujeito faz com a língua, baseado em convenções advindas de uma coletividade. Assim, defendemos que é o sujeito falante – independentemente da maneira com que dá conta de produzir a “sua fala”<sup>57</sup> – quem atribui a um elemento linguístico um valor, um sentido. Lembrando que o compartilhamento (ou não) e a atribuição de um valor pelo outro, passando pela língua, será fundamental para pensarmos os efeitos causados pelo signo multimodal.

Para que uma unidade possa se afirmar como signo e ser sustentada em uma rede de valores, é indispensável que seja construída em um laço entre as relações associativas e sintagmáticas. Diríamos que, em uma simultaneidade, o valor é construído no antes e no depois envolvidos no agora – sempre na relação entre sintagmas e associações. Vejamos, a seguir, tais relações.

### 2.3.5 Sobre as relações sintagmáticas e associativas

“Num estado de língua, tudo se baseia em relações; como funcionam elas?” (SAUSSURE, 2012, p. 171). É a partir dessa pergunta, presente no CLG, que avançaremos em nossa discussão.

É impossível pronunciarmos dois elementos na língua ao mesmo tempo dado o seu caráter linear; logo, organizamos um termo após o outro em um sintagma. “Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.” (SAUSSURE, 2012, p.172). As relações que vamos produzindo *in praesentia* (em presença), encadeando um elemento após o outro, são denominadas de sintagmáticas.

Porém, para que seja possível organizá-las, é necessário selecionar e coordenar uma série de unidades linguísticas a nível mental, *in absentia* (em ausência). Resumindo: “[...] fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas [...]; por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si.” (SAUSSURE, 2012, p.172).

Pensamos ser interessante, aqui, citar a importância que Saussure dá ao falante na língua. Prova é que, ao abordar as relações sintagmáticas e associativas, aponta para o

---

<sup>57</sup> Uma observação importante se faz necessária aqui: o falante é sempre falante-ouvinte, conforme as contribuições de Stawinski (2020).

fato de que a frase é pertencente à fala e não à língua, visto que “É próprio da fala a liberdade das combinações.” (SAUSSURE, 2012, p.173). Acreditamos que um falante na língua constrói diferentes combinações também a partir de elementos multimodais, principalmente em casos nos quais fazer uso da palavra se encontra dificultado.

Ainda no CLG, temos a seguinte citação que é muito cara a este trabalho: “Toda criação deve ser precedida de uma **comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua**, em que as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas”. (SAUSSURE, 2012, p.222 – grifo nosso). Considerando a proposta de signo multimodal, acreditamos que a prosódia possa auxiliar na criação de novas formas, em que o falante compara o que existe na língua e se expressa a partir do uso de diferentes entoações e ritmos para dar conta do seu discurso. Tudo isso influencia no recorte de unidade e na definição do signo multimodal: é a criatividade do falante se apoiando nos recursos já existentes na língua (e não somente eles).

Finalizando esta seção, fazemos nossas as palavras de Whitney: “A mente não apenas tem uma facilidade incrível para aprender as semelhanças, indica-las, e sentir aí o prazer relativo a todo ato criador. Isso dá variedade, vivacidade à linguagem.” (2010, p.115). É nessa vivacidade que o signo multimodal nasce e se apoia. Seguimos à próxima seção.

## 2.4 A gestualidade a partir de um viés linguístico

No primeiro capítulo deste trabalho, abordamos questões envolvendo a gestualidade a partir do que, tradicionalmente, encontramos nas pesquisas realizadas no campo da multimodalidade. Aqui, temos por objetivo retomar os estudos de Frydrych (2020) acerca da possibilidade de considerarmos o gesto a partir de uma leitura linguística de base saussuriana<sup>58</sup>. Nesta seção, realizaremos uma breve síntese de sua abordagem teórica destacando pontos importantes à nossa discussão para, no terceiro capítulo, os deslocarmos para o âmbito do signo multimodal.

Sendo questão norteadora deste trabalho, pensamos ser fundamental reforçar a ideia de que diferentes materialidades – gestuais e orais – podem ser lidas através de um olhar linguístico. Frydrych nos auxilia a justificar tal afirmação a partir da seguinte passagem na qual inclui o fenômeno linguístico como multimodal:

---

<sup>58</sup> Mesmo que os escritos da autora versem, especialmente, sobre as línguas de sinais, toda a sua reflexão é construída pensando no funcionamento da língua, independente da sua materialidade de expressão.



[...] discutir a gestualidade, enquanto potencial materialidade linguística, resulta não mais da necessidade em se determinar o objeto da Linguística, tal como era a necessidade que se apresentava para Saussure ao final do século XIX, mas da necessidade de se compreender **o fenômeno linguístico como multimodal, não restrito ao aspecto vocal fônico.** (2020, p.54 – grifo nosso)

Seguindo a discussão acerca das diferentes formas nas quais a língua pode se atualizar, Frydrych afirma que “A materialidade sonora é *uma* das materialidades da língua; não é *a* materialidade da língua” (2020, p.133), indo ao encontro do que o próprio Saussure (2002) produziu em seu manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, conforme podemos conferir na seguinte passagem: “Declaramos que expressões como A forma, A ideia; A forma e A ideia; O signo<sup>59</sup> e A significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua.” (SAUSSURE, 2002, p. 42).

Ao pensarmos sobre conceito de língua, necessitamos situá-la “no mundo dos signos” (FRYDRYCH, 2020, p.116), não sendo constituída, em sua essência, pela materialidade sonora, mas sim composta por um sistema de signos que se cria e recria na consciência daquele que a coloca em uso – o falante. Para isso, se torna fundamental, a partir do que estamos defendendo neste trabalho, que o preenchimento da porção significante por meio de diferentes materialidades possa ser lido linguisticamente, obrigando-nos “a pôr a mão na “massa amorfa”, naquilo que ela apresenta de “matéria plástica”, via sistema e funcionamento da língua.” (FRYDRYCH, 2020 p.56) – independentemente da materialidade que tal massa amorfa dá a ver.

Milano (2015) e Frydrych (2020) também defendem a ideia de que o gesto pode compor a língua, assim como ocorre com a materialidade sonora, em que “[...] som e gesto, portanto, são duas possíveis materialidades que carregam e sustentam as diferenças no sistema” (FRYDRYCH, 2020, p.134). Como as próprias palavras de Frydrych nos remetem, fica evidente a “potencialidade significante linguística do gesto.” (2020, p.90).

Deslocando as contribuições de Kendon<sup>60</sup> a um pensamento linguístico de base saussuriana, Frydrych (2020) aproveita uma das célebres frases do autor para pensar no gesto como signo. Kendon afirma que o conceito de gesto pode ser pensado como “A ação corporal visível que manifesta traços de expressividade deliberada” (KENDON, 2004, p. 15 – tradução nossa). Segundo Frydrych (2020), podemos realizar a releitura desta afirmação delimitando entidades linguísticas, em que “a ação corporal visível” pode

<sup>59</sup> Aqui, o termo signo deve ser lido como significante.

<sup>60</sup> Conforme o primeiro capítulo deste trabalho, seção 1.4.

ser lida como o signo e o “manifestar traços de expressividade deliberada” como a significação. A autora, ao final, realiza a seguinte reflexão que a nós se faz fundamental, em que “Se esquecermos essa dualidade signo-significação, o gesto cai no domínio dos fatos físicos, e integrará outras atividades humanas, constituindo pura ação biofísica-mecânica do corpo, pouco psicofísica, não linguística.” (FRYDRYCH, 2020, p.149).

A gestualidade também pode ser pautada na teoria do valor de Ferdinand de Saussure, segundo Frydrych (2020). Apesar da materialidade na qual a língua se apresenta sirva como suporte, o que alicerça a noção de valor linguístico não pode ser confundida com ela e pensada a partir das características sonoras ou gestuais de cada signo. O que realmente importa para a construção dos valores se dá via negatividade em um sistema, logo, em como os signos se constituem e se organizam na linguagem. Assim, a autora destaca que, ao linguista (e acrescentamos, aqui, que ao fonoaudiólogo também), a consideração e análise dos signos precisa acontecer dentro do sistema sincrônico de uma língua, em que tanto gesto como som “não tem existência por si mesmo, fora da relação de representação que o material gestual produz no jogo de valores linguísticos.” (FRYDRYCH, 2020, p.133).

Podemos pensar a construção da identidade dos signos gestuais a partir da teoria saussuriana, e Frydrych (2020) destaca que, para abordarmos a identidade, o que nos aparece de concreto na língua é formado a partir da abstração “entre os fatos vocais/materiais” (p.108). Além disso, a autora ressalta a importância de diferenciarmos a materialidade gestual quando esta se encontra ganhando significação dentro de um sistema linguístico ou quando se manifesta como pura materialidade, não atravessada pelas questões da língua – seguindo o princípio saussuriano da dupla essência da linguagem. Acerca destas questões, a autora afirma:

Fora da consideração da identidade, os fatos gestuais não resultam/revelam um objeto. Um certo “ser gestual”, um certo gesto, estando assim constituído e reconhecido em nome de uma identidade que nós estabelecemos, possibilita que se comece a classificar os esquemas/relações de identidade. (FRYDRYCH, 2020, p.139)

O duplo revestimento simbólico que o gesto recebe, a partir de uma leitura linguística, é apontado por Frydrych (2020) e a nós se faz fundamental. Segundo ela, o gesto na linguagem reveste os movimentos do corpo simbolicamente. Quando inserido na estrutura da língua, o mesmo acaba recebendo um revestimento simbólico – o linguístico. Abaixo, trazemos uma passagem na qual Frydrych aborda lindamente esta questão, associada também ao conceito de escuta – proposto por Stawinski (2020):

[...] no estudo da gestualidade não é o movimento manual, por exemplo, que é representativo, mas sim o que esse movimento, por ser descolado do corpo do homem pode representar no nível simbólico. Nesse sentido, a escuta é um gesto, ou melhor, fruto de um gesto, em que o ouvido é alienado, e a recepção das ondas sonoras passa de fenômeno psicofísico a significante. A própria vocalização também não deixa de ser um gesto em que se aliena o aparelho vocal na produção das ondas sonoras. A alienação dessas partes do corpo é como que uma ilustração da *forma* fazendo – literalmente – *sentido* [...] (FRYDRYCH, 2020, p.147)

Frydrych (2020) chega a dizer, inclusive, que “escuta e voz são produtos gestuais” (p.147) a partir da consideração da produção vocal também como um gesto.

Retomando o que já apontamos anteriormente e nos encaminhando ao final desta seção, sabemos que, para abordar qualquer objeto de estudo, precisamos fazer recortes e algo sempre ficará de fora de nossa análise. É por acreditarmos na importância de abrangermos os gestos na linguagem e por esta ser heteróclita e multiforme que defendemos a leitura da gestualidade a partir de um viés linguístico-multimodal. Conforme Frydrych (2020) “[...] aquilo que poderá ‘ser de ordem linguística’ depende do posicionamento que se adota [...]” (p.33) – e, aqui, o nosso posicionamento é o de considerar como linguístico e multimodal as produções prosódicas e gestuais, fundamentais para a construção de signos.

## 2.5 Uma abordagem linguística da escuta

Desde o início da vida clínica, nos preocupavam os efeitos clínicos e acadêmicos que a atribuição de sentido a uma fala disforme, ou até mesmo a uma ausência de oralidade, poderia causar (principalmente quando um sentido não lhe era atribuído). Como fonoaudiólogas, acreditamos na importância de um olhar terapêutico sensível às possibilidades comunicativas de cada sujeito, sendo mister considerarmos como produção sónica o que está sendo evocado, independente da materialidade na qual se apresenta. Para isso, acreditamos na necessidade da presença de um ouvinte disposto a atribuir sentido às produções que desviam do que é esperado – alguém que as esteja escutando linguisticamente – para a definição do que se recorta – ou não – como signo multimodal.

Para que o signo linguístico cumpra a função de significar, é preciso que alguém lhe atribua sentido, delimite valores, o escute. Porém, tal escuta vai muito além da ideia biológica do termo e é isso que abordaremos nesta seção. Para que possamos embasar teoricamente, a partir de uma linguística de base saussuriana, a noção de escuta,

utilizaremos os trabalhos de Stawinski (2020), Milano e Stawinski (2020) e Utaker (2016) como referência.

Ao longo das diversas obras nas quais temos acesso às ideias de Saussure – sejam manuscritos ou livro póstumo a partir de suas aulas (como o CLG) – é notável a preocupação do autor com o efeito produzido pelo aspecto fônico da língua – ou, como escrevem Milano e Stawinski, com o “[...] efeito que o som causa no ouvido.” (2020, p. 9). Articulando as noções de *langue* (língua) e *parole* (fala) e considerando “falante” e “ouvinte”, Stawinski (2020) apresenta uma consistente proposta do conceito de escuta a partir da reflexão saussuriana que, acreditamos, ser importantíssima à fala cotidiana e à fala sintomática.

Ao longo de sua tese de doutorado, intitulada *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*, a autora nos mostra a importância do “ouvinte” na delimitação da *langue* (língua)<sup>61</sup>. Deslocando para o signo multimodal, tal ideia será base para a nossa proposta, visto que o ouvinte estará neste lugar de recorte do que pode ou não vir a ser uma unidade, atribuindo e definindo valor linguístico a ela. Nesta seção, temos a intenção de abordar o conceito de escuta para, no próximo capítulo, desloca-la e relaciona-la mais detalhadamente ao signo multimodal.

Observemos que, ao longo de seu trabalho, Stawinski (2020) traduz o termo *oreille* por “ouvido”. Sua justificativa se pauta na importância de considerarmos seu conceito para além da questão biológica auditiva, assim, também em relação a algo que foi ouvido, ou seja, escutado. Para uma melhor explicação, trazemos uma passagem que sintetiza bem tal noção. Segundo a autora, “O *ouvido* abre margens para refletirmos a partir de um viés até então pouco considerado: o lugar daquele que *sente, percebe, recorta e significa* as unidades da cadeia falada.” (STAWINSKY, 2020, p.37).

Outra passagem que nos interessa muito e que é de grande contribuição para propormos o signo multimodal diz respeito à atribuição de sentidos ao que, por outro interlocutor, poderia ser interpretado como pura massa amorfa. Segundo essa mesma autora, “O *ouvido* funciona como uma síntese de operações fundamentais da relação do ouvinte-falante com a *langue*: sentir, recortar, diferenciar – dar *valor* ao que poderia ser simplesmente massa amorfa, desprovida de estatuto linguístico” (STAWINSKI, 2020, p. 36). Assim, o que foi ouvido determinará a ideia de signo: isso é mister para a atribuição

---

<sup>61</sup> O conceito de ouvinte pode ser entendido para além da noção de interlocutor, logo, está atrelado a um “falante-ouvinte” – considerando também como o próprio sujeito que fala. Sobre tal particularidade, recomendamos a leitura de Stawinski (2020).

da existência do signo multimodal e, também, para validarmos produções singulares como manifestações linguísticas dentro de um sistema.

Ao encontro disso, Milano e Stawinski (2020) apontam para uma noção de língua que precisa ser considerada em seus aspectos concretos e abstratos – baseadas na ideia saussuriana – para que a escuta linguística também possa operar, recortar e valorar massas amorfas:

[...] a fonação e a audição entram em jogo no mecanismo da *langue* ultrapassando os aspectos meramente físicos necessários ao diálogo: a noção de centro associativo dá lugar à singularidade do falante-ouvinte na delimitação das unidades linguísticas, e **a definição do que é *langue* encontra-se dependente da escuta linguística do que poderiam ser apenas massas amorfas de som.** (MILANO E STAWINSKI, 2020, p.11 – grifo nosso)

As contribuições de Utaker também são extremamente relevantes para seguirmos a abordagem acerca da escuta. Em seu texto *Corps, oreille et temps* (2016), o autor coloca em relevo o receptor, inovando no campo da linguística – visto que o foco sempre pairou muito sobre o falante em diferentes trabalhos da área – dando grande destaque ao efeito que o som pode provocar. É interessante citar que o autor chega, inclusive, a apontar que a escuta também se faz possível a partir das relações em ausência, sendo construída na relação entre falante e receptor – ou, como aponta Stawinski (2020), entre falante-ouvinte – a partir daquilo que é dito e também pelo que não é falado.

Segundo Utaker (2016), o espaço existente entre falante e receptor para que a escuta aconteça é perpassado pelo efeito. O mais interessante em sua obra é o destaque dado à importância de considerarmos esse efeito para além da produção de fala e de questões auditivas fisiológicas, chegando a dizer que tal efeito é da ordem do inaudível.

Utilizado pelo mesmo autor e também muito interessante ao nosso trabalho, é a noção de “envelopamento” que a língua fornece à escuta e à fala. Segundo ele “A língua envelopa o que ouvimos e o que dizemos como um espaço nos envelopa; ela é áfona.”<sup>62</sup> (UTAKER, 2016, p.226 – tradução nossa). Tal questão se faz fundamental para pensarmos a escuta nas manifestações multimodais – indo para além do que é manifestado através do fônico – afinal, se a língua não pode ser reduzida à voz, a escuta também não.

Acreditamos que, a partir da leitura de Stawinski (2020), Milano e Stawinski (2020) e Utaker (2016), seja possível pensar na escuta e, conseqüentemente, em seus efeitos, independentemente das diferentes materialidades nas quais a língua se apresenta.

---

<sup>62</sup> No original: “La langue enveloppe ce que nous ecoutons et ce que nous disons comme un espace nous enveloppe; ele est aphone.” (UTAKER, 2016, p.226)

Com base em nossa trajetória teórico-prática, acrescentamos que a constituição dos diferentes efeitos, permeados pela organização linguística em suas distintas formas materializadas, só se faz possível a partir da atribuição de valores na relação falante-ouvinte.

## 2.6 Encaminhamentos

Ao abordarmos a noção de signo linguístico saussuriano, fica evidente a impossibilidade de separarmos seus componentes – significante e significado. Defendemos, ainda, uma permeabilidade existente entre tais porções, através da qual possam circular aspectos não somente de ordem sonora, mas também multimodais, auxiliando o falante-ouvinte no recorte e na valoração da unidade. Pensado a partir dos conceitos de linguagem, língua e fala, o signo linguístico se organiza a partir de relações associativas e sintagmáticas de maneira absolutamente arbitrária, independente da materialidade na qual possa ser abordado. Para a sua existência, é necessário que passe pela atribuição de um valor linguístico e, este, pode ser estabelecido através da escuta do interlocutor.

Nos encaminhando para o final deste capítulo, acreditamos ser de suma importância destacar que, ao abordarmos a fala sintomática, a qual se encontra – em diversas situações – muito apoiada na gestualidade e nos aspectos prosódicos, a escuta linguística precisa operar em alguma instância sobre a escuta fonoaudiológica, de modo que as unidades produzidas pelo paciente sejam passíveis de recorte e ganhem *status* de signo na escuta clínica. Assim, afirmamos que um signo é constituído pelo efeito – ou efeitos – que o mesmo produz, podendo ser pensado para além da união entre as porções de significante e significado, atravessado pela escuta nas diferentes materialidades nas quais ganha vida. Essa organização peculiar na maneira em que a língua é colocada em funcionamento nos parece muito semelhante à noção de signo linguístico saussuriano e, a partir desta singularidade, seguiremos ao terceiro e último capítulo deste trabalho, dando ênfase ao que estamos propondo como signo multimodal.

### 3 O SIGNO MULTIMODAL

Conforme já anunciamos brevemente, o fazer clínico fonoaudiológico foi o grande motivador para a escrita deste trabalho. Observar a língua em funcionamento e ganhando vida através de uma imensidão de formas de expressão nos fez ser testemunhas de que o conceito de signo multimodal merecia maior atenção. Para isso, seguindo o referencial teórico-clínico que temos como base, é mister nos apoiarmos no que a linguística de base saussuriana tanto tem a contribuir – não à toa que formulamos nossa proposta em torno do conceito de signo.

O signo linguístico, teorizado por Saussure, não dá conta de ser conceituado e pensado de maneira isolada. O mesmo ocorre ao abordarmos o signo multimodal. Para abordar ambos os signos, é necessário lançarmos mão de uma rede de conceitos imersos no sistema da língua. Neste capítulo, descreveremos e relacionaremos o signo multimodal ao que, anteriormente, revisamos teoricamente. Além disso, pequenas vinhetas clínicas serão apresentadas a fim de demonstrar, na prática, o que temos pensado acerca dessa noção. Tais recortes clínicos aparecerão ao longo do texto, sempre que acharmos que o enlace entre a questão teórica e a clínica se faz pertinente<sup>63</sup>.

Podemos nos perguntar: mas por que a escolha do termo signo multimodal? Como ele surgiu? Por que desenvolvê-lo a partir da ideia do célebre signo linguístico? Já adiantaremos que, assim como Saussure, tivemos grande dificuldade em poder nomeá-lo e defini-lo<sup>64</sup>.

Em meio às particularidades da clínica de linguagem, algo acerca da noção do recorte das unidades em nós pulsava, mas não sabíamos que nome dar a isso. Corpos, muitas vezes, com movimentos limitados; dificuldades práxicas importantes; interações prejudicadas; diferentes diagnósticos e prognósticos... Algo em meio a isso era comum: a diversidade das formas com que a língua era colocada em funcionamento. O uso das mãos, das pernas, do olhar; os diferentes contornos melódicos envelopando o que, foneticamente, poderíamos dizer que ainda se encontrava muito disforme; reorganizações articulatórias singulares; mas, principalmente, a soma de todos esses recursos para

---

<sup>63</sup> As vinhetas clínicas aqui apresentadas partiram de situações clínicas e foram registradas em diário de pesquisa pela mestranda.

<sup>64</sup> De Mauro (SAUSSURE, 2005), na nota 140, discorre acerca do temor que Saussure vinha tendo ao nomear o signo linguístico, refutando o termo “símbolo” e chegando a “signo” após diversas idas e vindas (conforme já apontado no segundo capítulo). Sua maior preocupação era que o termo “signo” pudesse remeter apenas a um de seus lados e não à relação significante-significado.

expressar as possibilidades de um sujeito linguístico que ali pulsava, que pedia uma escuta do outro. Apesar de, em muitos momentos como esses, ainda não existirem palavras reconhecidas como tal e um discurso oral mais robusto, poderíamos dizer que, ali, não existiam manifestações linguísticas? É por não acreditarmos nisso que percebemos a urgência de tentar nomear e caracterizar o que, linguisticamente (mas não só), poderia estar se organizando de maneira tão instigante e peculiar na fala de nossos pacientes.

Desde os manuscritos até suas aulas na Universidade de Genebra, Saussure apontava a importância de não limitarmos a língua pela materialidade em que é representada (especialmente sonora), visto que a mesma não se encontra reduzida unicamente ao som. Algo da ordem do não-vocal já era mencionado desde os seus ensinamentos<sup>65</sup>. Ao observar a vivacidade e a multimodalidade que atravessam as manifestações humanas, a cada dia acreditamos mais que língua e fala – no sentido saussuriano dos termos – não sobrevivem sem o heteróclito e multiforme da linguagem. A partir de tal leitura, podemos pensar que as massas amorfas que surgem na fala sintomática, envelopadas por diferentes materialidades e combinações delas, talvez não sejam tão amorfas assim, mas multimodais. Sozinhas, talvez não ganhem sentido, mas colocadas na relação com o outro que lhe atribuí estatuto de signo, ao escutá-las em relação a todo o conjunto de manifestações expressas em uma fala, podem ser validadas como pertencentes à língua. Logo, acreditamos e defendemos a noção de língua também como suporte necessário para abrir a escuta à fala do outro.

Passemos, agora, à conceitualização do que acreditamos ser o signo multimodal.

### **3.1 Afinal, o que podemos considerar como signo multimodal?**

A primeira vez que utilizamos o termo *signo multimodal* foi em 2013, no trabalho de conclusão de curso denominado *Princípios metodológicos da transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas* (OLIVEIRA, 2013). Ainda não tínhamos uma descrição mais precisa dele, mas desde aquela época sabíamos da importância de teoriza-lo mais detalhadamente. O percurso teórico para o seu desenvolvimento é uma caminhada que trilhamos desde o início da vida clínica, perpassando a teoria e a prática. A partir de agora, daremos ênfase à tentativa de defini-lo, apesar de sabermos que esta é uma árdua e complexa tarefa, assim como um desafio bastante arriscado.

---

<sup>65</sup> Como já apontamos detalhadamente no capítulo anterior, na subseção 2.2.



Propomos considerar o signo multimodal a partir das mesmas bases que sustentam o signo linguístico: a associação da porção significante à porção significado. O que muda é o “preenchimento” de tais componentes. Em nossa proposta de signo multimodal, além da oralidade, damos ênfase também à prosódia, aos gestos e aos olhares. Ou, utilizando a mesma metáfora que sugerimos no segundo capítulo, poderíamos associar seu conceito a uma sinfonia multimodal em que o signo, preenchido por diferentes materialidades, é constituído de maneira singular a partir de regras coletivas da língua. As notas de tal sinfonia seriam compostas por diferentes gestos, prosódia, olhares e também junções fonêmicas, organizadas em peculiares arranjos. Seus efeitos podem ser de ordem multimodal e singular para cada sujeito, mas sempre pautados pela coletividade que é a língua.

Tanto para o linguista como para o clínico, o signo multimodal se mostra de fundamental importância. A partir dele, podemos pensar que, tendo como base uma abordagem linguística, uma forma manifestada por meio do “mesmo” ou pelo “disforme” de maneira “congelada” em sua produção pode ser portadora de diferentes significados. O que poderia ser considerado como estereotipia ou como um jargão, em muitas situações, recebe um novo sentido: apesar da forma de expressão oral acontecer de maneira limitada, novos signos podem estar sendo produzidos e valorados. O que nos garante isso? A possível interpretação de uma manifestação multimodal, principalmente via prosódia, olhar e gestualidade com que acontecem. Afinal, também é papel do fonoaudiólogo poder se questionar sobre como interpreta a ocorrência do “mesmo” e do “disforme” (pensamos aqui na mesma materialidade comunicativa e em falas imprecisas) frente aos sujeitos com quem trabalha e, principalmente, em situações clínicas, quando todos esses rearranjos de elementos multimodais organizados na língua saltam aos olhos.

Assim como anunciamos no primeiro capítulo deste trabalho, necessitamos realizar um recorte teórico acerca do que trabalharíamos no campo da multimodalidade. Observando e refletindo a partir de nossa prática clínica, elegemos dar destaque à gestualidade e à prosódia justamente porque percebemos sujeitos recorrendo principalmente a essas materialidades em suas manifestações comunicativas. Agora, passaremos à abordagem de cada um desses elementos selecionados e apontaremos como propomos considera-los no contexto do signo multimodal.

### 3.1.1 Gestualidade

Em Oliveira (2013), já podemos encontrar a seguinte frase que será norte para a abordagem da gestualidade a partir de nossa concepção teórica: “[...] o corpo é tomado pela linguagem e os gestos produzem efeitos que se incorporam ao dizer.” (p.52). É a partir do atravessamento da linguagem no corpo que seguiremos e, para isso, as contribuições de Levin<sup>66</sup> (1991) são fundamentais.

Esteban Levin se apropriou da ideia de signo de Saussure e a deslocou para pensar a gestualidade, realizando interessante interlocução entre a clínica psicomotora e a linguística saussuriana. Segundo o autor, não há possibilidade de separarmos corpo e linguagem, sendo a motricidade humana perpassada pela mesma e considerada para além das questões biológicas que a compõem.

Como o corpo, as posturas, o movimento, o tônus, os gestos, são tomados pela linguagem que os pré-existe e os cria (o sujeito é criado pela linguagem) e não ao contrário: que o corpo ou o movimento ou os gestos como entidades em si mesmas tomem a linguagem<sup>67</sup> (LEVIN, 1991, p.71 – tradução nossa)

Sendo o corpo também um significante, visível e audível (LEVIN, 1991), o autor considera os gestos – pensados em uma rede associativa e sintagmática – como signos. Signos esses estabelecidos e relacionados a partir de uma relação de valor com os demais, não possuindo um significado estático. Ao pensarmos a gestualidade, podemos considerar o significado como efeito do significante, “[...] pois não há significado prévio sem produção de significante”<sup>68</sup> (LEVIN, 1991, p.92 – tradução nossa). Da mesma forma, é impossível abordarmos o significante de maneira isolada, sendo definido sempre na relação com o significado a partir da oposição, diferença e articulação com os demais signos (LEVIN 1991; OLIVEIRA, 2013). Nas palavras de Levin:

Nesta linha de pensamento se quebra o gesto como signo. Já que não é o gesto em si mesmo que permite se diferenciar dos demais (o que equivaleria a uma correspondência unívoca entre significado e significante) em vez disso, o gesto “um” é um enquanto existir o gesto “dois” que o diferencia e articula, ou dito de outro modo: o gesto se diferencia desde que haja outro gesto que o

---

<sup>66</sup> Esteban Levín é um psicomotricista que leu Saussure com forte influência de sua formação psicanalítica freudo-lacanianiana. Como se pode perceber, há uma abordagem das noções saussurianas atravessadas por interpretações que Lacan fez do linguista genebrino, tomando o corpo constituído na e pela linguagem.

<sup>67</sup> No original: “Cómo el cuerpo, las posturas, el movimiento, el tono, los gestos, son tomados por el lenguaje que los pre-existe y los crea (el sujeto es creado por el lenguaje) y no al revés: que el cuerpo o el movimiento o los gestos como entidades en si mismas tomen al lenguaje.” (LEVIN, 1991, p. 71).

<sup>68</sup> No original: “[...] pues no hay significado previo sino producción de significantes”. (LEVIN, 1991, p.92)

diferencie “de” e o articula “com”. O que se perde então entre ambos os gestos significantes é o significado<sup>69</sup> (LEVIN, 1991, p.92-93 – tradução nossa)

Seguindo nossas considerações pautadas em autores que têm como base a linguística saussuriana, passamos às contribuições de Frydrych (2020). Ao tratar a gestualidade a partir do princípio da dupla essência, conforme apontamos no segundo capítulo deste trabalho, a autora nos faz refletir acerca da importância de contemplarmos o gesto em um sistema linguístico, sendo este capaz de produzir e modificar valores. Assim, vamos ao encontro de sua proposta, valorando o gesto também como linguístico: considerado como signo e impossível de ser pensado fora de um sistema de valores linguísticos. Seguimos com um trecho de seu trabalho o qual resume muito bem esta ideia:

[...] fora de um sistema, a gestualidade não passa de elemento material desprovido de significação, de valor. A significação só é possível no interior de um sistema linguístico. Fora dele, resta a pura materialidade. Em apreender, ou considerar a apreensão da gestualidade no interior do sistema, está a possibilidade de análise da potencialidade linguística do gesto, e o surgimento da necessidade, também para nós, em agrupar esses signos gestuais na Semiologia. (FRYDRYCH, 2020, p.151)

Sendo a língua “o depósito das imagens acústicas” (SAUSSURE, 2012, p.47), diríamos aqui que a mesma também poderia ser o “depósito das imagens gestuais”, ampliando ao campo da gestualidade sua organização. Acreditamos que não é à toa que o termo “depósito” encontra-se presente: nunca se pensou a língua a partir de uma materialidade sonora exclusiva. Como prova disso, temos a seguinte passagem retirada dos ELG, em *Outros escritos de linguística geral*:

[...] chegou-se a qualificar a linguagem falada de *função* do organismo humano, misturando, assim, sem volta, o que é relativo à *voz* e o que é relativo apenas à tradução do pensamento por um signo, que pode ser absolutamente qualquer um e comportar um aperfeiçoamento e uma gramática de acordo com **signos visuais ou táteis** ou de acordo com signos não menos convencionais que se escolherá na voz. (SAUSSURE, 2004, p. 219 – grifo nosso)

Assim, defendemos que som e gesto são possíveis materialidades linguísticas e sustentam diferenças no sistema, ganhando o *status* de significante e compondo, logo, o signo.

---

<sup>69</sup> No original: “Por esta línea de pensamiento se rompe el gesto como signo. Ya que no es el gesto em si mesmo el que permite diferenciarse de los demás (lo que equivaldría a una correspondência unívoca entre significado y significante) sino que el gesto ‘uno’ es uno en tanto exista el gesto ‘dos’ que lo diferencia y articula, o dicho de outro modo: el gesto se diferencia en tanto haya outro gesto que lo diferencia ‘de’ y lo articula ‘con’. Lo que se pierde entonces entre ambos gestos significantes es el significado.” (LEVIN, 1991, p. 92-93).

Passemos agora à abordagem de outro componente multimodal que, mesmo se apresentando via materialidade sonora, merece espaço de destaque ao defendermos o signo multimodal. Seguimos para os aspectos prosódicos.

### **3.1.2 Prosódia**

Antes de adentrarmos teoricamente a temática em questão, precisamos realizar uma ressalva importante no que se refere à marcação e ao registro da prosódia em nosso trabalho. Desde que iniciamos a pesquisa acerca da transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas (cf. OLIVEIRA, 2013; SURREAUX; OLIVEIRA, 2013), não nos preocupava a descrição de cada detalhe técnico específico envolvendo o registro da gestualidade e de aspectos prosódicos envolvidos na cena analisada. Nos parecia de suma importância inseri-los e transcrevê-los, mas nosso foco não estava em detalhá-los: nos preocupávamos prioritariamente com os efeitos que a sua consideração em uma transcrição, para além dos aspectos envolvendo a junção fonêmica (tradicionalmente e, por muitas vezes, unicamente abordada em transcrições), poderia gerar no registro e análise dos fatos linguísticos. É importante observarmos que o efeito – tanto teórico quanto clínico – sempre ganhou destaque em nossas produções e que é a partir dele que proporemos pensar a prosódia no signo multimodal.

Além disso, acreditamos na impossibilidade (conforme abordado em OLIVEIRA, 2013) de transferir ao material transcrito, fidedignamente, tudo aquilo que foi produzido e escutado em cena clínica. Se, ao passarmos o material de fala que se articula em palavras oralizadas ao escrito, já temos perdas importantes, quem dirá as nuances manifestadas por meio de detalhamentos prosódicos.

Surreaux e Deus (2010), em um artigo no qual abordam a especificidade da transcrição de falas sintomáticas, refletem acerca dos ganhos e das perdas que a transformação de enunciados produzidos em um meio oral, passados ao meio escrito, trazem consigo, justamente por não se tratar de um procedimento mecânico. Segundo as autoras “Enquanto no contexto oral aquele que enuncia está ali, no contexto escrito quem enunciou não está mais presente. Na realidade, no caso da transcrição, estão em jogo dois enunciadorees: o que fala e o que transcreve” (SURREAUX; DEUS, 2010, p.114). Algo de inapreensível existe em todas as falas, permeado também pela escuta do outro. No que diz respeito à fala sintomática, isso se sobressai ainda mais, afinal “Transcrever o

distúrbio de linguagem não é comparável epistemologicamente a transcrever dados de outra natureza” (SURREAUX; DEUS, 2010, p.112).

É interessante observamos que, mesmo antes do termo “escuta” ganhar um *status* teórico a partir da abordagem saussuriana (STAWINSKI, 2016, 2020)<sup>70</sup>, Surreaux e Deus (2010) já a consideravam como fundamental na abordagem dos dados de fala sintomática, tal como mostra o trecho abaixo:

A abordagem de falas *incompletas* requer sua leitura sempre em relação a outras falas. Nesse sentido, a transcrição e análise de falas sintomáticas indicam requerer uma contextualização que dê destaque à *escuta* que se faz do contexto enunciativo daquele dizer. Isso significa levar em consideração a integração dos níveis de análise linguísticos em sua interdependência. (p.118 – grifos das autoras)

Seguindo em nossas considerações acerca da incompletude da passagem do oral ao escrito, lemos que De Mauro (SAUSSURE, 2005), na nota 143, aborda a particularidade das interjeições, apontando para uma dificuldade em transcrevê-las graficamente devido a sua singularidade. Segundo o autor, observamos reorganizações importantes na voz ao produzirmos interjeições: a curva melódica se modifica para que o signo ganhe vida. Vamos ao encontro de sua posição e afirmamos que, do nosso ponto de vista, algo sempre irá escapar no registro de fala do outro – seja essa fala considerada a partir da voz, do gesto ou de qualquer outra materialidade.

Se, cotidianamente já lançamos mão de diferentes aspectos prosódicos para nos fazer compreender, no que se refere à fala sintomática tal questão aparece ainda mais dilatada. Especialmente na clínica de linguagem, temos observado o quanto a prosódia produz mudanças de sentido a partir de uma “mesma” forma apresentada na materialidade fonêmica. Por diversas vezes a mudança prosódica acaba sendo a única via possível de distinção na evocação de um signo para quem o emite e para quem o escuta. Materializada através da porção significativa, ela se mostra ao outro na tentativa de distinguir massas amorfas de som e sentido ou, ainda, de diferenciar palavras que poderiam ser interpretadas como portadoras de um mesmo significado (dada a dificuldade em variar a forma na qual é expressa). A relacionamos, aqui, à teoria do valor de Ferdinand de Saussure. Acreditamos que, por meio da prosódia e de seu fundamental papel na distinção de sentidos, é possível marcar e diferenciar distintos valores linguísticos ou, conforme Oliveira (2013), “[...] cabe então, ao componente prosódico gerar os variados sentidos à

---

<sup>70</sup> Se faz importante mencionar que outros autores também tratam o tema da escuta a partir do legado saussuriano, sendo eles: Parret (2002), Utaker (2016) e Milano, Stawinski e Gomes (2016).

mesma materialidade fonêmica” (p.36)<sup>71</sup>. Se seguirmos esta via de pensamento, não há como considerar uma “mesma forma” de maneira estática e congelada, livre de outras significações – independente da materialidade de sua manifestação, se colocada em um sistema que faça sentido a quem o escuta, a cada vez de forma renovada.

No entanto, para que possamos considerar a prosódia a partir de tal abordagem é necessário que não a resumamos unicamente ao som. Ao produzir oralmente, a prosódia também passa por aspectos de seleção e combinação a partir das relações sintagmáticas e associativas. Ao ganhar voz, via significante, há um processo envolvendo a seleção das características prosódicas para aquele determinado tipo de enunciado (por exemplo: se afirmativo, negativo ou interrogativo), associando-se a tantas outras características e demais materialidades – como a associação gesto-prosódia, por exemplo. Isso acontece muito cedo, desde os primeiros tempos do bebê e, retomando a citação de Scarpa (2012), os aspectos prosódicos acabam sendo “[...] a possibilidade primeira de estruturação ligando o som ao sentido.” (p.41).

Por diversos momentos já citamos, neste terceiro capítulo, que a prosódia se manifesta pela via do significante. Isso pode não ser uma grande novidade, afinal, sabemos que os aspectos fônicos se dão a ver através do som. Porém, acreditamos que, por meio dos aspectos prosódicos, possamos ir ao encontro do que Badir (2017) vem propondo a respeito da assimetria do signo<sup>72</sup>. Ao observarmos o signo multimodal ganhando vida, testemunhamos a prosódia, muitas vezes, cumprindo papel ímpar na diferenciação de seus valores, sendo possível observar a dilatação da porção significante do signo por meio dela. Observamos ainda que a prosódia pensada em sua composição e em seus efeitos abarca tanto a porção do significante quanto a do significado<sup>73</sup>. Acreditamos, então, que temos a “porta de entrada” do signo pelo significante, permitindo a associação e a diferenciação dos diversos significados que ali possam estar “pedindo escuta” a partir deste primeiro “dar a ver/dar a ouvir” materializado pela voz.

Nossa abordagem acerca da prosódia contempla a ideia de a considerarmos como um constituinte fundamental da língua, considerando tanto seus aspectos concretos

---

<sup>71</sup> Sugerimos a leitura dos fatos linguísticos apresentados em Oliveira (2013) e Surreaux e Oliveira (2013). Lá, encontram-se os registros e as análises a partir de um caso clínico no qual, devido a uma afasia, o paciente não variava suas manifestações de fala para além da expressão “Chega mais”. Chegou-se à conclusão que, apesar da “mesma” forma linguística estar sempre presente na fala do paciente, prosódia e gestualidade lhe possibilitavam a evocação de diferentes significados, constituindo a cada ato de fala diferentes signos.

<sup>72</sup> Conforme subseção 2.3.1, no segundo capítulo deste trabalho.

<sup>73</sup> Abordaremos mais detalhadamente a permeabilidade da prosódia no signo multimodal na seção 3.5 deste capítulo.

quanto abstratos. Se faz interessante pensar que tudo isso ganha vida a partir da posição de fala e de escuta estabelecida na cena clínica. É preciso que um ouvinte<sup>74</sup> atento esteja disposto a recortar e a atribuir sentido e valores às manifestações via prosódia (e também via gestualidade, conforme abordamos anteriormente).

Passemos, agora, ao que denominamos escuta do signo multimodal.

### 3.2 A escuta do signo multimodal

Quando falamos em escuta, neste trabalho, remetemos à noção de escuta linguística proposta por Stawinski (2020). Acreditamos na impossibilidade de pensarmos a multimodalidade e, portanto, o conceito de signo multimodal, sem abarcarmos a escuta necessária para, inclusive, validar as produções multimodais como signos.

Conforme Milano e Stawinski (2020) “[...] a definição do que é *langue* encontra-se dependente da escuta linguística do que poderiam ser apenas massas amorfas de som.” (p.11). Os diferentes valores produzidos pelo falante, muitas vezes pela via gestual e/ou prosódica, precisam ser atribuídos pelo outro. Assim, defendemos a ideia de que a escuta é constitutiva do(s) sentido(s).

O ouvinte apresenta papel fundamental, inclusive para o recorte do que será um signo multimodal em um contexto específico. É ele quem delimitará a unidade e lhe atribuirá sentido (ou não). A escuta do signo multimodal precisa de uma pista material para encontrar a identidade, pois, independente da materialidade e da extensão do signo, o que importa é o seu reconhecimento.

Na tradicional passagem em que *Senhores!* é enfatizada com diferentes entoações, no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012, p.153-154), já citada no segundo capítulo deste trabalho, Saussure nos presentearia com um belíssimo exemplo acerca da identidade do signo permeada por diferenças prosódicas ou, seguindo as palavras contidas no CLG, “[...] diferenças fônicas assaz apreciáveis – tão apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes [...]” (SAUSSURE, 2012, p.154). Ousamos dizer que o mestre genebrino nos oferece, por meio dela, uma riquíssima contribuição para pensarmos a identidade no signo multimodal.

---

<sup>74</sup> Cabe salientar que consideramos o termo ouvinte a partir do que foi proposto por Stawinski (2016) e discutido no segundo capítulo do presente trabalho; logo, tomado para além das questões fisiológicas envolvendo a audição.

Abordando a identidade formada não somente pela matéria na qual se apresenta, mas que também necessita dela para se constituir como tal, os diferentes elementos multimodais – prosódia, gesto e olhar – se apresentariam como fundamentais para constituir a identidade no signo multimodal. Acreditamos que, se tratando da fala sintomática, isso se torna ainda mais evidente e afirmamos: para que o reconhecimento da identidade seja possível, os componentes multimodais, organizados em um jogo de valores, necessitam de uma escuta linguística.

Nos encaminhando para a discussão do enlace do signo multimodal a diferentes aspectos da teoria saussuriana, enfatizamos a importância do papel do ouvinte na delimitação do que é a língua. É ele quem definirá e recortará a unidade, independente da materialidade na qual se apresenta. Destacamos: não há signo multimodal sem a escuta do outro.

### **3.3 Um olhar saussuriano ao signo multimodal: aspectos teóricos e práticos**

Após abordarmos com maior ênfase os elementos fundamentais para pensarmos o signo multimodal – prosódia e gestualidade – seguimos à discussão teórico-prática a partir da teoria saussuriana. Com o objetivo de manter a relação entre clínica e pesquisa, a qual desde sempre regeu nossas produções, tomaremos os conceitos teóricos associados a uma vinheta construída a partir de um caso clínico fonoaudiológico. Para ilustrá-lo, sintetizaremos seu histórico, realçando principalmente a riqueza dos recursos multimodais utilizados pelo paciente em questão. O descreveremos, brevemente, neste início de seção para que, ao longo do escrito, seja possível a costura com questões envolvendo a teoria, alternando elementos teóricos deste capítulo com as vinhetas clínicas para fins ilustrativos dos conceitos no âmbito do signo multimodal<sup>75</sup>.

Denominaremos, aqui, o paciente em questão Pedro. Pedro é um adulto jovem com sequelas neurológicas e motoras graves pós-atropelamento. Do ponto de vista da linguagem compreensiva, não se observou prejuízos. Inicialmente, suas possibilidades de comunicação se deram unicamente por meio de movimentos corporais pontuais. Seus olhos estavam sempre muito atentos ao interlocutor, existindo um pedido de escuta por

---

<sup>75</sup> Cabe salientar que não realizaremos um estudo de caso neste trabalho. Apresentaremos, por meio de vinhetas, recortes clínicos registrados em diário de pesquisa, que nos auxiliem a pensar e demonstrar aspectos importantes do signo multimodal. Dado que a proposição de tal conceito teórico se deu a partir da relação teórico-prática, pensamos ser impossível descrevê-lo sem associação a alguma vinheta clínica.



meio do olhar. Devido ao importante comprometimento motor, iniciamos o processo de reabilitação fonoaudiológica por meio do uso de recursos multimodais para que Pedro pudesse manifestar seus desejos. Para manifestar o “sim”, levantava a perna, já o “não” acontecia por meio do piscar firme de olhos. Com o decorrer dos atendimentos e dada a necessidade de comunicar ao outro diferentes questões para além da afirmação e da negação, Pedro passou a fazer uso de uma prancheta de comunicação alternativa<sup>76</sup>. A multimodalidade era a sua única possibilidade de se fazer compreender. Foi realizado um trabalho com a família desde os primeiros dias para que se fizesse uma escuta de tais possibilidades, pois ali havia um sujeito que demandava ser ouvido.

Finalizando essa breve descrição inicial do caso, passemos agora à costura de seus desdobramentos clínicos aos aspectos teóricos, de base saussuriana, que pensamos ser de maior relevância para defendermos a ideia de signo multimodal. Iniciemos pelo valor linguístico.

### **3.3.1 O valor linguístico**

Independentemente da materialidade através da qual a fala aparece, é o sujeito falante quem lhe atribui valor. O compartilhamento (ou não) e a atribuição de valor pelo outro, na língua, será fundamental para pensarmos os efeitos causados pelo signo multimodal. O recorte destes “signos que emanam do sistema” (SAUSSURE, 2012, p.164) estão na dependência da escuta do outro. Assim, é impossível pensarmos o signo multimodal dissociado da teoria do valor. Para que se configure como unidade, é necessário que o signo se oponha a todos os demais inseridos no sistema ou, conforme consta no CLG, que se insira em um “jogo de oposições linguísticas” (SAUSSURE, 2012, p.169).

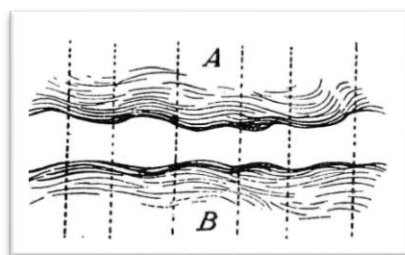
É no recorte das massas amorfas que o signo multimodal ganha vida. Diríamos, ainda que, não somente no recorte das massas amorfas de som e sentido, mas, sim, na delimitação e no rearranjo de todos os seus componentes multimodais que tal recorte de

---

<sup>76</sup> A Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) é um sistema de comunicação utilizado em diferentes situações clínicas nas quais os sujeitos apresentam dificuldades na oralização da fala. Ela pode acontecer com ou sem o apoio de imagens e/ou escrita, por meio de gestos e expressões corporais, por exemplo, e, também, por meio do uso de vocalizadores, cartões, pastas e recursos tecnológicos com imagens e letras para que a comunicação se torne viável. Os recursos utilizados são construídos a partir das particularidades de cada paciente. Para maiores detalhamentos sobre a utilização e confecção de recursos, sugerimos acessar o site <https://www.assistiva.com.br/ca.html>.

manifesta. Não serão todos os gestos produzidos que farão parte do signo, assim como nem todos os olhares dirigidos ao outro. Da mesma forma, apenas alguns elementos prosódicos estarão sendo selecionados e combinados para que o signo ganhe seu estatuto como tal. O que se torna fundamental e necessário é o laço entre significante e significado, o sentido amarrado à materialidade (ou às materialidades) na qual se veiculou o significante. É essa construção conjunta, permeada pela escuta do outro, que dará vida ao signo multimodal. Abaixo, vemos o esquema retirado do CLG referente ao recorte de massas amorfas:

**Figura 3** - Esquema das massas amorfas



Fonte: SAUSSURE, 2012, p.159

Em relação ao recorte de caso clínico acima citado, foi possível ver, na prática, a criação de novos signos desde o primeiro momento. Naquele contexto, para aquele sujeito e para aquela família, movimentos corporais que, tradicionalmente, poderiam não significar ou constituir outro(s) significado(s), receberam uma valoração linguística bem particular: um “sim” tomou forma através de uma elevação de perna; um “não” passou a ser expresso por meio de um piscar firme de olhos.

Seja qual for a materialidade na qual a língua se dá a ver, constituída pela oralidade (já configurada como palavra, por meio de onomatopeias ou ainda por sons que variam em suas entoações, porém sem ser possível a identificação como palavra), gestos ou olhares, uma condição fundamental é o valor atribuído na solidariedade do sistema. Trazemos, aqui, uma contribuição de Buysens (*apud* DE MAURO *in* SAUSSURE, 2015) para pensarmos no que se refere à valoração de outras possíveis materialidades: “[...] quaisquer que sejam os valores onomatopaicos e icônicos que neles se queira ver, é caracterizado pelo fato de que é gramatical, solidário de um sistema, e que é disso, e não de seu eventual aspecto ‘simbólico’ ou ‘icônico’ que emerge o valor” (p.445). Assim, afirmamos que, sim: a multimodalidade também pode – e deve – ser lida a partir da teoria do valor.

A partir de nossa experiência clínica, temos observado que os componentes multimodais, muitas vezes, acabam se tornando a única via possível de diferenciação de valores linguísticos, funcionando como marcadores de valor. Isso se mostra no rasgar do significante<sup>77</sup> ao outro por meio do corpo – seja vocal, seja gestual – deixando o significante ainda mais em evidência no signo multimodal. Como aponta Parret, percebemos “O impacto da materialidade do significante” (2002, p.146).

Este “rasgar do significante” por meio do corpo pode ser ilustrado a partir do caso em questão. O movimento de perna inicial para comunicar o “sim” e o piscar de olhos firmes para expressar o “não”, com a evolução motora do quadro do paciente acontecendo, passaram a permitir que os “mesmos” significados fossem manifestados através de novos significantes: para o “sim”, movimentos verticais de cabeça (elevando-a e abaixando-a) e, para o “não”, movimentos laterais com a mesma. Por meio desses significantes explicitados via gesto, pudemos acessar os significados daquele sujeito que, até o momento tão limitado em suas manifestações linguísticas, produzia via corpo. É nesse rasgar que o signo se manifesta e permite sua escuta por parte do outro. Assim, podemos perceber a dilatação da porção significante acontecendo em ato.

Para que esse falante-ouvinte possa percorrer o rio da língua de forma mais tranquila, principalmente em situações nas quais a fala oral ocorre de maneira muito disforme ou limitada, acreditamos na importância do apoio em recursos multimodais. Diferentes gestos, olhares e entoações podem ser evocados para expressar e gerar possibilidades infinitas de recortes de signos que, escutados e validados pelo outro, podem levar o sujeito, inclusive, à reorganização de suas expressões linguísticas.

### **3.3.2 O arbitrário do signo**

No signo multimodal, assim como no signo linguístico, o laço entre significante e significado é radicalmente arbitrário. Não há causalidade para que as porções do signo se unam, e tal relação pode ser preenchida por diferentes materialidades desde que estejam organizadas em um sistema que possa fazer sentido a quem o escuta. Aqui, pensamos ser

---

<sup>77</sup> Propomos o termo “rasgar” a partir da permeabilidade existente entre os elementos do signo linguístico (e, também, do signo multimodal). Seguimos a ideia de Milano (no prelo) e Milano e Oliveira (no prelo) de que as porções de significado e de significante desses signos não são fixas e estanques, mas sim permeáveis. Detalharemos melhor tal noção na seção 3.5 deste capítulo.

importante trazer uma passagem de De Mauro (SAUSSURE, 2005) acerca da arbitrariedade que envolve o signo:

Se os signos não fossem arbitrários, estariam naturalmente aquém da história. E, reciprocamente, o fato de que as discriminações de significações em significados, as distinções de fonias em significantes, as associações dos significados e dos significantes sejam fenômenos que não se fundam em nada senão escolhas históricas, temporal, geográfica e socialmente definidas, tudo isso, ou seja, a radical historicidade dos signos, torna-os da mesma maneira radicalmente arbitrários. (p. 448-449 – tradução nossa)<sup>78</sup>

No entanto, também podemos observar o arbitrário motivado no funcionamento do signo multimodal, dada a sua importância para a organização da língua e, diríamos, dos componentes multimodais. Por mais que exista certa motivação, nunca haverá uma soma de signos para gerar um novo, mas, sim, a construção de um novo e atualizado signo.

Acreditamos ser interessante, aqui, pensarmos no momento em que “sim” e “não”, na vinheta clínica apontada, passaram a ganhar forma via movimentos de cabeça e não mais por elevação de perna e piscar de olhos. É possível observarmos que, tais gestos, lidos e valorados socialmente como “sim” e “não”, passaram a ser introduzidos em um sistema que faz sentido não só naquele núcleo familiar, mas para diferentes sujeitos em um contexto social mais amplo e que utilizam os mesmos gestos em suas produções comunicativas.

Nos questionamos: poderíamos considerar tais gestos como motivados, dado que, culturalmente, são atribuídos às expressões de afirmação e negação? Acreditamos que não! Seguimos a ideia saussuriana, quando discute acerca da arbitrariedade, ao dizer que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2012, p.109). Ser representado e valorado por grande parte do social, em uma cultura específica, não pode ser sinônimo de motivação.

No caso de Pedro, em especial, conseguimos ver na prática o radical arbitrário acontecer: “sim” e “não” se manifestaram por meio de materialidades, em um primeiro momento, absolutamente distintas do que tradicionalmente esperaríamos, ganhando

---

<sup>78</sup> No original: “Si les signes n’étaient pas arbitraires ils seraient naturels et donc en-deçà de l’histoire. Et, réciproquement, le fait que les discriminations des significations en signifiés, les distinctions des phonies en signifiants, les associations des signifiés et des signifiants soient des phénomènes ne se fondant sur rien d’autre que sur des choix historiques, temporellement, géographiquement et socialement définis, tout cela, c’est-à-dire la radicale historicité des signes, les rend de la même façon radicalement arbitraires.” (SAUSSURE, 2005, p. 448-449).

*status* de signo naquele contexto e para aquela família e equipe de profissionais que o acompanhava. Também precisamos considerar a importância da evolução na forma em que o significante se dá a ver: os diferentes movimentos de cabeça (verticais para “sim” e laterais para “não”) acabam apresentando maior possibilidade de compreensão no âmbito social do que a elevação de perna e o piscar de olhos. Novamente a arbitrariedade se mostra: os “mesmos” signos – “sim” e “não” – se materializaram, via significante, de outra maneira<sup>79</sup>. Observamos, assim, o valor se manter apesar da mudança de substância da porção significante: eis o arbitrário do signo se evidenciando na prática clínica.

Trazendo a discussão acerca do motivado/imotivado também para o âmbito oral, especificamente acerca das palavras onomatopaicas, De Mauro (SAUSSURE, 2005) aponta para a importância de considerarmos o tempo e os sistemas gramaticais nas quais as onomatopeias se encontram inseridas. Visto que Saussure (2012) discorre acerca do tema ao questionar a motivação ou não das onomatopeias, De Mauro resume de forma interessante o papel fundamental da temporalidade e da língua nas quais as podemos considerar. O autor ainda as relaciona à função poética, onde:

Seria errôneo negar o fato de que, em coletividades linguísticas dadas de uma língua determinada, possa-se perceber valores fonossimbólicos em tais ou tais palavras, ou em tais e tais classes de sons: e se sabe que na organização dos signos linguísticos em função poética um certo papel pode às vezes ser atribuído voluntariamente aos significantes cujo autor entende explorar o valor fonossimbólico que lhes dão [...] (SAUSSURE 2005, p.446 – tradução nossa)<sup>80</sup>

Não é de hoje que, em pesquisa, estamos atentas e estudando acerca das semelhanças e relações existentes entre a fala sintomática e a função poética (*vide* SURREAUX, 2006; OLIVEIRA; MILANO, no prelo). Acreditamos, fortemente, que ambas se organizam de maneira muito semelhante: fazendo sobressair atos linguísticos criativos. Pensado a partir disso, o signo multimodal também seria uma via de

---

<sup>79</sup> Aqui, cabe retomarmos a metáfora do jogo de xadrez produzida por Saussure (2012). Na passagem que a contém, percebemos que é possível trocarmos um dos elementos do jogo por qualquer outra figura, desde que seja estabelecido um pacto, na partida, de que esta outra peça terá o mesmo valor da outra que foi substituída; logo, nos indica que o valor linguístico pode ser constituído a partir de qualquer outro elemento. Ao final de tal passagem, ao questionar se a peça do cavalo poderia ser substituída por alguma outra, encontramos a seguinte afirmação: “Decerto: não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor.” (SAUSSURE, 2012, p.156).

<sup>80</sup> No original: “Il serait erroné de nier le fait que, dans les collectivités linguistiques données de langue déterminée, on puisse percevoir des valeurs phonosymboliques dans tels ou tels mots ou dans telles ou telles classes des sons: et l’on sait que dans l’organisation des signes linguistiques en fonction poétique un certain rôle peut parfois être volontairement assigné aux signifiants dont l’auteur entend exploiter la valeur phonosymbolique qu’on leur donne [...].” (SAUSSURE 2005, p.446)

organização e expressão da criatividade do falante, fazendo pulsar o radicalmente arbitrário.

### **3.3.3 Relações associativas e sintagmáticas**

Antes de abordarmos o signo multimodal a partir das relações associativas e sintagmáticas, seguiremos o desdobramento clínico do caso de Pedro, apresentando outra vinheta para, posteriormente, podermos costurar com os demais aspectos teóricos.

Com o passar do tempo, Pedro passou a ter maior controle cervical e de tronco. Observamos uma clara associação entre a evolução motora e a vocal. Sua musculatura laríngea também foi se fortalecendo e a voz começou a se manifestar. Em um primeiro momento, ainda não era possível a articulação motora de palavras, mas a voz estava ali em suas diferentes modulações, sendo possível diferenciar negações e afirmações junto aos movimentos do corpo. “Sim” e “não” passaram a ser ditos por meio dos movimentos de cabeça associados as suas características prosódicas.

Para que uma unidade seja passível de ser recortada como signo e constitua valor, é preciso que nasça no laço entre as relações associativas e sintagmáticas. Ao deslocarmos para o signo multimodal, tal lógica também opera, já que o mesmo é evocado e seus elementos se mostram em conjunto, manifestados em uma linearidade e simultaneidade. Assim, poderíamos pensar no gesto e na prosódia em um encadeamento temporal (via visoespacial e sonora) associados à linearidade fonêmica. Acreditamos que o recorte do caso de Pedro dá margem para pensarmos tais questões envolvendo simultaneidade e linearidade.

Em um primeiro momento, apesar dos fonemas ainda não se mostrarem articulados na fala do paciente observou-se uma linearidade sonora manifestada por meio da prosódia. E mais do que isso: tais aspectos prosódicos ganhavam forma junto à gestualidade, formando um único significante – um significante multimodal. O balançar lateral de cabeça e a entoação de negação apresentados em um encadeamento temporal e simultâneo, permitiam ao sujeito manifestar o significado “não”, através da união de duas materialidades. O mesmo acontecia com o “sim”.

Aqui, nos arriscamos a dizer que podemos pensar na construção de uma sintagmatização constituída por signos multimodais em que o gesto e a prosódia vão moldando a porção significante. É a partir do elo entre os elementos que o sujeito consegue selecionar e combinar (independentemente da materialidade, mas que dão conta

de produzir um recorte pela escuta do outro) que surge o signo multimodal e sua diferenciação dentro do sistema.

Ao valorarmos como signos manifestações produzidas com o apoio de diferentes materialidades e as escutarmos como produções repletas de multimodalidade, acreditamos que também podemos abrir portas para que signos preenchidos por fonemas, palavras e frases ganhem vida em casos nos quais a expressão oral se encontra muito limitada. No caso de Pedro, por exemplo, aos poucos os signos – até então produzidos com forte apoio dos gestos e da prosódia – passaram a ganhar forma de palavras e frases. A movimentação dos órgãos fonoarticulatórios também foi se aprimorando, ganhando força e precisão nos movimentos, permitindo a articulação de diferentes porções sonoras.

Percebemos que, via gestualidade e prosódia, Pedro pôde ir reorganizando suas produções sígnicas. O que começou com uma elevação de perna e o piscar firme de olhos transitou para um balançar lateral e vertical de cabeça, acrescido de mudanças prosódicas de negação e afirmação. Posteriormente, passou-se a articular palavras e frases organizadas em uma complexa sintagmatização<sup>81</sup>. Assim, nos parecem claros os efeitos clínicos transformadores que a atribuição de valores a signos multimodais, através da escuta linguística, pode gerar.

### **3.4 A permeabilidade do signo multimodal: aspectos prosódicos e gestuais**

Muito já foi descrito, nas seções anteriores, acerca do papel fundamental que prosódia e gestualidade apresentam na constituição do signo multimodal. Agora, passaremos à reflexão de como tais elementos se configuram dentro das porções de significante e significado, bem como os possíveis efeitos do que denominaremos *permeabilidade do signo*.

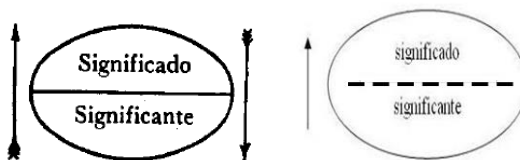
Aqui, se faz necessário definir de melhor forma o que pensamos acerca de tal permeabilidade. Milano (no prelo) aponta para a barra que divide as porções do signo linguístico, não como algo fixo e sólido, mas, sim, como uma divisão maleável e

---

<sup>81</sup> Optamos por descrever, nesta nota, breves informações sobre desdobramentos clínicos do caso de Pedro. Atualmente, encontra-se caminhando com apoio, voltou a andar a cavalo (sua atividade favorita) e produz frases longas oralizadas. Recentemente, passou por uma cirurgia para correção de fratura na articulação temporomandibular, melhorando a realização fonética dos sons.

permeável. Seguem imagens para melhor ilustrarmos, como proposta de um primeiro esboço<sup>82</sup>:

**Figura 4** – Comparativo entre o signo com barra fixa e o signo com barra permeável



Fontes: SAUSSURE, 2012, p.161; MILANO, no prelo.

Neste trabalho, realizamos um deslocamento importante em relação ao que trouxemos em Oliveira (2013). Na época, descrevíamos a gestualidade e a prosódia como elementos que atravessavam o signo. Hoje, a partir do que Milano (no prelo) e Milano e Oliveira (no prelo)<sup>83</sup> vêm propondo, acreditamos que os constituintes – tanto do signo linguístico quanto do signo multimodal – podem permear o signo, não se fixando em apenas uma de suas porções.

Em um primeiro momento, talvez, ficássemos tentados a dizer que ambas as materialidades – gestuais e prosódicas – se situariam no lado do significante, visto que é a materialidade na qual o signo se mostra ao outro, conforme, inclusive, apontamos acima. Porém, acreditamos que, por serem elementos que auxiliam a diferenciar sentidos, prosódia e gestualidade permeiam o signo todo, “[...] integrando simultaneamente aspectos do significante e do significado” (OLIVEIRA, 2013, p.40).

Ao considerarmos o princípio saussuriano da mutabilidade, não podemos afirmar que apenas transformações na materialidade do significante ou transformações do sentido que intervêm no significado modificam somente uma das referidas porções do signo, pois “sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante” (SAUSSURE, 2012, p. 115). Acreditamos que tanto a prosódia como a gestualidade permeiam o signo e, logo, constituem a porção do significado, não somente a do significante. Isto porque ambas são os principais elementos que ajudam a diferenciar os

<sup>82</sup> Essa proposta foi apresentada inicialmente por Milano em conferência proferida na mesa *O pensamento sobre Saussure: (re)leituras possíveis*, no 8º Seminário Nacional e 2º Seminário Internacional de Língua e Literatura Conversas Remotas, organizado pela Universidade de Passo Fundo (UPF), em outubro de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=F5J4wO\\_i5vE](https://www.youtube.com/watch?v=F5J4wO_i5vE)

<sup>83</sup> Milano e Oliveira (no prelo) seguem a mesma ideia de permeabilidade do signo, mas a deslocam para pensar o signo multimodal em casos de fala sintomática.



distintos sentidos de uma “mesma” materialidade fônica, não restritos somente ao significante. Assim, pode-se considerar que ambas permeiam o signo linguístico, pertencendo a ele como um todo, integrando simultaneamente aspectos do significante e do significado (OLIVEIRA, 2013).

Na nota 154 de De Mauro, observamos um comentário importante retirado dos cadernos de Constantin em relação à mudança no sistema, caso uma das faces do signo seja modificada:

Não falemos da alteração dos signos, como acabamos de fazer momentaneamente, para maior clareza. Isso nos faz crer que se trata somente de fonética: de mudança na forma das palavras, de deformação das imagens acústicas, ou então de mudança de sentido. Isso seria mau. Quaisquer que sejam os diferentes fatores de alteração e sua natureza absolutamente distinta, todos agindo em concerto conduzem à alteração da relação entre ideia e signo, ou da relação entre significante e significado. Talvez fosse melhor dizer: ao deslocamento da relação entre ideia e signo.<sup>84</sup> (1248-1250, ENGLER *apud* DE MAURO *in* SAUSSURE, 2005, p.449 – tradução nossa)

É seguindo esta ideia saussuriana que embasamos a interpretação do signo multimodal: a permeabilidade da prosódia e da gestualidade deixa marcas no signo todo e, apesar de se materializar pela via do significante, não há como dizermos que não são pertencentes à porção de significado. Assim, em situações nas quais as falas encontram-se muito limitadas, a porção do significado seria preenchida ora com gestos, ora com prosódia, e ora com ambos, visto que o significante (forma fônica) que limitadamente é evocado ganha diferentes valores pela prosódia que o molda e pela gestualidade que o acompanha (SURREAUX; OLIVEIRA, 2013).

Aqui, pensamos ser interessante trazermos mais uma vez a noção de envelope multimodal (ÁVILA-NÓBREGA, 2010, 2018), mas agora associado ao conceito de signo multimodal. Sendo este envelope, em nossa proposta, uma mescla de três componentes da interação – gesto, olhar e produção vocal – construído sempre na dialogia, acreditamos que o possamos deslocar para pensarmos a manifestação e a dilatação do significante do signo multimodal. Assim como descrevemos no segundo capítulo deste trabalho, concordamos com a ideia de Badir (2017) acerca da assimetria entre as porções de significante e significado como sendo a “primeira” (porque mais evidente e dilatada) via

---

<sup>84</sup> No original: "Ne parlons pas de l'altération des signes comme nous venons de le faire momentanément pour plus de clarté. Cela nous fait croire qu'il s'agit seulement de phonétique: de changement dans la forme des mots, de déformations des images acoustiques, ou bien de changement de sens. Ce serait mauvais. Quels que soient les différents facteurs de l'altération et leur nature tout à fait distincte, tous agissant de concert aboutissent à l'altération du rapport entre idée au déplacement du rapport entre idée et signe." (SAUSSURE, 2005, p.449)

de acesso ao signo linguístico. Tomando por base os três componentes do envelope multimodal e a prosódia, que aqui tanto mencionamos, acreditamos que ambos funcionam como porta de entrada ao signo multimodal, comprovando a maior dilatação da porção significante proposta por Badir (2017).

Para finalizar esta seção, trazemos as contribuições de Milano (2015) para avançarmos com as considerações acerca das amarras existentes entre o signo e seus efeitos; logo, entre o signo e os valores também escutados pelo outro. A autora destaca a necessidade de não abordarmos o som isoladamente em seus aspectos materiais<sup>85</sup>, defendendo que a impressão acústica é fruto da associação entre a realização articulatória e seu respectivo efeito. “Fatores articulatórios, acústicos e semânticos são amarrados pelo ouvido dos falantes” (MILANO, 2015, p.251), sendo impossível considerarmos apenas as marcas sonoras concretas manifestadas. Além dos efeitos produzidos pela organização dos signos na língua, Milano apresenta em sua proposta uma noção extremamente relevante: o apontamento de que, na teoria saussuriana, há um “falante-ouvinte que está sob efeito das unidades significativas da língua” (MILANO, 2015, p.252).

### 3.5 Encaminhamentos

É na vivacidade da língua que o “falante-ouvinte” (MILANO, 2015, p.252) dá vida ao signo multimodal. É por meio de sua criatividade, se apoiando nos recursos linguísticos (e não somente neles), que recorta a unidade e define o signo. Mas, para que isso aconteça, é necessário que ali também esteja presente um ouvinte que realize uma escuta linguística.

Acreditamos que, ao selecionar e combinar diferentes aspectos prosódicos e gestuais, o sujeito é capaz de alterar e constituir valor, tornando-se possível a criação de unidades que estamos nomeando como signos multimodais. Se a possibilidade encontrada pelo falante ganha forma e produz sentido ao outro a partir da relação e da oposição com os demais signos – linguísticos e multimodais – que o antecedem, o sucedem e, até mesmo, com aqueles que com ele se relacionam em ausência, aí se constitui uma produção multimodal pautada em uma valoração linguística.

---

<sup>85</sup> É necessário destacar que, no texto em questão, Milano aborda o lugar do fônico nas obras de Saussure, logo, a materialidade em questão é a sonora. Porém, também podemos pensar em qualquer outra materialidade em que a língua é manifestada.

Assim, finalizamos este capítulo com um pensamento de Platão que, quanto ao signo multimodal, consideramos servir muito bem. Pensarmos o falante como um “artesão dos nomes” (PLATÃO *apud* SOUZA, 2010, p.21), nomes que são constituídos através da multimodalidade – com corpos, entoações, olhares e palavras que se tecem conforme as possibilidades do falante e da escuta do ouvinte – é a base para que o conceito de signo multimodal possa ganhar vida na teoria e na prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos encaminhamentos finais são permeados pela certeza de que a proposta de um conceito de signo multimodal, assim como seus desdobramentos, não se encerra por aqui. Produzir ciência é justamente estar sempre em reconstrução e, quando nosso objeto de estudo é contextualizado no âmbito da linguagem e da língua, tal percurso se torna ainda mais infundável.

As reflexões realizadas neste trabalho foram fruto de questionamentos que sempre perpassaram os âmbitos teórico e clínico de nossa trajetória. Questionamentos esses que produziram em nós o desejo de produção teórica a partir do que observamos, diariamente, na prática clínica. Respondendo às nossas perguntas iniciais, acreditamos que, quando as possibilidades de comunicação não podem ser colocadas em palavras, a organização linguística se assemelha muito aos momentos em que isso é possível, diferenciando-se somente acerca da materialidade na qual é expressa. Para isso, a noção de signo multimodal, contemplando, na língua, uma organização e expressão que englobe aspectos multimodais, se faz de fundamental importância.

Acreditamos, ainda, que a noção de signo multimodal possa vir a estender o conceito de signo linguístico, dada a abrangência que adquire pela via da multimodalidade – o que nos leva a considerar o signo também em suas materialidades gestual e prosódica. Assim, é impossível considerarmos a hipótese de uma proposta do conceito de signo multimodal dissociado do enlace entre a clínica e a pesquisa. Tais amarras entre as diferentes áreas de conhecimento só puderam ser realizadas a partir das incessantes discussões teóricas produzidas no grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure* – sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Luiza Milano –, fazendo circular a interdisciplina em cada temática abordada.

Em Oliveira (2013), o termo signo multimodal foi inicialmente sugerido, porém sem uma definição teórica mais aprofundada. Algo em nós ficou latente acerca dele e, a partir do ingresso no mestrado em Estudos da Linguagem, o desejo por retomar e aprofundar a sua definição ganhou espaço. Ao longo desta dissertação, pudemos perpassar dois conceitos de base fundamental para que o signo multimodal pudesse ser de fato definido: o de multimodalidade e o de signo linguístico.

No primeiro capítulo, pudemos realizar a revisão bibliográfica, a partir de diversos estudos, acerca da noção de multimodalidade. Descrevemos a sua conceituação e mantivemos nosso olhar mais apurado, em especial, a dois elementos multimodais que

apresentam um importante destaque na clínica fonoaudiológica: gesto e prosódia. Tais elementos puderam ser pensados desde os primeiros tempos do desenvolvimento infantil até o deslocamento às questões que perpassam a clínica.

Os estudos de Kendon (1982, 1988, 1996, 1997, 2004, 2008) e McNeill (1985, 1992, 2000, 2006, 2010) constituíram a base de nossa revisão teórica no que diz respeito à gestualidade, e, na área da prosódia, um maior destaque foi dado aos trabalhos de Scarpa (1999, 2005, 2009, 2012) e Dodane (2015, 2018, 2020). A justificativa para essas escolhas se pautou na importância que os referidos autores apresentam para as suas respectivas áreas – gesto/gestualidade e prosódia –, fornecendo contribuições teóricas importantes para o campo da multimodalidade e para estudos prospectivos envolvendo a área – alguns desses trabalhos foram também citados aqui (ANDRADE; ALVES, 2020; BARBOSA 2010, 2012; CAVALCANTE, 1999; CUNHA *et al.*, 2020; DODANE; DEL RÉ, 2018; GOLDIN-MEADOW *et al.*, 2007; IVERSON, 2010; LIMA; FARIA, 2020; KITA 2009; VASCONCELOS *et al.*, 2018; ZUCCARINI *et al.*, 2018).

No segundo capítulo, revisitamos a noção de signo linguístico a partir das contribuições teóricas de Saussure (2002, 2012) e de diversos outros autores que trabalham a partir da teoria de base saussuriana, tais como Badir (2017), De Mauro (SAUSSURE, 2005), Depecker (2012), Frydrych (2013, 2020), Joseph (2015), Milano (2015, 2016), Milano e Stawinski (2020), Parret (2002), Stawinski (2019, 2020) e Utaker (2016). Iniciamos nossa discussão trazendo os conceitos de linguagem, língua e fala para, posteriormente, nos debruçarmos à abordagem do signo e às diferentes noções que o permeiam, dentre elas seus componentes (significado e significante), a arbitrariedade, o valor linguístico e as relações sintagmáticas e associativas. Além disso, se fez fundamental abordar a gestualidade e o conceito de escuta a partir de uma leitura linguística de base saussuriana através dos trabalhos de Frydrych (2013, 2020) e Stawinski (2019, 2020) respectivamente.

Já no terceiro capítulo, partimos da célebre frase de Saussure “a linguagem é multiforme e heteróclita” (2012, p.41) para enfatizarmos o principal objetivo deste trabalho: a proposição e a apresentação do conceito de signo multimodal. Para a sua elaboração, grande destaque foi dado à prosódia e à gestualidade, atravessados por uma leitura linguística de base saussuriana. A noção de escuta (STAWINSKI, 2020) perpassou nossa proposta teórica, se apresentando como subsídio fundamental para a valoração linguística do signo multimodal.

Ao encontro disso, a possibilidade de realizarmos uma leitura da materialidade gestual como pertencente à ordem da língua, segundo Frydrych (2020), nos forneceu importante amparo teórico para propormos o conceito aqui em evidência. Ao final do capítulo, destacamos a noção de permeabilidade do signo (MILANO, no prelo) pensada a partir de uma abordagem multimodal, fazendo circular entre as porções de significantes e significados os aspectos prosódicos e gestuais.

Finalizando nossas considerações, acreditamos que a noção de signo multimodal fornece ao falante a possibilidade de percorrer de maneira mais ampla o rio da língua, lhe permitindo atualizar as formas linguísticas a partir de diferentes materialidades – oral e gestual, dentre tantas outras, às quais não se pode dar ênfase nesse estudo. A escuta de produções multimodais se faz de extrema importância para aqueles que, em especial, se apoiam em recursos como o gesto e a prosódia para manifestar sua forma de estar na língua. As interpretações dessas manifestações, no entanto, ainda careciam de um (necessário) conceito de signo que perpassasse tamanha abrangência. Nesse sentido, acreditamos que a discussão realizada neste trabalho possa contribuir tanto para a fonoaudiologia quanto para a linguística, dada a sua característica interdisciplinar e teórico-prática enfocada a partir de nossa proposta.

Para encerramos nossas considerações, propomos o deslocamento de um trecho escrito por Frydrych (2020) e que acreditamos representar muito bem o que entendemos por signo multimodal. Diríamos, então, que as produções sígnicas multimodais são uma “[...] rebelião na ordem” (2020, p.154), afinal, “Para quem vê vozes, escutar o gesto é fundamental.” (2020, p.154). Que possamos seguir escutando as tantas formas pelas quais se manifesta o signo multimodal!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. K. de S.; ALVES, G. Â. dos S. Execução dos gestos emblemáticos na criança com transtorno do espectro autista. **PROLÍNGUA**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 239–249, 2020.

ÁVILA-NÓBREGA, P. **Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em cenas de atenção conjunta**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2010.

ÁVILA-NÓBREGA, P. **O Sistema de referenciação multimodal de crianças com síndrome de down em engajamento conjunto**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2017.

ÁVILA-NÓBREGA, P. **O Estudo do Envelope Multimodal como uma contribuição para a Aquisição da Linguagem**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical?. **Semiotica**, v. 2017, n. 217, 2017.

BARBOSA, P. Prosódia: uma entrevista com Plínio A. Barbosa. **ReVEL**, [S.l.], v. 8, n. 15, p. 388-399, 2010.

BARBOSA, P. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2012.

BARROS, I.; FONTE, R. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763. 2016.

CAVALCANTE, M. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n. esp., |VIII SENALE| p. 5-35-, 2018.

CAVALCANTE, M. **Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CAVALCANTE, M. *et al.* Gestualidade como pista importante da fluência infantil. **PROLÍNGUA**. [S.l.] v.10. n.1, p.43-50, 2015.

CAVALCANTE, M. Hologestos: Produções Linguísticas numa perspectiva multimodal. **Revista de Letras**, n.31, v. 1/2, 2012.

CRYSTAL, D. Prosodic Systems and Intonation in English. **Cambridge Encyclopedia of the English Language**. 1995.

CUNHA, D. G. P. da; FREITAS, F. A. F. de; COÊLHO, J. F. O papel da multimodalidade na aquisição da linguagem de crianças prematuras. **PROLÍNGUA**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 224–238, 2020.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

DODANE C. A emergência da linguagem: da proto-língua as primeiras formas linguísticas. Conferência de abertura, **III Encontro Nacional sobre a Linguagem da Criança – Saberes em Contraponto**, Porto Alegre. 2015.

DODANE C. **Au commencement était la prosodie: du langage en émergence à l’histoire de la description de la parole**. Praxiling (UMR 5267), Université de Toulouse Jean Jaurès, Montpellier 3. 2020.

DODANE, C.; DEL RÉ, A. Enfance et langage: voix, corps et discours. **Cahiers de praxématique**, [S.l.], n. 70, p. 1-6, 2018.

FARIA, D. A fala e o gesto incorporados e atrelados à vida vivida. **Kínesis**, Marília, v. 10, n. 22, p.58-67. 2018.

FONTE, R.; CAVALCANTE, M. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTENEGRO, A. C. de A.; BARROS, I. B. do R.; AZEVEDO, N. P. da S. G. de. (Org.). **Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática**. 224ed. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 205-205.

FONTE, R. *et al.* A Matriz Gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS *et al.* **Aquisição, Desvios e Práticas de Linguagem**. 1 ed. Curitiba: editora CRV, 2014, Pag. 11-26.

FONTE, R. F. L.; SILVA, K. Multimodalidade na linguagem de crianças autistas: o “não” em suas diversas manifestações. **PROLÍNGUA**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 250–262, 2020.

FRYDRYCH, L. **A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

FRYDRYCH, L. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GOLDIN-MEADOW, S. *et al.* Young children use their hands to tell their mothers what to say. **Developmental Science**. v. 10, n. 6, p. 778–785, 2007.

GOLDIN-MEADOW, S.; SINGER, M. From children's hands to adults' ears: Gesture's role in the learning process. **Developmental Psychology**, v. 39, n. 3, p. 509–520, 2003.

GOMES, M.; FARIA, E. Considerações sobre aquisição da linguagem de uma criança cigana Calon. **PROLÍNGUA**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 208–223, 2020.



HAQUIN, D. *et al.* Adaptaciones metodológicas para el análisis del discurso de niños con discapacidad intelectual: narrando sin lenguaje. **Signo y Pensamiento**. [S.l.] v. 35, n. 69, p. 68-82, 2016.

HILÁRIO, R.; SCARPA, E. **Vozes, ritmo e melodias na aquisição**. Araraquara, 17 de fevereiro de 2021. Duração: 1:24:19 [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yU2zVobGmEg&t=1323s>. Acesso em: 20.02.2021.

JOSEPH, J. Iconicity in Saussure's linguistic work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign, In: **Historiographia Linguistica**, vol. 42, no. 1/2, p. 85-105, 2015.

IVERSON, J. Multimodality in infancy: vocal-motor and speech-gesture coordinations in typical and atypical development. **Enfance**, [S.l.], v. 62, n. 3, p. 57-274, 2010.

KENDON, A. An agenda for gesture studies. **Semiotic Review of Books** 7(2): p.8-12, 1996.

KENDON, A. Gesture. **Annu. Rev. Anthropol.**, [S.l.], v.26, p. 109-128, 1997.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, A. How gestures can become like words. In: POYATOS, F. (Ed.). **Cross-Cultural Perspectives in Nonverbal Communication**. Lewiston, New York: C. J. Hogrefe, p. 131-141, 1988.

KENDON, A. The Study of Gesture: some remarks on its history. **Recherches sémiotiques/ semiotic inquiry**, [S.l.], v. 2, p. 45-62, 1982.

KENDON, A. Language's matrix. **Gesture**, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 355-372, 2008.

KITA, S. Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: A review. **Language and Cognitive Processes**, [S.l.], v.24, n.2, 2009, p. 145-167.

LEVIN, E.; **La clínica psicomotriz: el cuerpo en el lenguaje**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

LEVY, P. Emblemas - uma categoria de comportamentos não verbais. **Análise Psicológica**, [S.l.], vol. 5, p. 295-304, 1987.

MCNEILL, D. Gesture: a psycholinguistic approach. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**, p. 1-15, 2006.

MCNEILL, D. **Hand and Mind**. Chicago: Chicago University Press, 1992.

MCNEILL, D. **How language began: Gesture and speech in human evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MCNEILL, D. **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal?. **Psychological Review**, [S.l.], v.92, n. 3, p. 350-371, 1985.

MILANO, L. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. **EUTOMIA**, [S.l.], v.16, n.1, p.245-258, 2015.

MILANO, L. O que cabe em um signo linguístico? O caso do fonema. **EUTOMIA**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 67-78, 2016.

MILANO, L.; STAWINSKI, A. O arbitrário e/é a escuta. **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

OLIVEIRA, R. **Princípios metodológicos da transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Odontologia, Instituto de Psicologia, Curso de Graduação em Fonoaudiologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PARRET, H. La voix et son temps. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.

QUEK, F. *et al.* Multimodal human discourse: gesture and speech. **ACM transactions on computer-human interactions**, [S.l.], v.9, n.3, p.171-193, 2002.

RIBEIRO, J. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ROWE, M.; GOLDIN-MEADOW, S. Differences in early gesture explain SES disparities in child vocabulary size at school entry. **Science**, [S.l.], v. 323, , p. 951-953, 2009.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução, notas e posfácio Marcos Bagno; apresentação Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCARPA, E. M. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, 47(1) e (2):19-27, 2005.

SCARPA, E. M. Entoação e léxico inicial. **Veredas online**, Juiz de Fora, v.16, p. 40-54, 2012.

SCARPA, E. M. O lugar da holófrase nos estudos de aquisição da linguagem. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, 51(2): 187-200, Jul./Dez. 2009.

SCARPA, E. Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e prosódicos na aquisição da linguagem. **Estudos de Prosódia**, São Paulo, p. 253-284, 1999(b).

SILVA, P. **Gestos e produções vocais**: a fluência multimodal em aquisição da linguagem. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SOUZA, L. **Platão**: Crátilo. Estudo e tradução. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Grega. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

STAWINSKI, A. **À escuta da langue-parole**: considerações a partir da teoria saussuriana. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, A. **O aspecto fônico da língua**: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

STAWINSKI, A. O som como figura vocal e o som como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. **Leitura**, [S.l.], vol. 1, n. 62, 2019.

SURREAUX, L. **Linguagem, sintoma e clínica de linguagem**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SURREAUX, L.; DEUS, V. A especificidade da transcrição com base enunciativa na clínica fonoaudiológica. **Verba Volant**, v.1, n.1, 2010. P.110-120.

SURREAUX, L.; OLIVEIRA, R. Transcrição de base enunciativa em distúrbios afásicos: aspectos prosódicos e gestuais. **Prolíngua**. Volume 8. Número 2 - jul/dez de 2013. P.214-223.

UTAKER, Arild. Le retour de Saussure. In: RASTIER, François. (Ed.) **De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme**. Paris: Lambert-Lucas, 2016.

VASCONCELOS, A. *et al.* Réflexions sur la multimodalité dans le développement de la négation : étude de cas d'un enfant brésilien et d'un enfant français. **Cahiers de praxématique**. [S.l.], n. 70, p.1-19, 2018.

WHITNEY, William D. **A vida da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2010.

ZUCCARINI, M. *et al.* Does early object exploration support gesture and language development in extremely preterm infants and full-term infants? **Journal of Communication Disorders**. v. 76, p. 91-100, 2018.